

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO**



**HIPERMODERNIDADE E IDENTIDADE:
Um estudo de caso comparativo entre Regiões Administrativas de
Pelotas, RS.**

PAULA NEUMANN NOVACK

**PELOTAS
2015**

PAULA NEUMANN NOVACK

**HIPERMODERNIDADE E IDENTIDADE:
Um estudo comparativo entre Regiões Administrativas de
Pelotas, RS.**

Dissertação apresentada à conclusão de curso de Pós-Graduação em Geografia, nível de Mestrado, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestra em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

**PELOTAS
2015**

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Sidney Gonçalves Vieira, Dr. - Orientador, UFPEL

Membro: Prof^a. Giovana Mendes de Oliveira, Dr^a, UFPEL

Membro: Prof. Solismar Fraga Martins, Dr, FURG

Pelotas, 14 de Agosto de 2015.

Para José Luiz, meu pai, exemplo de amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A minha família pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas pela oportunidade de concluir mais uma importante etapa da minha formação acadêmica.

Aos meus pais Geógrafos, Sidney Gonçalves Vieira e Giovana Mendes de Oliveira que me ensinaram a amar e respeitar esta profissão. Deixo aqui também, um abraço especial a todos os demais professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

Ao Laboratório de Estudos Urbanos, Regionais e Ensino de Geografia e seus integrantes, que foram essenciais para o meu crescimento.

À Mara Lucia Vasconcelos Costa, amiga fiel que me amparou em muitos momentos.

À Gilciane Soares Jansen, Franciélis Ferreira Vargas e Carina da Silva, pelo companheirismo e amizade que me dedicam.

À minha amiga Messina Morales Medina, sempre presente em doces e amargos momentos.

Agradeço de coração, a todos que aqui foram citados e também aqueles que não estão nesta pequena lista, mas que de alguma forma, se fizeram presentes ao longo desta jornada.

A todos vocês, muito obrigada.

“Um mundo de presente eterno, sem origem ou destino, passado ou futuro; um mundo no qual é impossível achar um centro ou qualquer ponto ou perspectiva do qual seja possível olhá-lo firmemente e considerá-lo como um todo; um mundo em que tudo se apresenta é temporário, mutável ou tem o caráter de formas locais de conhecimento e experiência. Aqui não há estruturas profundas, nenhuma causa secreta ou final; tudo é (ou não é) o que parece na superfície. É um fim à modernidade e a tudo que ela prometeu e propôs.”

Krisham Kumar

RESUMO

O tema principal da pesquisa está presente no contexto da geografia urbana assim realizando considerações acerca do processo de produção do espaço urbano, onde a questão central da pesquisa está inserida. O objetivo principal do trabalho verificou se o contexto da hipermodernidade está relacionado com a formação da identidade espacial em casos concretos, em Pelotas. Outro objetivo utilizou o conceito de metápoles para analisar e verificar em que medida o processo de metapolização pode ser observado na cidade Pelotas. A pesquisa apresenta uma discussão sobre o conceito de hipermodernidade, bem como identidade espacial urbana que posteriormente são relacionados com os resultados do trabalho de campo e com a situação atual da cidade de Pelotas. Do ponto de vista metodológico o trabalho utilizou fundamentação própria das pesquisas no campo das ciências humanas, especificamente a pesquisa qualitativa e o estudo de caso. Para responder os objetivos da pesquisa foram estudadas duas regiões administrativas de Pelotas, os chamados “bairros” São Gonçalo e Fragata. Além da pesquisa bibliográfica sobre o processo de urbanização, modernidade, pós-modernidade, hipermodernidade e metapolização também foi realizada uma pesquisa de campo nos bairros com entrevistas à população local. Os resultados do trabalho de campo serviram de base para as análises propostas com a finalidade de verificar a relação da hipermodernidade na formação da identidade e a aplicação do conceito de metápoles no contexto estudado, entre outras análises.

Palavras-Chave: Modernização. Hipermodernidade. Bairro. Identidade. Pelotas.

ABSTRACT

The subject of this project is part of the Urban Geography field, hence realizing considerations about the urban space production process, where the central question of this research is inserted. The main objective of this study investigated if the context of hypermodernity is related to the formation of spatial identity in real cases in Pelotas. Another objective used the concept of metapolis to analyze and verify to what extent the metapolisation process can be observed in the city of Pelotas. This research presents a discussion of the concept of hypermodernity and urban spatial identity that later are related to the results of the fieldwork and the current situation of the city of Pelotas. From a methodological point of view, this study used typical principles of research in the field of social sciences, specifically the qualitative research and the case study. To answer the research objectives, two administrative regions were studied in Pelotas, the so-called "neighborhoods" Sao Gonçalo and Fragata. In addition to the literature on the process of urbanization, modernity, postmodernity, hypermodernity and metapolisation it was also conducted field research in neighborhoods through interviews to local people. The results of the field work served as basis for the proposed analyzes in order to verify the relationship of hypermodernity to identity formation and the application of the concept of metápoles in the studied context, besides other analyzes,

Keywords: Modernization. Hypermodernity. Neighborhoods. Identity. Pelotas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Fundamentação Teórica	16
1.2 Metodologia.....	21
2 A MODERNIZAÇÃO E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA SOCIEDADE	30
2.1 A modernização da sociedade.....	31
2.2 Modernidade.....	41
2.3 Pós-modernidade.....	47
3 A HIPERMODERNIDADE E OS NOVOS CONCEITOS SOBRE A SOCIEDADE URBANA	52
3.1 A hipermodernidade.....	52
3.2 As metápoles e o atual estágio da sociedade urbana.....	59
3.3 A identidade urbana.....	65
3.4 A espacialização da sociedade: o rizoma enquanto forma.....	72
4 O BAIRRO E A IDENTIDADE URBANA: Um estudo sobre as Regiões Administrativas de Pelotas	78
4.1 O bairro.....	78
4.2 As regiões administrativas de Pelotas: os bairros	82
4.3 Região Administrativa São Gonçalo.....	83
4.4 Região Administrativa Fragata.....	91
4.5 Estudo Comparativo entre as Regiões Administrativas pesquisadas.....	100
4.6 Pelotas e a permanência da Modernidade.....	115

5. CONCLUSÃO	120
BIBLIOGRAFIA	125

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa urbano de Pelotas, Macrorregiões.....	84
Figura 2: Mapa da Região Administrativa São Gonçalo.....	86
Figura 3: Fotografia do Foro da Comarca de Pelotas.....	88
Figura 4: Duplicação da Avenida Ferreira Vianna.....	89
Figura 5: Fotografia da parte interna do condomínio Par Princesa do Sul.....	90
Figura 6: Fotografia do condomínio Toscana.....	91
Figura 7: Mapa da Região administrativa do Fragata.....	94
Figura 8: Centro Comercial Bairro Cidade.....	95
Figura 9: Ponte do Fragata.....	97
Figura 10: Entrada do Parque Souza Soares.....	98
Figura 11: Avenida 2 de Fevereiro que atravessava o Parque Souza Soares.....	99
Figura 12: Construção dos trilhos em Pelotas.....	100
Figura 13: Representa o tempo de moradia e de relação com o local.....	104
Figura 14: Porcentagem de moradores que conhecem e desconhecem o histórico de formação da Região Administrativa.....	105
Figura 15: Lugares onde consome os produtos do cotidiano.....	106
Figura 16: Porcentagem de pessoas que estudam ou trabalham, dentro ou fora da Região Administrativa São Gonçalo.....	107
Figura 17: Porcentagem de moradores que fazem suas refeições em casa ou fora dela.....	108
Figura 18: Porcentagem de pessoas que deixam de frequentar algum lugar que gostaria dentro da cidade.....	109
Figura 19: Representa o tempo diário que os moradores utilizam conectados na internet.....	110
Figura 20: Representa o tempo de moradia e de relação com o local.....	111
Figura 21: Porcentagem de moradores que conhecem e desconhecem o histórico de formação da Região Administrativa Fragata.....	112

Figura 22: Lugares onde consome produtos do cotidiano.....	113
Figura 23: Porcentagem de pessoas que trabalham ou estudam, dentro ou fora da Região administrativa do Fragata.....	114
Figura 24: Porcentagem de moradores que fazem suas refeições em casa ou fora dela.....	115
Figura 25: Porcentagem de pessoas que deixam de frequentar algum lugar que gostaria dentro da cidade.....	116
Figura 26: Representa o tempo diário que os entrevistados ficam conectados a internet.....	117

1 INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa está inserido na geografia urbana, portanto cabe destacar a importância do processo de produção do espaço urbano, principalmente por conta da concentração da população em direção à cidade. Esta produção do espaço ocorre de acordo com o desenvolvimento técnico, financeiro e de relações estabelecidas em cada local.

Segundo Carlos (1994, p. 83)

A cidade é essencialmente o locus da concentração de meios de produção e de concentração de pessoas; é o lugar da divisão econômica do trabalho (o estabelecimento industrial num determinado lugar, os galpões, os escritórios em outros), é o lugar da divisão social do trabalho dentro do processo produtivo da sociedade e é também um elo na divisão espacial do trabalho na totalidade do espaço (tanto em nível local, regional, nacional, como internacional).

Sendo assim é possível dizer que a cidade é o local onde se concentra as populações e conseqüentemente os elementos de produção do espaço. Dentre eles, destacam-se as necessidades, as atividades, os serviços e uma infraestrutura para receber as populações, a concentração de pessoas está fortemente relacionada com a concentração do capital.

O fenômeno da produção do espaço urbano está ligado à concentração de pessoas na cidade. Esta é uma das condições básicas para que o processo de produção do espaço aconteça, este fator transcende as questões relacionadas à reprodução econômica.

Seguindo na ideia de realizar uma análise mais detalhada, se faz necessário destacar também, que o urbano ultrapassa a mera concentração do processo produtivo. O urbano representa um produto do processo de reprodução em um determinado tempo e se caracteriza historicamente.

O processo de produção do espaço urbano supera os limites de uma determinação econômica, de trocas e circulação de mercadorias. Também considera os acontecimentos sociais, políticos, ideológicos e jurídicos que formam a totalidade de um processo de produção econômico e social.

Sendo assim, o urbano considera para sua totalidade todos os elementos necessários para a produção e reprodução da vida social. Dentre esses elementos se destaca as necessidades que cada grupo social tem para

sua consolidação. Estas necessidades estão intimamente relacionadas com os sonhos, desejos de cada um e também com o modo de consumir, pensar, agir sobre uma porção determinada do espaço.

De acordo com as relações capitalistas estabelecidas, será possível determinar a ocupação de algum lugar da cidade, a partir das necessidades de realização, seja para consumo, habitar ou viver.

Para Carlos (1994, p. 85):

O ser humano necessita, para viver, ocupar um determinado lugar no espaço. Só que o ato em si não é meramente o de ocupar uma parcela do espaço; ele envolve o ato de produzir o lugar.

Este fato citado pela autora ocorre porque cada pessoa tem a necessidade de suprir as condições materiais básicas para sua existência como humano, como produtor dos meios da vida, que variam de acordo com as forças produtivas e que possibilitam a reprodução do espaço. Ainda sobre a breve discussão acerca do processo de produção do espaço urbano é importante ressaltar que:

A produção espacial realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e utilização de determinado lugar num momento específico. Do ponto de vista do produtor de mercadorias, a cidade materializa-se como condição geral da produção (onde se produz a mais-valia) e da circulação (onde esta é realizada). Assim entendida a cidade é também o mercado (de matérias-primas, mercadorias e de força de trabalho); as atividades de apoio à produção (escritórios, agências bancárias, depósitos etc.). Todavia, como o processo é concentrado, a cidade deverá expressar essa concentração. (CARLOS 1994, p. 86)

Cabe ressaltar que a urbanização se expande muitas vezes resultando numa aglomeração em direção a redes privilegiadas como a comunicação, transporte e em relação às classes sociais que se deslocam para determinada área.

Sendo assim, criam-se vias de comunicação que transformam terrenos vazios ou descampados em ocupações, construções urbanas. Estes vazios urbanos vão sendo ocupados e agregados à composição urbana existente, justapostos à composição tradicional, comprovando um movimento constante de expansão urbana sobre determinados espaços, o mesmo acontece sobre tecido rural, este fenômeno ocorre de várias formas.

O marco inicial da urbanização e sua constante evolução são identificados principalmente pela Revolução Industrial e as características da sociedade pós-industrial. As possibilidades de emprego atraem a população

para as cidades de forma irreversível fazendo com que tal fenômeno cresça de forma significativa.

A evolução dos transportes e meios de comunicação contribuiu de forma significativa para este fenômeno possibilitasse, cada vez mais, o aumento da distância no percurso casa-trabalho, levando a uma expansão da cidade cada vez maior, mais significativa e em todas as direções.

Por conta dessa vida urbana e pós-industrial a sociedade sofre grandes mudanças ligadas principalmente à influência da globalização e da tecnologia. As cidades têm uma configuração influenciada pela hipermodernidade, por mais que ela não seja determinante, está presente e, influenciando a formação e a transformação das identidades de cada cidade. Em grandes metrópoles as relações hipermodernas são facilmente identificadas pelo sistema de isolamento e individualização presentes.

Em cidades médias como Pelotas esse fenômeno não é tão intenso e aparente porque a cidade ainda possui ligações entre as localidades, mas mesmo assim, é possível identificar a presença da hipermodernidade em alguns comportamentos e ações das pessoas. Em cidades de porte médio, é possível identificar uma permeabilidade entre os locais, entre os bairros. Mas não se pode descartar a análise e a influência das tecnologias e dos comportamentos hipermodernos na vida das pessoas, mesmo que eles não se efetivem espacialmente.

Atualmente a hipermodernidade, a tecnologia e os meios de comunicação estão presentes e de certa forma influenciando o comportamento das pessoas com relação à cidade. Conseqüentemente este fenômeno relaciona-se com a formação e transformação da identidade, dos sentimentos e sentidos que as pessoas atribuem ao local, bairro ou cidade onde vivem.

Portanto se pode dizer que as pessoas vivem em um contexto hipermoderno com influências hipermodernas, mas que esse fenômeno nem sempre pode ser visto espacialmente. A influência da hipermodernidade está posta, até mesmo os lugares mais remotos e as populações mais pobres sofrem as conseqüências desse fenômeno. Cabe aqui ressaltar qual o nível de interferência e qual as dimensões que tal processo traz para o contexto da identidade e da formação dos bairros estudados.

A partir desse contexto de produção do espaço urbano e sua constante transformação é formulada a questão principal da pesquisa que busca verificar a relação da hipermodernidade na identidade e na configuração atual de duas regiões administrativas da cidade de Pelotas. E, além disso, tem como um dos seus objetivos principais, analisar juntamente com o contexto da hipermodernidade o conceito de metápoles e sua aplicabilidade em cidades médias como Pelotas.

1.1 Fundamentação Teórica

A pesquisa tem como sua principal problemática, analisar a relação da hipermodernidade na construção de identidade no contexto da formação dos bairros Fragata e São Gonçalo (regiões administrativas) existentes na cidade de Pelotas. Sendo assim a pesquisa tem como principal questão: Verificar se o contexto da hipermodernidade está relacionado com a formação da identidade em casos concretos.

A pesquisa tem como um segundo objetivo, utilizar o conceito de metápoles para entender se o processo de metapolização ocorre na cidade de Pelotas. As metápoles são centralidades independentes dentro de grandes metrópoles. Na pesquisa busca-se entender como esse processo de metapolização ocorre em grandes cidades e se o mesmo processo poderia ocorrer em cidades menores que não configuram propriamente uma metrópole.

Uma das hipóteses da pesquisa é de que esse fenômeno não ocorre na cidade de Pelotas. Mas para entender um pouco mais sobre esse processo e também para compreender como ele ocorre, foram pesquisados dois bairros da cidade de Pelotas, um tradicional e outro em processo de ocupação. Análise dos bairros tem como objetivo entender a dinâmica interna de identidade e também explicar o porquê que o processo de metapolização ocorre ou não em Pelotas, considerando esses dois casos. As vilas, os bairros ainda tem muita permeabilidade, eles se comunicam entre si, principalmente com o centro. No caso de Pelotas sendo uma cidade de porte médio, provavelmente não ocorra um fenômeno de internalização e a metapolização.

Esta contatação torna-se possível através das entrevistas que propiciaram investigar pela categoria da identidade o quanto as pessoas se

interiorizam e desconsideram o todo. Para realização dessa verificação utilizamos as ideias de cotidiano também presente na obra do autor Lefebvre (1991) considerando as questões relacionadas à família, trabalho e lazer para, a partir disso, identificar o grau de envolvimento e até mesmo de isolamento das pessoas em relação ao todo.

Lipovetsky (2004) explica a questão da modernidade nessa época em que as pessoas são desligadas, desconectadas da vida dos outros. Ascher (1995) passa isso para a dimensão espacial com o conceito de metápoles e rizoma. Temos também como objetivo analisar essa introspecção do bairro pra dentro de si mesmo.

No primeiro momento a cidade moderna é chamada de comercial com o centro físico somente. Mas no segundo momento, esta mesma cidade se expande e se torna o lugar do capitalismo e da fragmentação, onde as divisões ocorrem efetivamente, como por exemplo, bairro de ricos, de pobres e até mesmo com divisões étnicas. E no terceiro momento da cidade já com uma configuração hipermoderna, esse processo tende a criar ilhas isoladas onde lugares dentro deles mesmos provocam outros lugares. Esses lugares compõem a ideia de rizoma do autor Ascher (1995), esse centro que surge pode agrupar muitos outros, podem obter uma linha de controle e não o centro original.

O processo que configura a hipermodernidade une a cidade do comércio inicial (centro-periferia), do capital (fragmentada) e da hipermodernidade (rizomática). Do ponto de vista social, político e econômico temos esse processo de modernização que ultrapassa essas fases. Outro ligado ao centro-periferia, fragmentação e rizoma que são os modelos de estrutura também chamados de estruturação urbana, expressam como a cidade muda fisicamente.

São dois processos distintos, um processo social que provoca um processo espacial. O social aponta para hipermodernidade e todos os conceitos envolvidos, correlatos de vazio, de consumo e isto como se traduz no espaço e conseqüentemente no processo espacial onde as questões ligadas ao conceito de rizoma, do isolamento, da identidade, aparecem materialmente. Partindo do pressuposto que esse conceito de metapolização é um processo

social, analisa-se se o mesmo pode ou não acontecer em outros ambientes que não exclusivamente metropolitanos.

O trabalho traz ainda uma discussão acerca da identidade como uma categoria de análise que propicia avaliar quanto às pessoas se consideram pertencentes aquele lugar, qual a identidade que as pessoas têm com determinado lugar. O São Gonçalo, por exemplo, é um bairro que está em construção por isso não possui uma identidade própria, mas ele possui uma parte mais antiga que inicialmente configurou uma periferia, uma extensão da vila operária da zona portoária. Ainda sobre o São Gonçalo relacionado com a hipermodernidade, podemos identificar ilhas nos novos loteamentos. São as cidades dentro de cidades, esse conceito de isolamento existe dentro dos condomínios fechados, muito mais do que em bairros.

Sobre a fundamentação teórica, antes de discorrer sobre a hipermodernidade, a identidade, o conceito de Metápoles e propriamente o estudo de caso, cabe ressaltar o processo de construção da sociedade moderna que deu origem ao modelo de sociedade que se tem hoje.

A modernidade é um processo socialmente construído, envolve a criação e sustentação de padrões de desenvolvimento da sociedade. Esses padrões avançam e se modificam com o tempo.

Portanto a sociedade moderna tem como uma de suas premissas a promessa do avanço constante com a ideia de que há uma progressão e melhoria constante da sociedade (dia de amanhã vai ser melhor que o de hoje) e assim sucessivamente. A modernidade usa como desculpa a busca por uma vida melhor para justificar e intensificar sua pressa, e coloca para os indivíduos que eles estão equivocados quando não conseguem acompanhar o ritmo acelerado dos acontecimentos diários.

Além disso, podemos dizer que a modernidade tem uma relação próxima com formação das identidades. Existe um processo de resistência e até mesmo de competição entre a modernidade e a identidade, esta busca incessante pela identidade configura um processo obstinado de realização da mesma. Porém, este é sempre um processo cruel porque inevitavelmente a modernidade está presente e influencia na vida de toda a sociedade.

Por isso, podemos dizer que a modernidade e as fases seguintes como a pós-modernidade e a hipermodernidade são inevitáveis e estas possuem um

caráter autocrítico muito forte que se caracteriza pela busca da perfeição que, de certa forma, não é alcançada, isso gera um mal-estar e um descontentamento. As realizações são meras cópias de acontecimentos passados, o que existe é uma reprodução do modelo de sociedade moderna.

É como nos diz Bauman (1998, p. 92)

Em outras palavras, a modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento. Não se resolve necessariamente estar em movimento – como não se resolve ser moderno. É-se colocado em movimento ao ser lançado na espécie de mundo dilacerado entre a beleza da visão. Nesse mundo, todos os habitantes são nômades que perambulam a fim de fixar. Além da curva surgem novas curvas, com novas frustrações e novas esperanças ainda não destroçadas.

A questão da pesquisa além da discussão na modernidade traz também uma discussão acerca da individualização dos lugares que pode ser apontado como um elemento fortificado pela globalização, pois esta se efetiva e influencia diretamente na configuração de todos os lugares. Um dos fatos que aparece durante o texto é as justificativas e também as referências que fazem o local manter frente ao global, algumas características próprias que os tornam únicos.

Ainda sobre esta questão podemos afirmar que o global (universal) está sempre ligado ao local (particular) e um influencia no outro diretamente. “A atualidade é unidade do universal e do particular: este aparece como se fosse separado, extinto por si, mas é sustentado e contido no todo. O particular se origina no universal e dele depende”. (SANTOS 1996, p. 119)

Além disso, de acordo com Santos (1996, p. 124):

É a ação que une o Universal ao Particular. Levando o Universal ao Lugar, cria uma particularidade. E esta sobrevive como Particular ao movimento do Todo, para ser ultrapassada pelos novos movimentos. A particularidade ultrapassada precede a universalidade atual e sucede à universalidade defunta. Há, pois, um movimento interativo no qual a particularidade e universalidade fertilizam-se mutuamente.

Sobre a fundamentação teórica, inicialmente a pesquisa faz uma discussão acerca do cotidiano da sociedade relacionada com a hipermodernidade. Além disso, traz uma análise dos conceitos de Metápoles, identidade de bairro e rizoma. A pesquisa busca explicar o bairro como uma forma de produção da vida urbana, da reprodução das relações humanas. Ressalta que mesmo com a globalização e a tentativa de individualização da sociedade, os lugares resistem e assim fortalecem suas identidades culturais

locais, afirmando-se como um lugar único dotado de identidade e características locais que resistem e se intensificam diante da globalização.

Ainda sobre a fundamentação teórica, para realizar esta pesquisa considerando o processo de formação da identidade dos bairros ou regiões administrativas de Pelotas, inicialmente foram escritas considerações a cerca do processo de modernização considerando as fases de urbanização na sociedade a primeira, segunda e terceira revolução urbana encontradas na obra de Ascher (2002).

No segundo momento ainda considerando a discussão teórica que traz embasamento para a pesquisa, foi realizada uma discussão que envolve a modernidade e seu processo. Dentro desse capítulo apareceram às discussões relacionadas com a modernidade, pós-modernidade onde foram utilizados principalmente os autores Bauman (2001), Harvey (1992).

Na sequência o texto apresenta uma discussão teórica sobre os conceitos de hipermodernidade, metápoles na identidade urbana e rizoma. Considerando que as metápoles são cidades que configuram outras cidades dentro de si mesmas se relacionadas com os intensos e diversos processos de urbanização ligados à sociedade hipermoderna e também ligados aos processos de formação de identidades.

Depois de explicar sobre a teoria, os conceitos de análise que a pesquisa apresenta, é trabalhada a aplicação de tal teoria para o estudo de caso da cidade de Pelotas. Nesse contexto da hipermodernidade e da formação de identidade em resistência a velocidade e superficialidade que esses tempos representam é que se explica e analisa a formação da identidade nos bairros até o momento.

Serão pesquisadas as regiões administrativas Fragata e São Gonçalo. Esses bairros atualmente são chamados de regiões administrativas, denominação criada pelo plano diretor da cidade de Pelotas. Utilizam-se os limites desses bairros ou regiões administrativas instituídas pelo Plano Diretor como uma forma de definir e delimitar espacialmente a área de estudo.

A pesquisa se justifica principalmente pela necessidade documentar e escrever sobre a relação da hipermodernidade e da metapolização na formação da identidade de pequenos grupos considerando as regiões administrativas de Pelotas. Até o momento não existe um trabalho que tenha

feito uma discussão relacionando o processo de modernização e sua evolução, com o processo de formação dos denominados bairros e de identidade levando em consideração o local e também o contexto da metapolização.

Anteriormente foram feitas duas pesquisas que influenciaram no interesse de realizar a pesquisa atual. Esses dois trabalhos foram realizados considerando a região administrativa São Gonçalo, primeiramente foi analisado o processo de produção do espaço urbano na área ocupada por esta região administrativa levando em conta os principais empreendimentos que se instalaram no local nos últimos anos.

Considerando essa primeira pesquisa, em conversa informal com os alguns moradores da região administrativa, foi possível identificar que os mesmos não conheciam a denominação São Gonçalo, criada pela última versão do plano diretor de Pelotas. A partir disso, surgiu então o interesse de trabalhar com os moradores e saber o que eles pensam como eles enxergam e caracterizam o lugar onde moram. Dentro dessa pesquisa foi analisada a identidade das pessoas que moram dentro do perímetro da região administrativa São Gonçalo.

Atualmente essa pesquisa buscou aprofundar as discussões das regiões administrativas Fragata e São Gonçalo considerando o processo de formação da identidade do local frente ao processo de modernização da sociedade.

1.2 Metodologia

Para escrever sobre a relação da hipermodernidade na construção da identidade e da formação dos bairros a pesquisa traz uma abordagem qualitativa com objetivo de entrevistar os moradores de cada bairro e a partir disso, analisar e investigar sua configuração no que tange os elementos que demonstram sua identidade e sua formação.

Para tanto foi utilizada uma metodologia investigativa trabalhada nas ciências sociais e humanas, onde a empiria é considerada como um método para entender a realidade social e também como uma forma de fazer ciência. Inicialmente podemos dizer que as ciências sociais carregavam em suas bases duas maneiras de realizar uma pesquisa investigativa. Como ressalta Shiota (2004, p.2):

(...) havia na sociologia duas indoles de trabalho investigativo: o primeiro preocupado com a formulação de sistemas totais de teorias através de um trabalho de erudição, generalizações e formulação de leis sociológicas; e, o outro, de pesquisadores empíricos, observadores minuciosos de objetos de pequena abrangência, sem preocupação com as orientações ou implicações teóricas de seus trabalhos. Esse duplo caráter poderia ser respectivamente identificado nas tradições europeia e norte-americana.

Seguindo nessa perspectiva considera-se que as formas de investigação progrediram e foram aprimoradas principalmente as técnicas que envolviam a pesquisa empírica. Com estudos complementares surgiram às teorias de médio alcance que de acordo com Shiota (2004, p. 3):

As teorias de médio alcance, desse modo, surgem como panaceia para o desenvolvimento científico da sociologia no pensamento de Merton. Além dessas funções derivadas, a questão principal defendida é o seu valor teórico de criar problemas característicos para a investigação sociológica, permitindo a investigação empírica. Trata-se de um conjunto de pressupostos que engendram logicamente hipóteses específicas a serem testadas empiricamente, ultrapassando simples descrições ou generalizações empíricas. Encontrando uniformidades poder-se-ia, ai sim, almejar uma teoria mais geral ou leis científicas, pois, como ciência, a sociologia deve satisfazer os cânones científicos, competindo-lhe antes desenvolver teorias especiais aplicáveis a objetos conceituais limitados.

No Brasil o autor que trabalhou e desenvolveu a pesquisa qualitativa numa perspectiva mais humana e sociológica ressaltando a empiria foi o sociólogo Florestan Fernandes. Este autor definia a sociologia como “consciência científica da sociedade de classes”, e assim explicava a configuração social e apontava suas possibilidades e suas transformações. O mesmo se preocupava muito com essa análise baseada na empiria e com seu caráter de valorização e consideração dos problemas sociais pelo fato de que tal abordagem pudesse de certa forma ser considerada uma análise puramente social sem base científica.

Para o autor a indução envolve uma abordagem tanto qualitativa como quantitativa. Mas seguindo a necessidade da atual pesquisa enfatizamos a abordagem qualitativa esta abordagem abrange três aspectos principais: as pretensões interpretativas, a complexidade dos fenômenos a serem explicados e a variedade de problemas suscitados pelas pretensões interpretativas.

Assim se pode dizer que o este método entendido como processo envolve num sentido técnico (método de investigação) e lógico (método de interpretação), frente ao objeto de estudo. Assim é necessário considerar que a

pesquisa e o método possuem uma dimensão que envolve a realidade e carrega consigo problemas teóricos e empíricos específicos.

O método também pode ser utilizado em pesquisas realizadas pela geografia. No caso específico sobre a formação dos bairros em conjunto com a identidade, o método se torna de grande valia levando em consideração o seu caráter empírico e interpretativo. Esses elementos que envolvem o conhecimento científico precisam ser analisados, neste caso, através de tipos empíricos (onde aparecem as características objetivas das propriedades dos fenômenos e da sua forma de aplicação) para posteriormente serem trabalhados de forma científica.

Portanto é realizada uma análise que considera os diferentes tipos de informações e também o grau de complementaridade das mesmas no universo empírico em questão. A partir disso a sistematização se faz necessária e é possível classificar as instâncias empíricas significativas para a explicação dos fenômenos. Assim é possível fazer uma representação analítica como explicação das propriedades do objeto.

Por isso, a teoria da investigação humana e sociológica apresenta procedimentos necessários para a concretização do conhecimento científico, conforme um sistema referencial que exige uma configuração técnica e empírica rigorosa para que os fatos sejam analisados de forma precisa. A observação faz uso de hipóteses provisórias que podem se efetivar ou não, a partir do uso de técnicas adequadas aos problemas investigados. A construção do objeto se realiza a partir da empiria, da descrição interpretativa de suas características e de suas relações essenciais.

Sendo assim, o conhecimento que resulta da indução qualitativa vai do concreto ao abstrato num processo chamado de lógico indutivo, resultante do problema definido pela teoria e dos fatos definidos pela experiência, ou seja, pela empiria.

A pesquisa qualitativa também é trabalhada no campo da geografia e das ciências humanas de uma forma geral. Pessôa (2002) é uma das autoras que estuda e escreve sobre a pesquisa qualitativa. Para os geógrafos a pesquisa qualitativa é fundamental na inserção do pesquisador no contexto de interpretação e interação com objeto de pesquisa e também na adoção de uma postura teórico-metodológica para identificar e analisar fenômenos. Assim

como todos os processos existências, a ciência é dinâmica e está em constante processo de transformação na busca de resultados satisfatórios.

Os processos metodológicos vêm se aprimorando e acompanhando o desenvolvimento e as transformações que ocorrem na ciência geográfica. Durante o período da geografia tradicional as análises e os estudos eram pautados na observação, na descrição e na representação dos fatos, essas limitações não eram suficientes para explicar a realidade brasileira e tão pouco a mundial frente às mudanças que estavam ocorrendo pelo desenvolvimento do capitalismo.

Tais mudanças envolviam questões econômicas, sociais e políticas é uma recorrência da expansão do capitalismo, e também em função da urbanização que se expandiu de forma acelerada por conta da industrialização. Além disso, a mecanização das atividades ligadas ao campo em várias partes do mundo se concretizava, o fenômeno da modernização da agricultura e o êxodo rural foram fatores que muito contribuíram para o crescimento e expansão das cidades.

Portanto a Geografia Tradicional não era mais suficiente para explicar e fundamentar os conhecimentos relacionados a realidade desta ciência. A partir disso surge um momento que crise científica que gerou o movimento de Renovação da Geografia. Este movimento de renovação se divide em dois paradigmas chamados de Geografia Pragmática e Geografia Crítica.

A Geografia Pragmática possuía uma abordagem mais quantitativa sobre os fatos e por algum tempo foi utilizada como abordagem científica para os estudos geográficos. Mas com o passar do tempo essa abordagem se tornou insuficiente para os estudos relacionados principalmente a geografia humana. Assim sendo, na década de 1970 essa preocupação com aparência ou somente com o visível do lugar não eram mais plausíveis para explicar a realidade.

A partir disso foi necessário ir além à procura por resultados aos objetos de pesquisa, assim buscava-se chegar mais próximo possível da essência da realidade, social, política e econômica vivida pela sociedade, fatores que fortaleceram e deram lugar para a introdução da Geografia Crítica. Assim a busca por outros caminhos metodológicos levou os geógrafos a redefinirem suas técnicas de pesquisa já utilizadas representadas pelo trabalho de campo

e a observação unidas a novas técnicas como entrevistas, história oral, estudo de caso, pesquisação, entre outros. Estas eram novas possibilidades para a investigação geográfica, um novo olhar para tentar definir e explicar os fenômenos da sociedade, todos esses métodos derivados da pesquisa qualitativa.

O principal objetivo da pesquisa qualitativa é explicar de forma mais clara e minuciosa os fenômenos que acontecem no processo de transformação da sociedade. O pesquisador usa da pesquisa qualitativa para estudar um fenômeno e posteriormente apresentar com maior clareza os resultados da sua pesquisa à sociedade, e esta atitude denota um fator importante na disseminação do conhecimento.

Através dos resultados alcançados os indivíduos são capazes de entender com mais detalhes a realidade onde estão inseridos e assim podem se posicionar criticamente frente a ela. Sendo assim, o pesquisador pode propor análises e discussões para o seu problema de pesquisa e fazer com que esses resultados alcancem um maior número de pessoas.

Além da pesquisa qualitativa em si, também usamos uma abordagem metodológica que está dentro deste contexto, o chamado estudo de caso.

A pesquisa de estudo de caso é uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio da coleta de dados detalhada em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informação (por exemplo, observações, entrevistas, material audiovisual, documentos e relatórios) e relata uma descrição do caso e temas do caso. (CRESWELL 2014, p. 86)

O estudo de caso é uma metodologia muito utilizada pelos cientistas sociais e como citado acima possui uma relação íntima com os métodos utilizados na pesquisa qualitativa, por esses motivos é que essa abordagem se encaixa na presente pesquisa. A partir do momento são selecionadas duas regiões administrativa de Pelotas para análise e obtenção dos objetivos da pesquisa que estão automaticamente ligadas a essa abordagem chamada de estudo de caso.

Assim é possível afirmar que a pesquisa aqui apresentada é um estudo de caso porque possui as características definidoras dessa abordagem, entre elas cabe citar a definição de um caso específico com a intenção de entender uma questão, um problema ou uma preocupação específica. Além disso, o

estudo de caso busca a coleta de dados qualitativos, através de entrevistas e observações, características presentes nessa pesquisa.

Cabe citar ainda a escolha de como abordar a análise dos dados encontrados na pesquisa e também fazer uma descrição do local estudado (não uma descrição pura e simples, mas uma descrição crítica da situação atual do determinado estudo). Para, além disso, muitos estudos de caso são organizados de uma forma cronológica pelo pesquisador, analisando entre eles as diferenças e as semelhanças entre um e outro. Essa também é uma prática adotada por esta pesquisa.

Existem também vários procedimentos para a condução e aplicação de um estudo de caso, segundo Creswell (2014, p. 88):

Primeiramente, os pesquisadores determinam se uma abordagem de estudo de caso é apropriada para o estudo do problema de pesquisa. Um estudo de caso é uma boa abordagem quando o investigador possui casos claramente identificáveis e delimitados e busca fornecer uma compreensão em profundidade dos casos ou uma comparação de vários casos. A seguir, os pesquisadores precisam identificar seu caso ou casos. Esses casos podem envolver um indivíduo, vários indivíduos, um programa, um evento ou uma atividade.

Sendo assim cabe afirmar que a pesquisa aqui desenvolvida trata-se de um estudo de caso, pois a denominada abordagem auxiliou diretamente nos resultados encontrados na pesquisa de campo. Outro procedimento fundamental para um estudo de caso se efetivar foi utilizado neste trabalho, à forma de coleta de dados que em uma pesquisa de estudo de caso é extensa e se baseia fortemente em fontes de informação como observações, entrevistas, documentos e outros. Para a metodologia da pesquisa, foram utilizadas abordagens que configuram um estudo de caso relacionado com os métodos da pesquisa qualitativa.

Portanto a pesquisa busca fazer uma análise qualitativa baseada em entrevistas que possibilitam o entendimento da realidade vivida pelos moradores do bairro Fragata e também do bairro São Gonçalo, ambos com suas peculiaridades e configurações distintas no que tange a questão temporal. A pesquisa realizou entrevistas que fazem parte do método qualitativo, mas que ao mesmo tempo nos possibilitou fazer análise do deslocamento e também da permanência que o morador possui com relação ao seu bairro. Através dessa metodologia foi possível observar e de certa forma mapear a relação do morador com o bairro e também identificar qual o nível de envolvimento,

dependência e identidade que as pessoas possuem em relação ao seu local de moradia.

Foram realizadas trinta entrevistas em cada bairro (entrevistas semi-estruturadas) com perguntas relacionadas ao tempo em que a pessoa mora no bairro, se a mesma conhece o histórico de formação do bairro e também questões relacionadas aos aspectos cotidianos da vida urbana. Entre os elementos que compõem a vida nas cidades realizamos questões que envolvem principalmente as relações entre trabalho, família e lazer que estão fundamentalmente presentes na vida das pessoas que habitam e produzem a sociedade urbana.

As questões sobre o cotidiano investigaram os locais onde as pessoas consomem, onde elas estudam ou trabalham, onde fazem suas refeições. Perguntamos também que espaços o entrevistado utiliza para lazer, se tem parentes ou amigos em outro bairro da cidade e se costuma visitá-los. Além disso, foi perguntado ao morador se ele deixa de ir a algum lugar da cidade que gostaria de visitar, qual o motivo que o impede e também quanto tempo diário o mesmo utiliza navegando na internet. Essas questões foram realizadas para tentar fazer uma análise do grau de isolamento e individualização que cada morador possui em relação ao bairro e a cidade onde vive.

Mesmo a pesquisa tendo um caráter qualitativo, para algumas questões foram criados gráficos com o objetivo de facilitar a visualização e entendimento dos resultados. Mas as respostas são analisadas de forma explicativa, qualitativa para compreensão e entendimento dos resultados da pesquisa.

Além disso, a pesquisa também vai utilizar como metodologia o protocolo de observação que envolve técnicas relacionadas à observação participante. Este protocolo de observação tem como técnica principal o preenchimento e elaboração de uma ficha com questões que devem ser observadas durante os trabalhos de campo. Nessas fichas serão realizadas anotações relacionadas ao objeto de estudo, ou seja, dos bairros Fragata e São Gonçalo.

Sendo assim, foram elaborados dois protocolos de observação considerando que os dois bairros possuem uma configuração um pouco diferente um do outro. O São Gonçalo tem uma configuração mais atual relacionada principalmente à ocupação residencial de condomínios fechados e

o bairro Fragata existem há muito mais tempo desde as primeiras tentativas de expansão e crescimento da cidade de Pelotas, o Fragata possui uma densa ocupação residencial mas é conhecido principalmente por ser um bairro com grande ocupação comercial.

Por isso, para o bairro São Gonçalo foram documentados principalmente quais são os investimentos que foram para a área ocupada pelo bairro e também qual a sua função da configuração atual da cidade de Pelotas. E para o bairro Fragata foram anotados e observados elementos referentes ao seu aspecto de formação para isso foram utilizados análises de fontes históricas presentes em arquivos fotográficos e também em pesquisas sobre a formação da cidade de Pelotas e ainda em consultas de fontes secundárias como páginas da internet que trazem artigos com informações sobre a configuração e formação do bairro.

Para além das metodologias anteriormente citadas também foi realizada uma pesquisa que envolve uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática do trabalho que posteriormente possibilitou a seleção de textos que pudessem contribuir para o estudo de caso dos bairros Fragata e São Gonçalo. Cabe ressaltar que além de livros também foram consultados pesquisas como artigos, dissertações e teses que também possuíam conhecimentos acerca dos conceitos e do estudo de caso presentes nesse trabalho.

O método de pesquisa qualitativo é muito utilizado em pesquisas relacionadas às ciências humanas. É importante destacar que para o estudo de caso, a pesquisa de campo e a análise in loco, foram fundamentais para entender a dinâmica do local com relação a sua configuração cotidiana e também o seu grau de independência e identidade própria.

É possível dizer que nessa pesquisa análise feita se realiza através da observação concreta, dos elementos que estão presentes e são facilmente identificados na observação crítica do lugar. Os estudos de caso têm como principal objetivo destacar suas peculiaridades e a realidade vivida do local, fator que não possibilita generalizações e sim uma intensa reflexão analítica da realidade.

Ainda sobre as questões relacionadas à bibliografia do trabalho cabe ressaltar que foram utilizadas análises feitas por autores que explicam a configuração atual da sociedade através da lógica de produção capitalista e da

atividade industrial e pós-industrial que estimula um paradigma baseado na pós-racionalidade. Estes fenômenos envolvem um direcionamento intimamente relacionado à subjetividade, ao simbólico e ao imaginário como uma forma de construir a identidade e aprimorar a leitura com relação às peculiaridades dos indivíduos.

Essa nova configuração é aprimorada por alguns autores que identificam a era pós-moderna e chamam essa lógica pós-racional de hipermodernidade. Para tratar desses temas relacionados à modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade, utilizamos os autores Bauman (2001), Harvey (1992) e Lipovetsky (2004) respectivamente.

2 A MODERNIZAÇÃO E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Socialmente, a modernidade trata de padrões, esperança e culpa. Padrões – que acenam, fascinam ou incitam, mas sempre, se estendendo, sempre um ou dois passos à frente dos pesquisadores, sempre avançando adiante apenas um pouquinho mais rápido do que os que lhes vão no encalço. E sempre prometendo que o dia seguinte será melhor que o momento atual. E sempre mantendo a promessa viva e imaculada, já que o dia seguinte será eternamente um dia depois. E sempre mesclando a esperança de alcançar a terra prometida com a culpa de não caminhar suficientemente depressa. A culpa protege a esperança da frustração: a esperança cuida para que a culpa nunca estanque. (BAUMAN 1998, p. 91)

Este capítulo traz como tema principal uma discussão acerca do processo de modernização que envolve a sociedade atual. Dentro desse contexto usaremos como ponto de partida a modernização relacionada principalmente ao processo de urbanização da sociedade, considerando que a pesquisa tem como objetivo principal analisar a formação das regiões administrativas São Gonçalo e Fragata, a partir da identidade de seus moradores.

Como citado anteriormente, à modernização é discutida numa perspectiva que envolve a urbanização da sociedade, considerando as três Revoluções Urbanas identificadas e analisadas por Ascher (2002). Serão apresentadas também as fases da modernidade bem como suas influências e interferências na configuração atual da sociedade.

Primeiramente trata-se da modernidade onde se explica a lógica em que a sociedade vive hoje de acordo com acontecimentos que a caracterizam. Na sequência aparece uma discussão inicial e uma crítica a pós-modernidade, o conceito de hipermodernidade foi discutido no capítulo seguinte porque o mesmo envolve outros conceitos relacionados ao momento atual da sociedade urbana.

Para discorrer sobre a modernidade foi utilizada a obra de Bauman (2001), o autor reflete sobre a sociedade baseado na modernidade e suas

fases posteriores. Sobre o conceito de pós-modernidade cabe ressaltar a contribuição de Harvey (1992) sua análise e crítica a essa conceituação.

2.1 O processo de modernização da sociedade

O processo de urbanização é um processo social que acompanha um movimento de modernização recorrente na sociedade como um movimento, um processo de transformações e mudanças. Isto acontece na modernidade, ou seja, estamos falando de revoluções urbanas modernas e não estamos falando mais de da cidade antiga, mas sim da revolução urbana moderna e esse processo de modernização está associado às esses processos de correspondência na urbanização.

Entendemos que as cidades são agrupamentos de população que não produzem por si mesmos meios para sua subsistência. Há então essa diferenciação social do trabalho que implica numa divisão da produção do ponto de vista da técnica, do social e do espacial e este é um intercambio entre os que produzem a cidade que envolve a manufatura.

Mas a cidade também é produzida através do símbolo, do imaginário, do simbólico, das suas representações que também envolvem a questão do poder, no sentido da política que administra a cidade. Esse processo de modernização e urbanização é associado a itens fundamentais.

A cidade antiga está intimamente associada ao sistema de armazenamento e transporte de bens, informações e pessoas, os chamados BIPs. A cidade antiga tinha seu processo de transporte e armazenagem de bens que a caracterizava. As informações, as técnicas, os conhecimentos elas são fruto da cidade, existe uma teoria de que a cidade vem do desenvolvimento rural, ou seja, primeiro temos o desenvolvimento agrícola e depois a geração do espaço urbano.

Mas existe também uma teoria da precessão agrícola que diz que a cidade se desenvolveu e que o desenvolvimento do campo ocorre por conta do desenvolvimento da cidade em alguns lugares isso é identificável, cidades mineiras, europeias em que os grãos eram selecionados na área ocupada pela cidade, o material que se usava na produção era feito na cidade e levado para

o campo, o gerenciamento da produção agrícola estava na cidade e isso propiciou a produção da mais valia no campo.

A história da cidade está totalmente associada à história dos transportes e de armazenagem dos BIPs, essa é a base central da teoria do Ascher (2002), ou seja, todo o processo de modernização se dá pela mudança nas maneiras de transportar e armazenar os BIPs. Com isso, ocorre uma transformação ao longo do tempo, na sociedade e no espaço urbano.

Modernidade e modernização são termos que têm significados distintos, a modernidade está associada a um momento específico da história, se pode dizer que no processo ela é uma pausa, um momento específico do processo de modernização que é contínuo.

Analisa-se a sociedade como um todo, mas com a consciência de que determinado “todo” é apenas uma parada num processo que é contínuo. Processo contínuo que não é igual, que nos permite estabelecer fases de desenvolvimento que estarão associadas aos componentes da modernização.

A mudança nesse processo de transporte e armazenagem de BIPs também está associada aos componentes da individualização, da racionalização e da diferenciação social, esses três elementos estão presentes no processo de modernização e, com a diferenciação desses componentes, em momentos específicos, é possível estabelecer uma periodização.

A individualização é a representação do mundo pensada não a partir dos grupos e sim das pessoas, se observa que há uma tendência nesse processo de modernização a que todo esse processo de representação do mundo passe dos grupos para os indivíduos. Portanto quanto mais individual for esse controle do acesso da representação do mundo, mais modernização terá.

Assim, nas sociedades lá do início desse processo, na primeira revolução urbana, início do capitalismo comercial, a sociedade era muito coletiva, organizada a partir de ideias de grupos societários. Esse processo foi se transformando até chegar aos tempos contemporâneos em que temos nesse percurso o grau máximo de individualização.

Tal processo poderia ser exacerbado daqui pra frente, mas a individualização de hoje é maior que aquela que existia na primeira e na segunda revolução urbana, esse é um processo que vai radicalizando o componente da individualização. Ou seja, sociedades modernas separam e

unem indivíduos não grupos, quanto mais modernas elas são mais elas separam os indivíduos, a mesma coisa acontece com a racionalização. Quanto mais moderna a sociedade, mais racional ela é e menos ligada, menos afeita às questões da natureza.

A modernização se intensificou a partir do século XX. Teve início na Europa e tem um papel determinante na formação da sociedade. Dois países se destacaram na primeira metade do século XX, no que diz respeito ao processo de modernização, a Alemanha e o Japão. As duas nações incorporaram durante o seu processo de industrialização o desenvolvimento de tecnologias já utilizadas por outros países mais adiantados, sem pagarem em termos sociais e econômicos.

Os ingleses tiveram prejuízos por serem pioneiros no processo de modernização, enquanto a Alemanha e o Japão foram de certa forma, beneficiados pelo atraso. Esses dois países já tinham um exemplo e, a partir disso, sabiam como proceder para terem mais vantagens no processo de modernização.

Esse mesmo processo de vantagem de países atrasados ocorreu nos países em desenvolvimento. Assim sendo, existiria nos países que estão atrasados um tempo precioso que diminuiria a distancia para chegar às primeiras colocações da modernização. Os caminhos percorridos pelos países atrasados não são os mesmos enfrentados pelos países desenvolvidos.

O prefácio de *O capital*, de 1867, na parte que afirma que " O país industrialmente mais desenvolvido (*Das industrielle entwikeltete Land*) mostra ao país menos desenvolvido tão-somente a imagem do próprio futuro (*das Bild der eignen Zukunft*)", conteria meia verdade (Alexander Gerschenkron. *Economic backwardness in historical perspective*. Cambridge, 1976, p.6). E ainda com uma diferença: a realidade no país atrasado no vôo pelo desenvolvimento seria, socialmente, muito pior do que a líder, somando as misérias modernas às misérias herdadas (Karl Marx. *Das Kapital*. MEW, 23, p. 12; *O capital*. São Paulo, 1983, p. 12). Uma nação pode aprender com as outras e, depois que *descobrir a pista da lei natural do seu desenvolvimento*, não pode saltar etapas por decreto, embora esteja no seu poder minorar e abreviar as leis do parto — acrescentava o esquecido prefácio. (FAORO 1992, p. 1)

Os países que buscam a modernização sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento, sempre se espelham em exemplos já existentes. No caso da Alemanha, não foi diferente. O país se modernizou usando como fonte de inspiração a Inglaterra dando sequência ao padrão europeu ocidental.

A modernização diferentemente da modernidade chega à sociedade por pessoas que conduzem e privilegiam um grupo dominante. Já a modernidade envolve no seu processo, toda a sociedade envolvendo todas as classes. Com relação à modernização, podemos dizer que a mesma procura instaurar, sobre determinado local (país) um discurso e uma política de mudança. Nesse processo busca ações com fundamento político e econômico.

A modernização quer se chame ocidentalização, europeização, industrialização, revolução passiva, via prussiana, revolução do alto, revolução de dentro — ela é uma só, com um vulto histórico, com muitas máscaras, tantas quantas as das diferentes situações históricas. Talvez se possa dizer, ainda, que a modernização, ao contrário da modernidade, cinde a ideologia da sociedade, inspirando-se mais na primeira do que na segunda. (FAORO 1992, p. 3)

Sendo assim relaciona-se a modernização com as revoluções urbanas trabalhadas pelo sociólogo Ascher (2002) que identifica e caracteriza em sua obra as três principais fases da sociedade moderna. Segundo Napolini (2009, p. 73)

Ascher identifica três revoluções urbanas de caráter moderno: a primeira a Idade Moderna; a segunda a da Revolução Industrial; e a terceira seria a que vivemos hoje em dia, decorrente da revolução tecnológica, informacional e técnico-científica. A resposta urbana foi a mudança da escala e forma, foi o prosseguimento e aprofundamento da metropolização e da modernização: iniciando um novo ciclo: a da cidade supermoderna, a metápole.

Como citado anteriormente Ascher (2002) relaciona o processo de modernização com as fases de desenvolvimento da sociedade, que o mesmo identifica como revoluções urbanas modernas.

A sociedade da primeira revolução urbana foi uma sociedade pouco racionalizada e presa às religiões, as ideias místicas da segunda revolução urbana já eram menores e na terceira revolução urbana se tem então um processo exacerbado de racionalização, hoje o que vale é o pensamento racional menos ligado as explicações de ordem natural ou religiosa.

No mesmo sentido a diferenciação social, ou seja, um processo de diversificação crescente das funções dos grupos e indivíduos, da desigualdade cada vez mais crescente e que se tem uma sociedade mais complexa e diferenciada, se pensada a primeira revolução urbana, é possível identificar a diferenciação social. Mas uma diferenciação social muito simplificada entre os

que viviam na cidade que eram os urbanos, burgueses e os que viviam no campo.

A cidade possuía algumas complexidades relacionadas às separações dos ofícios, das funções, mas não muito complexo e isso vai se tornando cada vez mais complexo de modo que hoje se tem uma sociedade em que essa diferenciação social está de tal forma exacerbada que não é possível imaginar como uma sociedade futura poderá ser mais diferenciada do que essa de hoje.

Esses componentes, vão se alterando ao longo do tempo o que permite associado com os BIPs e com seu transporte e armazenagem, também relacionados com sistema de modernização estabelecer fases desse processo desenvolvido nesse período.

A primeira revolução urbana que vai desde o fim da Idade Média até o início da revolução industrial se caracteriza pelo surgimento de Estado-Nação, pela fase em que os aristocratas que detinham títulos de nobreza e que perdem o poder econômico com o fim do sistema feudal. No entanto, ainda conservam um poder político pelos seus títulos de nobreza, começa a se associar aos burgueses que adquirem no fim da Idade Média o poder econômico, mas eles não possuem poder político, essa união vai resultar os Estados Nacionais Absolutistas.

O início desse processo que configura o capitalismo comercial, depois o capitalismo industrial e a cidade do renascimento, uma cidade concebida de forma racional para indivíduos que são cada vez mais diversos naquele processo de diferenciação social. Essa cidade é um lugar de projetos que tem a ideia de racionalidade e cristaliza a ambição de definir o futuro e de controlá-lo. Esse pensamento representa a sociedade nesse momento em que as cidades começam a renascer pensando que seria possível produzir no espaço algo que fosse possível de controlar o tempo todo, é a utopia urbana, é o que se conhece por protourbanismo, ou seja, um urbanismo arcaico no seu início.

A primeira revolução urbana identificada e caracterizada é também chamada de Idade Moderna. A mesma pode ser trabalhada como o período em que a sociedade se institui e se organiza nos campos relacionados à política, a economia e também passa a valorizar mais o conhecimento filosófico, que não está diretamente relacionado com a religião.

A partir desse momento o conhecimento e a ciência ganham mais espaço e o capitalismo se torna o modo de produção que rege a sociedade. Os processos de urbanização também se intensificam e se tornam cada vez mais planejados. A cidade torna-se, aos poucos, mais populosa e atrativa, passa a ser pensada e planejada pelos representantes políticos.

A revolução da Idade Moderna (“primeira” ou “Alta Modernidade”) diz respeito às reconfigurações das principais instituições e campos políticos, econômicos e filosóficos. A política seculariza-se, cria-se o Estado-Nação, a religião perde espaço para a filosofia e a ciência, que se desenvolve junto com o capitalismo mercantil. A urbanização proveniente é moderna porque é projeto, desígnio, ambição de controlar o futuro. A cidade, então, é concebida racionalmente tanto para os indivíduos autônomos quanto para a representação do Estado-Nação. (NASPOLINI 2009, p. 47)

Na sequência aparecem às motivações e as características que possibilitam identificar a segunda revolução urbana moderna também chamada de Revolução Industrial. Esta pode ser caracterizada principalmente pelo uso e aprimoramento das técnicas, a manufatura perde seu espaço para as máquinas que produzem numa velocidade intensa, qualquer objeto é produzido em maiores quantidades e em menos tempo. As máquinas e as técnicas substituem a mão de obra humana e conduzem o ritmo da produção industrial e agrícola.

Este período de industrialização também caracteriza o crescimento e urbanização intensa da sociedade, o crescimento demográfico e a expansão dos territórios estão fortemente presentes. O Estado busca organizar e conduzir a sociedade urbanizada. Os projetos urbanísticos se tornam uma realidade, onde o objetivo é tornar a sociedade eficiente e cada vez mais produtiva.

A segunda fase é a da Revolução Industrial (“Segunda Modernidade” ou “Modernidade Média”) com a evolução técnica atingindo o sistema de produção industrial e agrícola, logo em seguida o crescimento demográfico e a expansão territorial. O fordismo e o taylorismo reagem às atividades produtoras. O Estado se torna o “Bem-Estar Social”, procurando dar suporte a sociedade de massa. O urbanismo segue a tendência e concebe a cidade como um sistema simplificado, mecânico e eficiente, baseado principalmente no zoneamento monofuncional e na circulação hierárquica. (NASPOLINI, 2009 p. 47)

A segunda revolução urbana moderna começa com a revolução agrícola moderna, do fim do feudalismo quando a produção sai do controle dos feudos e propicia melhorias das condições de vida. Com a quebra do monopólio das produções de ofício e com as mudanças no campo, também há um

desenvolvimento muito grande do urbanismo. A revolução agrícola expulsou do campo, grande parte dos agricultores e com o desenvolvimento do capitalismo industrial, vai configurar a segunda revolução urbana.

A primeira revolução urbana configura a cidade comercial que vem depois da Idade Média e do renascimento urbano. A segunda revolução urbana está associada ao capitalismo industrial a cidade é pensada através da indústria com a noção de especialização, taylorismo fim do século XIX, a zonificação começa a aparecer a partir dos princípios da Carta de Atenas em que as ideias de Le Corbusier são evidenciadas. Ou seja, a separação entre trabalhar, morar, divertir-se e circular na cidade, são os quatro princípios expostos em tal documento. Obrigatoriamente essas questões devem estar inscritas na cidade.

Então a cidade passa a ser pensada em zonas de residência, zonas de comércio e serviços, em zonas industriais, em zonas lazer e zonas de circulação. Esses são os princípios modernistas que separam a cidade que criam fragmentações em função disso, os planos diretores criados com base na Carta de Atenas até os anos 1970 possuíam essa noção de zoneamento presentes em sua organização. A cidade era totalmente zonificada, separada, planejada e fragmentada.

Dentro dessa condição, as cidades se organizam para melhorar a mobilidade, ou seja, o transporte de e armazenamento dos BIPs. São redes de vias e armazéns que se constroem em função disso. Há uma diferenciação social bem maior naquele processo que vai da individualização da racionalização e da diferenciação social.

O fordismo como uma linha de produção aparece na sociedade através da produção e do consumo de massa. Ainda nessa segunda fase ASCHER (1995) vai dizer que esse é um urbanismo, que une o fordismo, o keynesianismo e o método corbusiano. Fordista por conta da produção em massa, Keynesiano por conta da produção industrial e o corbusiano em função dessa ideia de separação e zoneamento. Tudo isso ligado a essa etapa do capitalismo industrial, de produção que passa pra cidade.

Sendo assim, fica nítida a expressão de uma racionalidade simplificadora dentro do processo de mudança, do pensamento de racionalização. Percebemos que há uma simplificação da racionalidade

mediante planejamento urbano, zonificação monofuncional, as estruturas urbanas hierarquizadas, adaptação do urbanismo ao comércio e ao consumo com o surgimento dos centros comerciais e das zonas industriais.

Alguns autores que estudam a sociedade atual, afirmam que desde o fim do século XX e início do século XXI, vive-se a terceira fase da modernização. Essa terceira fase da modernização também pode ser chamada segundo Lipovetski (2004), de Hipermoderna, discussão que será aprofundada no próximo capítulo. Ainda sobre as três fases também chamadas de revoluções urbanas, podemos dizer que:

François Ascher formula a hipótese de que estamos vivendo, já há algum tempo e continuando nessa virada do século XX ao XXI, a terceira revolução urbana moderna, decorrente da terceira fase da modernização da sociedade. as outras duas fases foram a Idade Moderna e a Revolução Industrial. (NASPOLINI, 2009 p. 47)

A terceira modernidade que corresponde a uma época posterior a modernidade apresentar uma crítica a esse funcionalismo moderno que procurou separar os espaços e organizar as funções dentro da cidade. A sociedade passa a ser mais racional, mais individualista e mais diferenciada do ponto de vista da cultural visto na modernidade como um movimento que surge lá no século XV e que configura um turbilhão informações em que o novo substitui o velho e esse processo vai se modificando ao longo do tempo.

O que era sólido na modernidade onde se tinha a certeza da racionalidade explicativa, da solidez, se desmancha no ar no período mais contemporâneo que, na verdade, não é sólido. Mas possui escalas diferenciadas que transformam a ideia de modernidade, chegando na pós-modernidade onde ficam evidentes as relações que se tornam cada vez menos presas as determinações da racionalidade do pensamento Iluminista.

E para, além disso, identifica-se ainda um pensamento que ultrapassa a pós-modernidade, que se caracteriza por uma maior permeabilidade das ideias simbólicas de representação do imaginário. Essa questão se torna ainda mais evidente na pós-modernidade, autores vão trazer a ideia de hipermodernidade como um período em que mesmo simbólico que ultrapassa o racional e se torna diferenciado pela forma exacerbada do hiper.

Esse hiper é levado para o consumo, para individualização que transforma a sociedade em um local de hiperconsumo e de

hiperindividualização e assim os autores começam a falar em sociedade líquida, Bauman (2001) defende essa ideia. Assim Lipovetsky (2004) também trabalha essas ideias de hipermoderno, diz que essa fase representa a exacerbação do individual, do consumo pela satisfação do consumo, do prazer e que isso é levado as últimas consequências. É a fase da virtualidade, muito mais expressiva que o racional, que o sólido.

Sobre a urbanização da sociedade e sua modernização é importante destacar os elementos relacionados ao processo de produção do espaço urbano, por conta do aumento das populações em direção à cidade. Esta produção do espaço acontece de acordo com o desenvolvimento técnico, financeiro e de relações estabelecidas em tais cidades.

Sendo assim, é possível dizer que a cidade é o local onde se concentra as populações, conseqüentemente os elementos de produção do espaço que envolve também os processos de modernização da sociedade. Como já citado no primeiro capítulo do trabalho, destacam-se as necessidades, as atividades, os serviços e uma infraestrutura para receber as populações, a concentração de pessoas é fortemente relacionada com a concentração do capital.

O fenômeno da produção do espaço urbano está ligado à concentração de pessoas na cidade. Esta é uma das condições básicas para que o processo de produção do espaço aconteça, este fator transcende as questões relacionadas à reprodução econômica.

Seguindo na ideia de fazer essa análise, é necessário destacar também, que a ideia de urbano ultrapassa a mera concentração do processo produtivo. O urbano representa um produto do processo de reprodução em um determinado tempo e se caracteriza historicamente.

O processo de produção do espaço urbano ultrapassa os limites de uma determinação econômica, de trocas, circulação de mercadorias e as questões ligadas a modernização. Também consideram os acontecimentos sociais, políticos, ideológicos e jurídicos que formam a totalidade de um processo de produção econômico e social.

Sendo assim, o urbano considera para sua totalidade os elementos necessários para a produção e reprodução da vida social. Dentre esses elementos destaca as necessidades que cada grupo social tem para sua consolidação. Estas necessidades estão intimamente relacionadas com os

sonhos, desejos de cada um e também com o modo de consumir, pensar, agir sobre uma porção determinada do espaço.

Conforme destaca Carlos (1994, p. 84):

Nesse sentido, ao mesmo tempo que representa uma determinada forma do processo de produção e reprodução de um sistema específico, a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido. Como a materialização do trabalho social, instrumento da criação de mais-valia é a condição e meio para que se instituem relações sociais diversas.

O espaço urbano é um produto que possui valor de uso e troca. Ele é mercadoria como um produto do processo. O uso do solo está relacionado a momentos específicos da produção capitalista que também podem ser relacionados com a modernização. Um exemplo dessa situação é o processo de modernização do campo, da agricultura que também reflete na urbanização da sociedade.

Assim sendo podemos dizer que cada pessoa tem a necessidade de suprir as condições materiais básicas para sua existência como ser humano, como produtor dos meios da vida, que variam de acordo com as forças produtivas e que possibilitam a reprodução do espaço.

Ainda sobre a urbanização podemos dizer que esta se expande podendo resultar numa aglomeração em direção a redes privilegiadas como a comunicação, transporte e em relação às classes sociais que se deslocam para determinada área.

Sendo assim, criam-se vias de comunicação que transformam terrenos vazios ou descampados em ocupações, construções urbanas. Muitos locais vão sendo ocupados e agregados à composição urbana já existente, justapostos à composição tradicional, comprovando um movimento constante de expansão urbana sobre determinados espaços, o mesmo acontece sobre tecido rural, este fenômeno ocorre de várias formas.

Com a reprodução da sociedade e aumento da população, surgem as necessidades para a sobrevivência. Sendo assim a sociedade se organiza de uma forma dinâmica e a concentração da população se torna um meio de organização, produção do espaço urbano.

A produção social do espaço urbano se divide em classes, relacionadas à propriedade privada, nesse sentido podemos dizer que a terra urbana é privada. Desta forma, tal reprodução se torna desigual e causa contradições.

Devido ao preço da terra, inúmeras pessoas vivem em condições precárias, enquanto existem espaços vazios, desocupados dentro da cidade. O solo urbano é cada vez mais disputado para todos os tipos de uso, seja para moradia, comércio, serviços. E nesse processo cada pessoa se limita ao que pode pagar. Dessa forma existem vários lotes de terras, não ocupados, edificados dentro da malha urbana.

Todo esse processo de produção do espaço urbano e da urbanização da sociedade anda lado a lado com o processo de modernização e produção e reprodução da lógica capitalista. Dentro do espaço urbano existem muitas construções que foram configuradas por conta desse processo intenso e contraditório em que a sociedade está submetida pela lógica capitalista que se utiliza da modernização para agir e manter seus elementos balizadores.

2.2A modernidade

Para entender a sociedade atual sempre é necessário se remeter a sua história e a sua construção. A sociedade em que se vive é uma sociedade moderna que segue uma lógica temporal de acontecimentos que foram modelando e dando sentido a esta configuração que se tem hoje. Para Bauman (2001, p. 140), “A história do tempo começou com a modernidade. De fato a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história”.

Um fator que é aparente na modernidade se configura pela utilização das técnicas para economizar tempo e aprimorar as formas de dominar o espaço. O tempo é cada vez mais valioso e se utiliza do espaço para materializar seus domínios e conquistas. De fato, sabe-se que o tempo e o espaço andam juntos e que um se manifesta e aparece no outro. Mas em alguns momentos da história da civilização e da sociedade, um aparece se sobrepondo ao outro, de acordo com algumas leituras e interpretações de autores que trabalham dentro dessa temática. Sobre essa questão Bauman (2001, p. 143) nos diz que:

Pode-se associar o começo da era moderna a várias facetas das práticas humanas em mudança, mas emancipação do tempo em relação ao espaço, sua subordinação à inventividade e à capacidade técnica humana e, portanto, a colocação do tempo contra o espaço como ferramenta da conquista do espaço e da apropriação de terras

não são um momento pior para começar uma avaliação que qualquer outro ponto de partida.

A era moderna começou a ser construída a partir de um intenso movimento que buscava a dominação e conquista de terras, que se tornavam territórios com regras e funções determinadas. Com o tempo esse processo foi se intensificando ainda mais e hoje podemos dizer que até mesmo os lugares ditos “intocados” são conhecidos e de certa forma dominados pelos interesses humanos de um determinado grupo.

A modernidade nasceu sob as estrelas da aceleração e da conquista de terras, e estas essas estrelas formam uma constelação que contem toda a informação sobre seu caráter, conduta e destino. Para lê-la, basta um sociólogo treinado; não é preciso astrólogo imaginativo. (BAUMAN 2001, p. 143)

Essas questões relacionadas ao tempo e ao relógio foram se intensificando conforme a modernidade avançava. Hoje mais do que nunca, a valorização o tempo está ainda mais evidenciada. Para a sociedade capitalista tempo nenhum, pode ser perdido. Cada vez mais as pessoas produzem e trabalham a favor do capital e da acumulação, o tempo do ócio é cada vez mais escasso e raro. A modernidade se apropriou do tempo para a produção e essa é uma realidade cada vez mais intensa e presente na sociedade.

(..) era princípio operativo da civilização moderna, se centrava no desenho de modos de realizar mais rapidamente as tarefas, eliminando assim o tempo “improdutivo”, ocioso, vazio e, portanto desperdiçado; ou para contar a mesma história em termos dos efeitos e não dos meios da ação, centrava-se em preencher o espaço mais densamente de objetos e em ampliar o espaço que poderia ser assim preenchido num tempo determinado. (BAUMAN 2001, p. 143)

A modernidade pode ser dividida em dois momentos principais chamados por Bauman (2001) de modernidade pesada e modernidade leve. A modernidade pesada está relacionada principalmente ao primeiro estágio da modernidade, onde a materialização dos territórios e as conquistas de terras eram os fatores que determinavam o bom andamento da mesma. Ainda sobre essa questão Bauman (2001, p. 145) diz que: “A modernidade pesada foi à era da conquista territorial. A riqueza e o poder estavam firmemente enraizadas ou depositadas dentro da terra – volumosas, fortes e inamovíveis como os leitos de minério de ferro e de carvão”.

Nessa era da modernidade pesada como citado anteriormente, priorizava a dominação de significativas quantidades de terra. Foi um momento

de acumulação excessiva. Onde o tempo era supervalorizado refletia sua produção acumulativa no espaço. Esse espaço com o tempo passava a ser totalmente dominado, rotinizado e também era de certa forma homogeneizado e controlado.

Na versão pesada da modernidade, o progresso significa tamanho crescente e expansão territorial. Era a rotinização do tempo que mantinha o lugar como um todo compacto e sujeito a uma lógica homogênea. (BAUMAN 2001, p. 146)

Dentro desse primeiro momento da modernidade definido como modernidade pesada identificam-se alguns acontecimentos que mostram e, de certa forma, também definem esse período. Um momento característico da modernidade pesada é a produção fordista, que configura a otimização do tempo e uma supervalorização do trabalho numa velocidade que tinha como objetivo principal a produção em massa.

Neste momento da modernidade se identifica mais uma questão que surgiu neste período e que segue até hoje, a valorização do tempo e do trabalho como dois elementos que andam juntos, que dão sentido e determinam a vida da sociedade atual. Atualmente o tempo considerado produtivo é o tempo do trabalho, da produção e da acumulação do capital.

O tempo do lazer, da vida pessoal é desconsiderado pelo modo de produção capitalista, essa é uma característica da modernidade pesada presente até hoje na sociedade. Mas é bem verdade que atualmente existem críticas a esse modelo e também um movimento em direção ao uso do tempo para outras atividades que não sejam propriamente relacionadas à produção e ao trabalho.

A “fábrica fordista” o modelo mais cobiçado e avidamente seguido da racionalidade planejada no tempo da modernidade pesada, era o lugar do encontro face a face, mas também do voto de “até que a morte nos separe” entre o capital e o trabalho. Esse casamento era de conveniência e necessidade – raramente de amor -, mas era para durar para sempre (o que quer que isso significasse em termos da vida individual), e com frequência durava. (BAUMAN 2001, p. 147)

Diferentemente da modernidade pesada, a modernidade leve tem um ritmo de valorização do tempo, mas não precisamente relacionado a materialização no espaço como na busca por acumulação de terras e extensão territorial da modernidade pesada. Na modernidade leve o que se tem, é uma valorização do tempo ligado principalmente a globalização e aos meios de

comunicação relacionados à internet e programas de comunicação ligados a computação.

A “instantaneidade” aparentemente se refere a um movimento muito rápido e há um tempo muito curto, mas de fato denota a ausência do tempo como fator do evento e, por isso mesmo, como elemento de cálculo do valor. O tempo não é mais o “desvio da busca”, e assim não confere valor ao espaço. A quase instantaneidade do tempo software anuncia a desvalorização do espaço. (BAUMAN 2001, p. 149)

Portanto podemos dizer que tanto na era da modernidade pesada quanto na era da modernidade leve o tempo era um fator determinante e extremamente valorizado. A diferença é que o tempo, no primeiro momento, era um pouco mais materializado no sentido de que a produção era realizada de corpo presente. Na era na modernidade leve, essa questão relacionada ao tempo é igualmente importante, mas se manifesta de uma maneira diferente. Isso porque essa forma de trabalho, nem sempre se materializa do espaço, mas mantém uma relação de produção através dos softwares e outros meios de comunicação e produção realizados pela internet.

Na era do hardware, da modernidade pesada, que nos termos de Max Weber era também a era da racionalidade instrumental, o tempo era o meio que precisava ser administrado prudentemente para que o retorno de valor, que era do espaço, pudesse ser maximizado; na era do software, da modernidade leve, a eficácia do tempo como meio de alcançar valor tende a aproximar-se do infinito, como efeito paradoxal de nivelar por cima (ou, antes, por baixo) o valor de todas as unidades no campo dos objetos potenciais. (BAUMAN 2001, p. 149)

Ainda sobre essa questão da produção capitalista relacionada ao trabalho na modernidade pesada e também na modernidade leve é possível enfatizar que todo o processo de produção avançou e mudou com as tecnologias. De um lado tem-se a produção industrial como, por exemplo, a produção fordista e do outro a produção e acumulação de capital que em muitos casos é bem maior e promissora, representada pela produção ligada ao capitalismo de software.

O tempo congelado da rotina de fábrica, junto com os tijolos e argamassa de paredes, imobilizava o capital tão eficientemente quanto o trabalho que este empregava. Tudo isso mudou, no entanto, no advento do capitalismo de software e da modernidade leve. (BAUMAN 2001, p. 148)

Ainda assim pode-se dizer que a modernidade tinha como objetivo envolver trabalho e capital como se fossem uma coisa só e mantê-los indissociáveis, únicos. Este fenômeno de unificação não é tão enfático, os dois

estão ali presentes, mas nem sempre estão totalmente entrelaçados. Existem maneiras diferentes de manifestação do capital e do trabalho na modernidade leve, neste momento as questões relacionadas aos dois elementos são mais flexíveis.

Sobre essa questão Bauman (2001, p. 153) diz que:

A modernidade pesada mantinha capital e trabalho numa gaiola de ferro de que não podiam escapar. A modernidade leve permitiu que um dos parceiros saísse da gaiola. A modernidade “sólida” era uma era de engajamento mútuo. A modernidade “fluida” é a época do desengajamento, da fuga fácil e da perseguição inútil. Na modernidade “líquida” mandam os mais escapadiços, os que são livres para se mover de modo imperceptível. (BAUMAN 2001, p. 153)

Eis a diferença entre esses dois períodos da modernidade, a primeira corresponde à produção e valorização dos bens de consumo e também das relações em longo prazo com certo apelo ao infinito. Já a modernidade fluída não tem essa pretensão do longo prazo, está mais relacionada com as relações mais rápidas e instantâneas e realiza uma produção de bens de consumo menos duráveis, de fácil aquisição e troca. Neste segundo momento tanto as relações sociais como a produção segue uma lógica de instantaneidade e rapidez, mas esse fator nem sempre é determinante para tornar essas questões menos importantes ou desvalorizadas.

Para Bauman (2001, p. 158)

Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade “fluida” não tem função para a duração eterna. O “curto prazo” substituiu o “longo prazo” e fez a instantaneidade seu ideal último. Ao mesmo tempo em que promove o tempo ao posto de contêiner de capacidade infinita, a modernidade fluida dissolve – obscurece e desvaloriza – sua duração.

Sobre essa discussão considerando a modernidade é preciso destacar as questões relacionadas ao trabalho. No início da era moderna a distribuição e o estímulo ao trabalho tinham uma forte relação com o Estado. Porém essa distribuição com o passar do tempo foi saindo das mãos da política e então foi passada com maior vigor para o controle das empresas privadas.

A fadiga do Estado moderno é talvez sentida de modo mais agudo, pois significa que o poder de estimular as pessoas ao trabalho – o poder de fazer as coisas – é tirado da política, que costumava decidir que tipos de coisas deveriam ser feitas e quem as deveria fazer. Embora todas as agências da vida política permaneçam onde a “modernidade líquida” as encontrou presas como antes as suas respectivas localidades, o poder flui bem além de seu alcance. (BAUMAN 2001, p. 168)

Assim a modernidade sólida tinha como um dos seus preceitos a valorização do tempo agregado ao trabalho e ao capital. Sendo assim, cabe ressaltar que o trabalho é um dos principais elementos que fundamenta e caracteriza a modernidade de uma forma geral, considerando suas fases exemplificadas por Bauman (2001).

A modernidade sólida era, de fato, também o tempo do capitalismo pesado – do engajamento entre capital e trabalho fortificado pela mutualidade de sua dependência. Os trabalhadores dependiam do emprego para sua reprodução e crescimento. (BAUMAN 2001, p. 182)

Para finalizar essa discussão acerca da modernidade cabe analisar com atenção essa última citação que busca explicar e que de alguma maneira define um pouco do que foi encontrado no decorrer da construção da modernidade. Neste subtítulo foi a obra de Bauman (2001) foi muito importante para a realização da discussão, com relação a este período que definiu e que ainda se mantém na sociedade até o momento.

O encantamento moderno com o progresso – com a vida que pode ser “trabalhada” para ser mais satisfatória do que é, e é destinada a ser assim aperfeiçoada – ainda não terminou, e não é provável que termine tão cedo. A modernidade não conhece outra vida se não a vida “feita”: a vida dos homens e mulheres modernos é uma tarefa, não algo determinado, e uma tarefa ainda incompleta, que clama incessantemente por cuidados e novos esforços. Quando nada, a condição humana no estágio da modernidade “fluida” ou do capitalismo “leve” tornou essa modalidade de vida ainda mais visível: o progresso não é mais uma medida temporária, uma questão transitória, que leva eventualmente (e logo) a um estado de perfeição (isto é, um estado em que o que quer que devesse ser feito terá sido feito e não será necessária qualquer mudança adicional), mas um desafio e uma necessidade perpétua e talvez sem fim, o verdadeiro significado de “permanecer vivo e bem”. (BAUMAN 2001, p. 169)

2.3A pós-modernidade

A primeira parte desse capítulo apresenta algumas noções sobre a modernidade. Neste segundo momento o foco de discussão é o conceito de pós-modernidade seus significados e influência na formação e transformação da sociedade. Inicialmente, cabe ressaltar, que a pós-modernidade configura um conjunto de fenômenos sociais que envolvem aspectos econômicos, culturais, artísticos e políticos na sociedade pós-industrial.

O momento denominado pós-moderno coincidiu com o movimento de emancipação dos indivíduos em face dos papéis sociais e das

autoridades institucionais tradicionais, em face das limitações impostas pela filiação a este ou aquele grupo e em face dos objetivos distantes; aquele momento indissociável do estabelecimento das normas sociais mais flexíveis, mais diversas e da ampliação da gama de opções pessoais. (LIPOVETSKY, 2004 p. 64)

Em comparação com a modernidade cabe analisar que esta enfatizava a urbanização, a mecanização e a expansão dos meios de comunicação no desenvolvimento da sociedade. Na pós-modernidade destaca-se um processo de valorização e intensificação dos fluxos de informação e tratamento automático de dados, ou seja, características fortemente relacionadas ao processo de informatização.

Assim é possível afirmar que a pós-modernidade tem como uma de suas características principais a aceleração da produção tecnológica e a multiplicação de produtos ligados à tecnologia. Durante a pós-modernidade é possível observar um intenso processo que valoriza a comunicação, a partir disso o ser humano passa a valorizar a imagem e passa a habitar um mundo construído por efeitos de representação.

Isso significa, em ambos os casos, construir um novo sistema de signos e imagens, o que constitui em si mesmo um aspecto importante da condição pós-moderna, aspecto que precisa ser considerado de vários ângulos distintos. Para começar, a publicidade e as imagens da mídia passaram a ter um papel muito maior na dinâmica de crescimento do capitalismo. Além disso, a publicidade já não parte da ideia de informar ou promover o sentido comum, voltando-se cada vez mais para a manipulação dos desejos e dos gostos mediante imagens que podem ou não ter relação com o produto a ser vendido. Se privássemos a propaganda moderna da referência direta ao dinheiro, ao sexo e ao poder, pouco restaria. (HARVEY 1992, p. 260)

A partir da valorização da comunicação e da publicidade reforçam a ideia de uma realidade pautada na aparência, uma imagem passa a valer por si mesma e não exatamente por aquilo que se refere. Outro elemento que tem importância na pós-modernidade é a reprodução técnica ou representação tecnológica chamada de simulacro. Este simulacro atua como elemento intensificador do real por meios artificiais, configurando uma hiper-realidade espetacular. Portanto no simulacro a realidade é simulada por meios de imagens, eliminando as diferenças existentes entre o real e o imaginário.

Na pós-modernidade surgiram os espaços cenográficos, palcos para apresentação artística, ações e atividades sociopolíticas propiciando ao cidadão comum uma oportunidade e uma referência social que lhe faltava.

Porem todo esse aparato cinematográfico midiático surge também como uma forma de manipular e transformar mensagens em conteúdos de espetáculo muitas vezes irrealis.

Essa mídia que aparece na pós-modernidade tem uma característica forte de manipulação e pretende confundir o real com o imaginário coletivo que muitas vezes se caracteriza pelas imagens e representações que a sociedade ou parte dela, faz de si mesma. Portanto ela influencia os domínios da comunicação, atinge a arte e de certa forma norteia a produção cultural.

Sendo assim, se pode dizer que os efeitos de sentido caracterizam as matrizes discursivas da mídia em tempos da pós-modernidade. A partir disso os meios de comunicação disputam com as instituições tradicionais o domínio principal e hegemônico da construção de sentidos. Por isso enfatiza-se o poder da mídia que consegue influenciar e manipular a sociedade por meio da simulação.

Durante a pós-modernidade muitos elementos ligados ao cinema aparecem e ganham destaque na produção da sociedade, entre eles estão os estereótipos, as mega produções. Na arte, a pós-modernidade busca elementos dos cotidianos para serem questionados e discutidos, uso de metalinguagens e autenticidade em relação a autoria. Na literatura a parte visual ganha destaque, novas formas de ilustração como gráficos, exploração de formas, cores entre outros.

A sociedade pós-moderna ocorre com presença maciça de informações e desenvolvimento tecnológico. Para entendê-la é preciso experimentar, interpretar e desconstruir a visão do passado para construir o presente. Embora esse movimento não seja considerado uma memória histórica tem como referência da própria história tirando dela fragmentos diferenciados para construir o novo.

Seguindo na análise da pós-modernidade é possível dizer que esta é caracterizada por muitas mudanças vividas pela sociedade entre elas cabe ressaltar também a globalização como uma tentativa de unificar a sociedade e seus hábitos. A pós-modernidade surge como uma desconstrução da modernidade envolvendo muitos princípios e conceitos em vigor, desfazendo de amarras rígidas impostas pela sociedade moderna.

A primeira consequência importante foi acentuar a volatilidade e efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, ideias e ideologias. A sensação de que tudo que é sólido se desmancha no ar raramente foi mais pervasiva (o que provavelmente explica o volume de textos sobre esse tema nos últimos anos). (HARVEY 1992, p. 258)

Por esses e outros fatores a pós-modernidade é denominada como uma época carregada de incertezas, de muitas fragmentações e também trocas de valores. Dentre estes cabe destacar a presença do imediatismo, da efemeridade, do hedonismo, da substituição da ética pela estética, do consumo e também do fim de grandes discursos.

Dentre os muitos desenvolvimentos da arena do consumo, dois têm particular importância. A mobilização da moda em mercados de massa (em oposição a mercados de elite) forneceu um meio de acelerar o ritmo do consumo não somente em termos de roupas, ornamentos e decoração, mas também numa ampla gama de estilos de vida e atividades de recreação (hábitos de lazer e de esporte, estilos de música pop, videocassetes e jogos infantis etc.). Uma segunda tendência foi a passagem do consumo de bens para o consumo de serviços – não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos e distrações. (HARVEY 1992, p. 258)

Em virtude de todos esses acontecimentos citados surgiram novos fenômenos sociais e culturais. A queda da esfera política e pública, as novas formas de identidade social e as consequências da informatização sobre a produção e também sobre o cotidiano fizeram com que a discussão acerca da pluralidade e da fragmentação se tornassem presentes na atualidade.

Portanto todas essas mudanças fizeram com que o futuro se tornasse cada vez mais incerto e ameaçador, fazendo com que a humanidade deixasse de pensar na posteridade e se preocupasse apenas com o presente, desvalorizando a o sentido da história. Além disso, esse posicionamento associado aos avanços suscetíveis dos meios de comunicação, de avanços tecnológicos e de efeitos da globalização com sua quebra de fronteiras, facilitou o processo para que surgisse um novo tipo de sociedade caracterizada em sua maioria pelo narcisismo, pelo imediatismo, pela rapidez e principalmente pelo consumismo.

Com efeito, a volatilidade torna extremamente difícil qualquer planejamento de longo prazo. Para falar a verdade, hoje é tão importante aprender a trabalhar com a volatilidade quanto acelerar o tempo de giro. Isso significa ou uma alta adaptação e capacidade de se movimentar com rapidez em resposta as mudanças de mercado, ou o planejamento da volatilidade. A primeira estratégia aponta em especial para o planejamento de curto prazo, bem como para o

cultivo da arte de obter ganhos imediatos sempre que possível. (HARVEY 1992, p. 259)

Esse momento pós-moderno muitas vezes se caracteriza pela falta de pretensão política e de organização social, sem grandes envolvimento profundos as questões que atingem a sociedade. Assim ao mesmo tempo em que a pós-modernidade foi associada à decadência de grandes forças e de valores de grandes instituições ligadas a Deus, Ser, Razão, Verdade, Totalidade, Ciência, Consciência, Produção, Estado entre outros. A partir disso, houve uma valorização de outros temas até então eram considerados menos importantes como a filosofia, o desejo, a loucura, a sexualidade, a linguagem, a poesia, cotidiano, ou seja, elementos que abrem novas perspectivas para a liberação individual.

Esta discussão acerca da pós-modernidade necessita de uma discussão mais intensa para o seu entendimento e compreensão, por hora cabe ressaltar um trecho da obra de Harvey (1992) para reflexão.

As condições da compressão pós-moderna do tempo-espaço exageraram em muitos aspectos os dilemas que, de quando em vez, assolaram os procedimentos capitalistas de modernização (1848 e a fase imediatamente anterior à Primeira Guerra nos vêm imediatamente à lembrança). Embora as respostas econômicas, culturais e políticas possam não ser exatamente novas, o seu âmbito difere, em certos sentidos importantes, das que foram dadas antes. A intensidade da compressão do tempo-espaço no capitalismo ocidental a partir dos anos 60, com todos os seus elementos congruentes de efemeridade e fragmentação excessivas no domínio político e privado, bem como social, parece de fato indicar um contexto experimental que confere à condição da pós-modernidade o caráter de algo um tanto especial. (HARVEY 1992, p. 276)

Portanto, cabe ressaltar que durante a pós-modernidade o capitalismo se intensificou ainda mais. A iniciativa privada tornou-se mais importante do que a pública, os meios de comunicação ligados à mídia começaram a exercer um poder de influência ainda mais significativo na vida das pessoas. Além disso, todos os aspectos que envolvem a dinâmica da sociedade seja ela urbana ou não, passa por um processo de implantação e influência da globalização. Por esses e outros tantos motivos a pós-modernidade torna a vida mais dinâmica, intensa e rápida, numa velocidade difícil e de certa forma sacrificante para se acompanhar.

No próximo capítulo essa discussão sobre a intensificação das atividades na vida urbana será relacionada aos comportamentos

hipermodernos. O capítulo trabalha inicialmente com o conceito e hipermodernidade e posteriormente o relaciona com o processo de metapolização, com a identidade urbana e com a formação espacial apresentada pela cidade hipermoderna, o rizoma. Estes conceitos são discutidos como parte fundamental para cumprir os objetivos desta pesquisa.

3 A HIPERMODERNIDADE E OS NOVOS CONCEITOS SOBRE A SOCIEDADE URBANA

Neste capítulo apresentamos uma discussão que envolve os conceitos de hipermodernidade e Metápoles ambos em comparação com o contexto hipermoderno e a formação de identidades. Primeiramente é realizada uma análise e uma caracterização de cada conceito e na sequência uma análise destas definições com a formação de identidades.

Para explicar sobre a hipermodernidade foi utilizada a obra de Lipovetsky (2004) como uma forma mais contemporânea de analisar a situação atual da sociedade. O conceito de Metápoles é relativamente novo e se apresenta como nova forma de interpretar e entender a realidade urbana. Para retratar o conceito de metápoles realizamos pesquisas baseadas na obra de Ascher (1995) e pesquisadores como Naspolini (2009) e Rufi (2003).

Ainda neste capítulo apresentam-se as reflexões baseadas na identidade urbana, fenômeno que se intensifica com o processo de individualização da sociedade. Para retratar a identidade nas cidades utiliza-se principalmente Carlos (1996). Para finalizar analisa-se o conceito de rizoma como um conceito que expressa o desenho da sociedade hipermoderna, com base em Ferreira (2008).

Assim são apresentadas algumas noções sobre tais conceitos, para fundamentar e justificar os elementos que compõem a estrutura hipermoderna. Para tanto, considera-se no estudo de caso, os procedimentos metodológicos que foram aplicados para chegar aos resultados da pesquisa.

3.1 A hipermodernidade

A hipermodernidade caracteriza a sociedade atual. É possível dizer que a sociedade hipermoderna sofre grande influência da Globalização e também dos processos de individualização dos lugares. Atualmente através da internet e outros meios de comunicação, as pessoas tem acesso aos acontecimentos de qualquer lugar no mundo dentro de sua própria casa. Este é um dos

processos que facilita e possibilita que os seres humanos se tornem cada vez mais individualistas e ficam cada vez mais presos a um mundo “Globalizado”.

A sociedade sofre influência de muitas informações que possibilitam e facilitam o processo de individualização. Esse processo fica evidente através dos referenciais que estudam a sociedade hipermoderna e também quando analisada a conjuntura atual do corpo social através da observação e própria vivência do cotidiano.

Três elementos possibilitam destacar bem a persistência dos ideais éticos em contexto individualista. Em primeiro lugar, o desaparecimento de uma moral incondicional não teve como consequência a difusão de comportamentos egoístas no conjunto do corpo social. Em segundo lugar o relativismo de valores não contribuiu para o niilismo moral porque perdura um núcleo duro de valores democráticos, núcleo em torno do qual se afirma um consenso forte. E, por fim, a perda dos referenciais tradicionais não resultou no caos social dado que a liberação individual, especialmente no plano sexual, não produziu uma anarquia total dos costumes. (LIPOVETSKY, 2004 p. 39)

Mesmo com a tentativa de homogeneizar os lugares as experiências e as peculiaridades do local possibilitam um processo de resistência que torna esse procedimento falho no sentido que, “A homogeneização dos gostos e dos modos de vida não desemboca numa vida política e social consensual: perduram os conflitos, mas por meio de uma pacificação individualista do debate coletivo, para qual a mídia contribui.” (LIPOVETSKY, 2004 p. 43)

Portanto pode-se dizer que a hipermodernidade não configura uma sociedade perfeita e feliz onde existe uma verdade absoluta. Ao passo que a tentativa de homogeneização dos lugares tende a desconstruir algumas características locais, também configura a vantagem do acesso às informações e possibilidade de realizar adaptações por influência da globalização para melhorar e facilitar as atividades da vida cotidiana.

O que existe dentro desse contexto é uma possível desvalorização das tradições e das culturas locais. Além disso, uma despreocupação com os bens públicos e em consequência disso uma valorização do consumo de produtos universalizados e também de serviços ligados ao setor privado.

Todo esse processo que envolve a hipermodernidade, a valorização do consumo e do privado, os mesmos têm grande influência da mídia e dos meios de comunicação. Estes vendem uma imagem de felicidade que é configurada

através do consumo de produtos instantâneos que trazem satisfação e alegria imediata para a vida cotidiana.

Sendo assim podemos dizer que:

É evidente que a sociedade hipermoderna, ao exacerbar o individualismo e dar cada vez menos importância aos discursos tradicionais, caracteriza-se pela indiferença para com o bem público; pela prioridade frequente conferida ao presente e não ao futuro; pela desagregação do sentido de dever ou de dívida para com a coletividade. Ao limitar-se à esfera da mídia, as análises podem ser igualmente críticas, pois as mídias também são permeadas pela lógica dual característica do mundo hipermoderno, que torna tudo ambivalente. (LIPOVETSKY, 2004 p. 43 e 44)

A hipermodernidade valoriza o modo capitalista de produção, a falsa ilusão da felicidade e bem estar comprados é um dos problemas potencializados por essa realidade. A valorização do poder de compra e de consumo é um dos fatores que faz aumentar o individualismo e também influir na variação do comportamento humano. Assim podemos dizer que:

O hiperindividualismo coincide não apenas com a internalização do modelo *homo oeconomicus* que persegue a maximização de seus ganhos na maioria das esferas da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política, sindicalismo), mas também com a desestruturação de antigas formas de regulação social dos comportamentos, junto a uma maré montante de patologia, distúrbios e excessos comportamentais. Por meio de suas operações de normatização técnica e de desligação social, a era hipermoderna produz não só movimento a ordem e a desordem, a independência e a dependência subjetiva, a moderação e a imoderação. (LIPOVETSKY, 2004 p. 56)

Portanto a hipermodernidade ao mesmo tempo que proporciona e potencializa o individualismo também faz com que os que as pessoas queiram manter vínculos sociais e estas buscam novas formas de relacionamentos, sejam eles amorosos, de amizade ou até mesmo de familiares. Atualmente alguns comportamentos mudaram, as pessoas se sentem mais livres para dizerem o que pensam e também para fazerem o que desejam. Deste modo, novas formas de relacionamento, de interação com o mundo e com os lugares surgem, estes fatores também influenciam na formação da identidade e no relacionamento com as tradições e costumes de cada local.

As relações são muito intensas e rápidas no âmbito da hipermodernidade, tudo é muito intenso e por vezes instantâneo as pessoas vivem cada vez mais em função do relógio passam a maior parte do tempo realizando atividades simultâneas, tudo isso num ritmo frenético. Sendo assim, de certa forma a sociedade hipermoderna pode ser considerada uma

sociedade escrava do tempo, do produtivismo e do relógio. Assim como nos coloca Lipovetsky (2004, p. 75):

A sociedade hipermoderna se apresenta como uma sociedade em que o tempo é cada vez mais vivido como preocupação maior; a sociedade em que se exerce e se generaliza uma pressão temporal crescente.

Desse modo, é importante ressaltar que a hipermodernidade segue aliada ao processo de produção capitalista atual. Portanto, todos os seres humanos são sujeitos ativos nesse processo de produção chamado de hipermoderno. Mas ao mesmo tempo em que todos de alguma forma são participantes desse processo também manifestam algumas resistências a tal produção.

Um exemplo disso são as tradições locais que resistem mesmo com o processo de potencialização e globalização dos lugares. Mas mesmo com a resistência de peculiaridades locais, toda a humanidade sofre influência da chamada hipermodernidade. Por mais que existam grupos com uma identidade característica, também existe um movimento de individualização e de aceitação aos meios de comunicação que facilitam e proporcionam que as pessoas sejam cada vez mais independentes, criando relações digitais que por vezes as afastam do convívio social e do coletivo. Este é um fator que também afasta as vivências tradicionais e por vezes os saberes locais. Por esses motivos se pode dizer que:

A hipermodernidade não se confunde com um “processo sem sujeito”: ela segue de mãos dadas com a “tomada de palavra”, a auto-reflexividade, crescente conscientização dos indivíduos, esta paradoxalmente acentuada pela ação efêmera da mídia. De um lado, sofrem-se cada vez mais as limitações do tempo desabalado; de outro, avançam a independência individual, a subjetivação das orientações, a introspecção. (LIPOVETSKY, 2004 p. 76 e 77)

Muitas são as contradições que acompanham a hipermodernidade a influência da mídia, o incentivo a individualização e também a independência causam, em muitos casos, abalos na vida social e na produção da vida cotidiana. A sociedade cada vez mais independente e fechada em suas casas, seus mundos particulares e ao mesmo tempo com acesso a todas as informações e acontecimentos globais que podem ser acompanhados pela internet.

Assim tem-se um processo que configura um afastamento do local e uma aproximação do global totalmente influenciada pelas novas formas de

relacionamento e trabalho pelos meios de comunicação ligados a internet. Dentro de toda essa análise realizada considerando o processo de individualização, se pode dizer que a hipermodernidade tem como força motriz o tempo. Este é indissociável a tal processo e realmente dita às regras e o ritmo em que as relações sociais e de produção acontecem no espaço. Como coloca Lipovetsky (2004, p. 79):

Nesse sentido, a hipermodernidade é indissociável das destradicionalização-desinstitucionalização-individualização da relação com o tempo, fenômeno geral que, transcendendo as diferenças de classes ou de grupos, extrapola em muito o mundo dos vencedores. A nova sensação de sujeição ao tempo acelerado só se apresenta paralelamente a um poder maior de organização individual da vida.

Ainda sobre a influência da hipermodernidade no processo de produção da sociedade cabe enfatizar que tal processo demonstra e incentiva a queda e o enfraquecimento dos movimentos que apoiam e incentivam a defesa de ideais coletivos, de grupos sociais, das vivências e relações familiares. As ações hipermodernas estão sempre relacionadas com o individual, incentivando e potencializando uma vida independente onde a produção da vida e do consumo de produtos são sempre individuais.

A cultura hipermoderna se caracteriza pelo enfraquecimento do poder regulador das instituições coletivas e pela automização correlativa dos atores sociais em face das imposições do grupo, sejam da família, sejam da religião, sejam dos partidos políticos, sejam das culturas de classe. Assim, o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo. (LIPOVETSKY, 2004 p. 83)

Até mesmo o valor de uso e de troca assumem outras dimensões, a mídia incentiva e coloca um valor emocional nos produtos. As propagandas cada vez mais incentivam o consumo dos produtos como se fosse impossível viver sem tal. Além disso, também colocam um juízo de valor sobre os mesmos, dizendo que só são felizes e completos os indivíduos que podem adquirir tal bem material. Nessa lógica, pessoas que consomem podem encontrar a satisfação pessoal, diferentemente daqueles que não consomem ou que não podem consumir. Estas pessoas são vistas como incompletas e na maioria das vezes ficam a margem da sociedade.

Ao valor de uso e o valor de troca se junta agora o valor emotivo-mnêmico ligado aos sentimentos nostálgicos. Um fenômeno indissociavelmente pós- e hipermoderno. Pós porque se volta para o

antigo. Hiper porque doravante há consumo comercial da relação com o tempo, pois a expansão da lógica mercantil invade o território da memória. (LIPOVETSKY, 2004 p. 89)

Por fim se pode dizer que a sociedade hipermoderna como citado anteriormente tem um papel que configura uma sociedade cada vez mais independente e individual. Dentro dessa perspectiva atuam os meios de comunicação e informação, sempre incentivando as pessoas a independência e ao consumo de bens materiais individuais. Mas ao mesmo tempo existe um movimento em direção à busca das vivências sociais que hoje são realizadas através da internet.

Portanto ao mesmo tempo em que os indivíduos estão sozinhos, de certa forma isolados, também estão conectados e em comunicação com o mundo, com a vida social e seus acontecimentos. Mas essas vivências são virtuais e não presenciais.

A mesma sociedade hipermoderna que afasta e segrega também une e agrega. É um processo contraditório e dinâmico que conduz uma sociedade que vive em função do tempo, com forte influência da mídia e dos acontecimentos e modismos globais. Mas que ao mesmo tempo valoriza a cultura e as peculiaridades que se manifestam em pequena escala, a escala do local onde se configuram as identidades.

A sociedade atual pode ser chamada de hipermoderna porque está relacionada com a mídia, com a internet e etc. Mas ao mesmo tempo também está ligada, relacionada com a vida cotidiana, com os acontecimentos diários que dão ritmo a vida. O sujeito é um ser social que está intimamente ligado à construção vida em todos os processos de transformação que ocorrem tem sua participação.

A sociedade não dispõe de nenhuma substância além do homem, pois os homens são portadores da objetividade social, cabendo-lhes exclusivamente a construção e a transmissão de cada estrutura social. Mas essa substância não pode ser o indivíduo humano, já que esse – embora a individualidade seja a totalidade de suas relações sociais – não pode jamais conter a infinitude extensiva das relações sociais. (HELLER, 2008 p. 12 e 13)

Ainda sobre a vida cotidiana podemos dizer que o homem participa ativamente das transformações ligadas não somente os processos de produção capitalista e de consumo no qual a sociedade sofre grande influência. Mas também nos processos que envolvem o dia a dia do local, do lugar que

mostram que o ser humano é dotado de racionalidade, sentimentos e desejos que estão diretamente relacionados ao processo de formação e caracterização de identidades.

Para Heller (2008, p. 31)

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem longe, em toda sua intensidade.

Nossa sociedade seja cada vez mais hipermoderna e uniforme alguns aspectos da vida cotidiana seguem vivos no comportamento dos indivíduos, ligados ao lazer e ao trabalho. Estes comportamentos estão relacionados ao consumo. Atualmente até os momentos de lazer nos espaços públicos sofrem influência da sociedade hipermoderna capitalista, pois os espaços públicos também estão tomados por produtos para o consumo. Com relação ao trabalho o mesmo serve como um suporte para o consumismo, um suporte insuficiente porque sempre há muito incentivo e produtos para consumir.

Mesmo com a tendência do consumo exacerbado, é possível afirmar que a vida cotidiana é heterogênea e possui uma dinâmica diversa que envolve significados referentes a questões locais de organização da vida, que contem aspectos ligados ao trabalho, ao lazer e a cultura local. Assim como nos coloca Heller (2008, p. 32):

A vida cotidiana é em grande medida, heterogênea e isso sob vários aspectos, sobre tudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazes e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercambio e a purificação.

Por fim é possível dizer que numa perspectiva da sociedade hipermoderna também existe a simultaneamente a vida cotidiana e esta também tem uma forte ligação com o individuo. A vida cotidiana se apropria da realidade e das individualidades, ou seja, cada individuo conduz sua vida de uma forma diferente. Sendo assim, os mesmos transformam a vida cotidiana em algo dinâmico e diverso esse fenômeno também acontece com a hipermodernidade.

A vida cotidiana assim como a hipermodernidade, valoriza o ser individual. Certamente a cotidianidade também valoriza os fatores coletivos e os grupos sociais. Mas tanto a hipermodernidade quanto o cotidiano dispõe da condução da vida, da formação de cada indivíduo que de diversas formas atua socialmente produzindo as relações heterogêneas que envolvem a nossa sociedade.

A condução da vida supõe, para cada um, uma vida própria, embora mantendo-se a estrutura da cotidianidade; cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade. É claro que a condução da vida é sempre apenas uma tendência de realização mais ou menos perfeita. E é a condução da vida porque sua perfeição é função da individualidade do homem e não de um dom particular ou de uma capacidade especial. (HELLER, 2008 p. 61)

3.2 As metrópoles e o atual estágio da sociedade urbana

Depois de fazer uma breve discussão relacionada ao conceito de hipermodernidade serão apresentadas algumas ideias sobre o conceito de Metrópoles bem como sua aplicabilidade nos estudos relacionados à geografia urbana e também sua relação com o presente estudo de caso. O principal autor que trabalha e discute o conceito de metrópole é Ascher (1995).

Processo de urbanização da sociedade é um processo social que reflete num processo físico social. A sociedade sofre constantes transformações, a sociedade urbana antiga e a cidade antiga não corresponde ao que temos hoje. A sociedade urbana muda e nem sempre se percebe que essas mudanças aconteceram no urbanismo, sobre tudo mesmo com essas mudanças é necessário tempo para mudar os instrumentos de análise. Mas ainda hoje se utiliza o mesmo modelo instrumental presente no urbanismo e por isso a proposta é que se verifique principalmente a partir dos anos 2000, elementos que identifiquem um novo urbanismo o chamado neo urbanismo.

As relações de trabalho ligadas ao fordismo, ao taylorismo mudaram, possuem uma regulação completamente diferente, a família não é mais a mesma. Existiam famílias convencionais, hoje elas têm laços diferenciados e mais complexos configurando essa mudança, o mundo de forma geral se modificou e também por isso é preciso aprimorar as ações sobre a cidade.

Na terceira modernidade se encontra uma racionalidade reflexiva que está mais relacionada ao pensamento da pessoa do que propriamente a sociedade. Existe um maior uso da ciência e da técnica com uma diversificação muito grande do campo científico e esses processos são simplificados no tempo da sua reprodução.

A sociedade possui uma configuração de riscos porque gera uma situação de incerteza. Se na modernidade tinha-se o planejamento da ilusão da certeza das coisas que realmente aconteceriam, aqui se tem o risco presente porque as pessoas tem a consciência da incerteza daquilo que planejam, ou seja, planejam para que não se execute como o planejado e reconhecendo assim, essa limitação.

Há uma autonomia crescente dentro dos limites de espaço e de tempo, as pessoas são cada vez mais donas do seu próprio espaço, partindo da ideia de que elas administram isso com mais facilidade e autonomia. A individualização é cada vez mais forte, as pessoas podem ser identificadas com maior facilidade como indivíduos do que como grupos, os valores individuais são potencializados e os societários são reduzidos. A diferenciação social é cada vez mais complexa, como citado anteriormente, a estrutura familiar se torna mais complexa com suas múltiplas formas de manifestação.

O nascimento da sociedade do hipertexto configura a presença de um indivíduo que exerce diversos papéis dentro da sociedade. Onde o sujeito não é o indivíduo de um grupo, ou de um texto apenas, cada um desempenha múltiplas atividades, ao mesmo tempo. Os indivíduos pertencem a diversos contextos, mas hoje cada vez mais se tem a possibilidade de estar na universidade, em outro momento estar em uma atividade de lazer, num momento sem sair do mesmo local e mesmo assim, pode desempenhar mais de uma função.

O sujeito pode estar no celular desempenhando uma determinada atividade de trabalho, ao mesmo tempo em que está assistindo uma aula. Essa ideia é possibilitada pela ideia do hipertexto, em que um não é apenas um, mas pode pertencer a vários grupos e atividades, como se fosse um hipertexto com diversos links. Essa sociedade do hipertexto é uma sociedade típica da terceira modernidade.

Então o capitalismo industrial passa para um capitalismo cognitivo e o controle das massas não é mais importante, mas sim o controle dos fluxos e também o controle das informações que geram essa regulação. Esses elementos mostram a necessidade de um novo urbanismo. A terceira revolução urbana parte de grandes mudanças que acontecem na sociedade de forma geral.

A primeira delas é a metapolização as cidades mudam de escala e de tamanho, elas crescem, mas não são mais a megalópole que cresce em tamanho e tem uma determinada separação de centro, periferia configurando uma cidade fragmentada. A metápoles pressupõe a existência de cidades dentro da cidade são lugares internos com sua própria organização, lugares com autonomia, com seu próprio gerenciamento.

Esse fenômeno chamado de metapolização são como bairros fechados dentro da cidade. A cidade não é apenas moderna, fragmentada, em que tínhamos o bairro de trabalhadores, o bairro comercial, ou seja, é uma cidade multifuncional em que os lugares fechados dentro de si mesmos são autônomos, como se fossem feudos e ilhas personalizadas dentro da própria cidade.

A metapolização está associada ao tamanho em que a cidade se desenvolve, mas a esquizofrenia pode ser identificada em cidades de porte médio, elas têm os seus enclaves fechados, nas suas vilas, nos seus bairros nas suas lógicas próprias. Ou seja, possui uma ideia de diversas personalidades que convivem no mesmo organismo que é a cidade, numa ideia que se associa a este fenômeno.

A cidade hipermoderna é esquizofrênica nesse sentido, ela possui múltiplas personalidades. Outra mudança que ocorre na terceira revolução a transformação no sistema de mobilidade urbana, não existe mais a lógica de centro e periferia, nem de centros e sub-centro, mas sim de múltiplas polaridades. Ou seja, diversas centralidades dentro da cidade e isso configura uma transformação importante que foge aquela lógica moderna, do urbanismo de ter no centro as localidades especializadas em determinada atividade. Mas aqui não, aqui são configuradas as multipolaridades.

Há uma recomposição social das cidades, ou seja, a autonomia exige novos serviços públicos. Aqueles serviços tradicionais do Estado para essas

idades necessitam de uma recomposição para atender as demandas da maior diversidade que existe na sociedade urbana.

Existe também uma redefinição de interesses individuais, coletivos e gerais. A cidade moderna é pensada a partir da coletividade, a cidade hipermoderna trabalha com o valor individual e de como esses valores individuais podem ser garantidos de forma coletiva, sempre com a ênfase para a questão do individual. Outra mudança que configura a cidade dos riscos, a ideia do plano que vai conduzir o crescimento da mesma está sendo questionada, por conta da falta de regulação, a cidade vai ser aquilo que ela se transformar e não aquilo que querem que ela seja.

A partir disso Ascher (2002) vai dizer que para entender a cidade os preceitos do antigo urbanismo são insuficientes, ou seja, é necessário um novo urbanismo. E assim propõe algumas ideias, novos princípios para pensar e organizar a cidade.

Hoje se tem outra cidade, uma cidade da megalópole, do tamanho exagerado que Ascher (1995) vai chamar de Metápoles, que vai além da megalópole. Uma cidade do caos pelo sistema de fluxos e de transportes, uma cidade da desigualdade da fragmentação e uma cidade do risco do movimento de reivindicação, a cidade contemporânea. O urbanismo possui uma tendência de fixar as nossas análises nas formas mais antigas, identifica-se com a tradição e por isso existe uma dificuldade em fazer a transição dos instrumentos de análise.

Mas essa reflexão de que as cidades ocidentais mudam para uma nova fase da modernidade é que transformam profundamente as formas de pensar e de atuar. As transformações sociais, os modelos de democracia, todas essas transformações não podem ser ignoradas. Por isso que se faz necessário adotar novos instrumentos para acompanhar essa fase da revolução urbana, ou seja, essa fase da modernização que nos encontramos. E para isso buscase um novo urbanismo que corresponda às novas formas de pensar e atuar nessa terceira modernidade.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a metápole seria, segundo Ascher, o estágio atual de desenvolvimento da cidade. Sendo assim a cidade passa a ter uma configuração ainda mais complexa do que apresentava na fase da metropolização. Para Napolini (2009, p. 80):

Ascher qualifica esse desenvolvimento incansável de metropolização “metastática”, uma nova forma urbana que ultrapassa os limites da metrópole clássica, que se diferencia em termos de escala e que coloca problemáticas novas. Para qualificá-la e diferenciá-la da metrópole, criou o termo metápole. O uso do prefixo meta, que em grego significa “depois”, “além de”, denota o surgimento de uma outra forma urbana, diferente da metrópole.

A cidade passa por uma nova fase onde é possível encontrar dentro dela mesma, pequenos núcleos com dinâmica própria que poderiam ser comparados com pequenas cidades. Ou seja, seria um processo de formação de outras cidades dentro da cidade já existente.

Inicialmente uma metápole surge a partir de uma grande cidade, e esta possui uma dinâmica econômica social e política ligada a uma grande metrópole. No entanto, possui também uma área de influência e de dinâmica própria com uma zona de desenvolvimento para habitação, empregos e lazer. Ainda sobre as características físicas, cabe ressaltar que geralmente uma metápole possui um número significativo de habitantes, na verdade, em sua conceituação original, possui milhares de habitantes.

Uma metápole é o conjunto de espaços cujo o todo ou parte dos habitantes, das atividades econômicas ou dos territórios estão integrados no funcionamento cotidiano (ordinário) de uma metrópole. Uma metápole constitui geralmente uma só zona de emprego, de habitação e atividades. Os espaços que compõem uma metápole são profundamente heterogêneos e necessariamente contíguos. Uma metápole compreende algumas centenas de milhares de habitantes.

A metápole vai além à discussão das metrópoles, ou seja, a continuidade espacial não é mais o ponto central e sim a forma como as relações acontecem e se estabelecem economicamente, politicamente, socialmente. A continuidade espacial tem o seu valor, mas não é mais uma condição primordial para uma área metropolitana, ela pode estar inclusive em termos de descontinuidade.

Ainda sobre o conceito de metápoles segundo Rufí (2003, p. 90) podemos destacar que:

Sería, de alguna manera, la ciudad “hiper” contemporánea, la más en vanguardia, una nueva generación de algo que nació hace siete mil años en algún lugar entre Asia Menor y Mesopotamia. Entiende que la metápolis es una postpolis y una postmetrópolis, una fase posterior. Metápolis, como metrópolis, es un concepto que aspira tanto a describir una morfología como una sociología urbana. En lo referente a la forma, Ascher postula que es profundamente heterogénea y no necesariamente constituida por contigüidad. Contiene una o varias metrópolis o como mínimo una ciudad grande

de centenares de miles de habitantes con crecimiento radio-concéntrico, lineal o en metástasis (como grumos o agregaciones en un cuerpo más amplio), término este último tomado de Oriol Bohigas.

O mesmo autor ressalta que para o próprio Ascher a estrutura das metápoles são:

La estructura de la metápolis es, en principio, las ciudades existentes. Urbanizaciones ex novo o reconstrucciones radicales son raras o significan una parte muy reducida. La ciudad más bien se transforma por densificaciones, adiciones, conquistas, por transformaciones o eliminación de barrios degradados, por implosiones o por desdensificaciones. La metápolis se construye y desarrolla por espacios, proyectos, emergencias que no son necesariamente contiguos al centro de la ciudad sino que aparecen en zonas construidas o vírgenes, como metástasis o "rizomas" (Ascher, 1996, p. 3-4).

Para o autor as fases anteriores de configuração da cidade não servem para explicar a realidade atual da mesma. Por isso ele propõe essa nova leitura sobre a cidade. Além disso, o autor busca construir e embasar uma nova metodologia para compreender a dinâmica urbana, levando em consideração sua realidade atual.

Segundo Naspolini (2009, p. 80):

Após realizar uma análise dos modelos e práticas utilizados nas fases precedentes, Ascher que elas não são mais suficientes ou mesmo adaptadas a nova situação social, espacial e epistemológica. Baseado nos avanços científicos ocorridos em diferentes áreas do conhecimento, procura construir uma nova fase metodologia capaz de dar conta dos desafios urbanos.

Nesta breve análise sobre o conceito de metápole aparecem algumas questões importantes com relação a cidade e a produção do espaço urbano em geral. Nesse sentido, cabe ressaltar os avanços e também a relação da hipermodernidade na configuração e na organização das cidades atuais. Todo esse processo de globalização e dinamismo das relações também modificam e moldam a estrutura física dos lugares.

La funcionalidad de la metápolis queda marcada por esta fragmentación que, según Ascher, significa la ruptura de las estructuras jerárquicas de lógica christalleriana. Esta ruptura y la fragmentación de las lógicas jerárquicas provocan que la metápolis signifique el final del concepto de "afueras" aplicado a la ciudad. No hay periferia desde el momento en que no hay centro (un centro) ni unidad. La discontinuidad de la metápolis se ve posibilitada y favorecida por los medios rápidos de transporte que comunican puntos escogidos en el interior de una misma metápolis, creando de esta manera un espacio diferencial, dual, entre los centros metropolitanos y el *no man's land*: se produce un efecto "túnel". (RUFÍ 2003, p. 90)

As metrópoles podem ser interpretadas como uma forma de manifestação física da hipermodernidade nas cidades. A questão da individualidade tão presente na sociedade e no comportamento humano parece influenciar também na organização dos lugares, fator que, de certa forma, explica o surgimento de uma metrópole (uma cidade dentro de outra).

En lo que se refiere a la sociedad metropolitana, en mayor medida en sus grupos sociales con economías más holgadas, hay, según Ascher, una transformación a dos niveles, uno de crecimiento del alcance de la vida cotidiana y otro de incremento del valor de la vivienda y de la vida doméstica. La vivienda se convierte también en un espacio de intercomunicación gracias a las tecnologías de la información y de multiplicación de actividades, que incluso pueden ser laborales. De alguna manera, aquí se insinúa que la sociedad metropolitana es más fragmentada que la metropolitana y más individualista (Ascher, 1996, p. 8) y más fragmentada en sus usos, “un hipermercado de los modos de vida.” (Ascher, 1996, p. 122)

Assim é possível dizer que a cidade segue um ritmo de independência e individualidade que atinge primeiramente as pessoas e posteriormente no seu habitat, passa da casa para o bairro posteriormente para a cidade e assim sucessivamente. Portanto torna-se possível também relacionar uma metrópole com a criação e a existência de identidades, a metrópole seria um reflexo, uma formação de cidade derivada de muitos elementos que a configuram entre eles a capacidade de diferenciação dos lugares e a configuração de identidades.

Esta discussão acerca da compatibilidade entre a formação da metrópole e da identidade está presente no último capítulo com os resultados da pesquisa. Outra discussão realizada diz respeito a um questionamento baseado no próprio conceito de metrópole. Isto porque, originalmente uma metrópole é formada por uma densidade significativa de pessoas, mas busca-se analisar se este conceito pode ser trabalhado em menor escala e verificar se uma metrópole pode ser encontrada numa cidade como Pelotas e não somente em grandes aglomerações metropolitanas.

3.3A identidade urbana

A identidade será trabalhada com relação à formação dos bairros e também com a importância do local e as influências das pessoas que vivem e produzem tal bairro. A identidade tem uma relação muito próxima com o

conceito de lugar, e este acentua as relações entre as pessoas com o plano do vivido, do imediato e assim constrói uma identidade local concreta.

Sendo assim é possível afirmar que:

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar os as formas de apropriação de espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentaria feita de resíduos de detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados natureza transformada a prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo. (CARLOS 1996, p. 30)

“Todavia deve-se também considerar que ela também contempla, na multiplicidade das práticas sociais que produz identidades entre áreas no seu interior criando lugares distintos a partir de usos diferenciados”. (CARLOS 1996, p. 69)

Assim, torna-se possível afirmar que as regiões administrativas são constituídas por diferentes identidades no seu interior. No decorrer da pesquisa, alguns moradores vão se identificar com um denominado bairro e outros podem citar outras características e denominações.

Nos bairros, assim como na cidade de uma forma geral, algumas pequenas lutas visam manter algo no espaço urbano que se perdeu e cujo norte tende a ser em torno de algum laço de solidariedade e identidade. Isso acontece porque o contato cotidiano evidencia modos de vida, de problemas e perspectivas comuns.

Outro fator que influencia diretamente na formação da identidade dos indivíduos e dos grupos sociais está relacionado à memória. “A memória articula espaço e tempo com base em uma experiência vivida de determinado lugar. Nesse sentido a construção do lugar se revela, fundamentalmente, como construção de uma identidade” (CARLOS 2001, p. 217)

Sendo assim, cabe destacar que a memória associa sempre tempos e espaços, para além revela necessidades e desejos que configuram os elementos de construção da identidade entre o indivíduo e o espaço. A relação casa-bairro se liga à presença, por isso é parte integrante da identidade.

A casa é o elemento principal de identificação com o lugar e também da realização da vida humana, este fator marca um uso privado, é o elemento do conforto e da segurança do corpo. Por isso, a construção da identidade do

individuo é marcada pela permanência, ela possui sentidos diferentes para os jovens e para os velhos.

Portanto, o habitar envolve outras dimensões é assim que a partir da casa vão se construindo os elementos que irão compor os indícios que gerarão a base segura que constrói a identidade, a partir da casa, mas estendida ao bairro e à cidade. Aqui gestam as relações com o outro para além daquela dos membros da família.

Sendo assim, é possível constatar que com o espaço, o habitante tem uma relação ativa. Ou seja, o sujeito vive por meio de um modo de apropriação. O bairro é como se fosse à cidade do interior, aquele apego do lugar, dos amigos, das coisas, tem apego emocional. O sentido que os habitantes dão ao bairro é o sentido que emerge de suas vidas, é no uso que a identidade se cria, com as referências que delimitam as ações cotidianas, possibilitando o sentido de descoberta.

Mas além da identidade formada espontaneamente pela vivência e apropriação do espaço, existe também uma identidade criada. Esta muitas vezes é desenvolvida pelo poder público e por uma equipe de técnicos, que buscam organizar e classificar a cidade.

As mudanças na vida cotidiana aparecem como perdas de certo estilo que a vida tinha e não tem mais; como decorrência de sua normatização e da constituição de uma identidade que passa agora por valores, constituídos pelo mundo da mercadoria, criador da identidade abstrata (movimento que se refere à passagem do indivíduo do “ser alguém” para o “ter algum objeto”). E aqui a mercadoria é principalmente a casa. (CARLOS 2001, p. 249)

Cabe salientar que o território é o lugar dos ritos e dos valores humanos, tem uma dimensão simbólica que caracteriza o grupo social de referência, sempre ligado à identidade e as reações afetivas. O lugar de um bairro é construído por um grupo de pessoas que vivem em uma determinada porção do espaço porque se engajaram em um movimento de identidade comum e um objetivo comum.

O mesmo acontece com outros grupos ou classes sociais com objetivos em comum. Esse lugar criado dentro de grupo social tem uma identidade com caráter político, social e cultural, e, além disso, redimensiona a infraestrutura e as novas relações sociais, econômicas e culturais.

Essa construção estabelece a multiplicidade do espaço vivido. Pouco a pouco esse lugar vai produzindo seus próprios símbolos e identidades, esse conjunto de significados e estratégias vão se multiplicar em um conjunto de ações. Essas ações fazem referência à identidade cultural formada entre o ser humano com o espaço.

Cabe ressaltar que as mudanças realizadas na dimensão local causam transformações no bairro, essas transformações são construídas a partir da apropriação e da produção do espaço. Essa apropriação só é possível através da construção da identidade.

Sobre o conceito de lugar, podemos dizer que este se realiza no plano do vivido, das experiências humanas que variam de acordo com a cultura e os acontecimentos sociais de cada localidade. É no lugar que se produz o conhecimento e o reconhecimento, portanto, é nessa dimensão que a vida acontece realmente.

Essa reflexão sobre produção do conhecimento e do reconhecimento faz com que cada lugar tenha sua própria história, sendo assim cada lugar se desenvolve e realiza a função de uma cultura ligada a tradições específicas. Essas tradições relacionadas com a língua e com os hábitos que são próprios criados com o tempo e os acontecimentos que vem de fora. E assim acontece uma construção e também uma imposição recorrente do processo de constituição mundial.

O lugar sofre a influência da globalização e dos processos mundiais de desenvolvimento ligados à reprodução do capital. Mesmo assim o lugar mantém suas características locais, ou seja, sofre influência, mas não se descaracteriza totalmente.

Segundo a autora Ana Fani, “O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar” (CARLOS, 1996 p. 20). Um exemplo muito básico onde essa tríade proposta por Carlos acontece, são as cidades onde a produção de cada indivíduo se revela no plano da vida. Este é o chamado plano local, onde as relações estabelecidas pelos indivíduos com os espaços habitados promovem a todo o momento mudanças, modos de uso nas condições mais simples e até mesmo acidentalmente. Esse é o espaço do vivido, do sentido, do pensado e apropriado através de cada pessoa.

Sendo assim, torna-se possível afirmar que o lugar é apropriado para vida, este movimento acontece através do corpo, dos sentidos e das ações humanas. Ou seja, o lugar é a apropriação dos moradores, que se revela através de seus passos representados pelo bairro, pela praça, pela rua e todos os acontecimentos que essas dimensões envolvem.

As grandes cidades e metrópoles perdem essas características do lugar, na maioria dos casos torna-se impossível reconhecer o motorista do ônibus, em grandes centros. Já em pequenas localidades isso é muito comum, um bom exemplo de lugar é a dimensão do bairro (pode estar inserido na metrópole). Portanto as características de lugar podem ser encontradas em dimensões limitadas do plano do vivido e este fator certamente não caracteriza uma metrópole.

Segundo Carlos (1996 p. 21):

A tríade cidadão-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso). A nossa existência tem uma corporeidade, pois agimos através do corpo. Ele nos dá acesso ao mundo, é o nó vital, imediato visto pela sociedade como fonte e suporte de toda cultura. Modos de aproximação da realidade, produto modificado pela experiência do meio, da relação com o mundo, relação múltipla de sensação e de ação, mas também de desejo e, por consequência, de identificação com a projeção sobre o outro. Abre-se aqui a perspectiva da análise do vivido através do uso, pelo corpo.

Assim é possível afirmar que a metrópole definitivamente não caracteriza um lugar, ela só pode ser vivida parcialmente, nos faz pensar a metrópole parcialmente, dividida em bairros como espaço imediato da vida e das relações do cotidiano, que envolvem as relações de vizinhança, de fazer compras no mercado local, de caminhar, de encontrar conhecidos, de jogar bola na esquina; Esses percursos que parecem sem importância que por vezes são corriqueiros, mas que em verdade criam laços de intensa identificação, identidade na relação habitante-habitante e habitante-lugar.

Estes são os lugares que os indivíduos habitam dentro da cidade, que fazem parte do seu cotidiano, que envolve todo o seu modo de vida, onde o homem se locomove, trabalha, passeia enfim são as formas de viver. É através dessas formas que o homem se apropria do espaço e cria e recria o significado do lugar representado pelo uso.

Lembrando que essa dimensão de lugar pode acontecer por qualquer tipo de uso local, seja ele privado ou público (circuitos de compras ou encontros em praças). A construção do lugar pode ser individual ou coletiva, geralmente acontece com a interação dos moradores de um determinado local.

Assim é possível dizer que o sujeito situado no espaço permite pensar o lugar como o local do viver, do habitar, o trabalho, o lazer enfim, o viver que revela o nível do cotidiano e também dos conflitos presentes no mundo moderno. Portanto o lugar afirma-se como o local do vivido onde aparecem e se formulam os problemas da produção na sua maior dimensão, ou seja, a dimensão da produção da existência social dos seres humanos.

Anteriormente foi citada a influência da globalização e dos meios de comunicação, da evolução das redes, que vão interferir na dimensão local. Ou seja, as comunicações vão diminuir as distâncias existentes entre um lugar e outro, a relação do local com o mundial vai proporcionar mudanças e até mesmo certa homogeneização de alguns fatores que se tornam comuns em todos os lugares.

Como citado o lugar se define como um processo de identidade histórica, local onde a vida acontece efetivamente. Mas cada vez mais essa “situação” sofre influência e por vezes são ameaçados pelas relações estabelecidas entre o lugar os espaços mais amplos.

Nesse sentido é relevante repensar a identidade do lugar, considerando que o mesmo está cada vez mais dependente e construído a partir do mundial, ou seja, a história do lugar é cada dia mais uma história compartilhada que se produz para além dos limites físicos do lugar. Assim sua situação deixa de ser específica e passa a ser uma situação relativa do processo das relações que se estabelecem entre os lugares por conta da globalização que tem o poder de alterar a situação dos lugares e o sentido da localização.

Mesmo com influência da globalização e dos processos de mudanças ocorridos nos lugares é importante enfatizar que por essência o lugar, segundo Carlos (1996 p. 29):

“é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história da cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

O sujeito pertence lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida.”

Sendo assim é possível dizer que o conceito de lugar envolve uma construção das relações sociais e essas relações acontecem no plano do vivido. O plano da vida envolve uma rede de significados e sentidos que estruturam a história e a cultura de um lugar e a partir disso é constituída a identidade homem-lugar, que no plano do vivido se relaciona com o conhecimento e reconhecimento de um lugar.

Neste sentido é possível afirmar que o lugar tem uma íntima relação com a categoria de análise do espaço vivido, dotado de significados relacionados com o movimento e as transformações da vida. Estas mudanças, de uma forma geral, acontecem através da apropriação do espaço que transforma o habitat em habitar, ou seja, o espaço concebido em espaço vivido. Este movimento acontece porque o mundo moderno se reproduz em diferentes escalas, muitas vezes adaptando-se as particularidades do lugar como ritmo de vida, necessidades e desejos dos moradores locais.

Ainda sobre a dimensão de lugar se torna possível afirmar que o mesmo está num constante processo de mundialização. Existe um movimento da globalização em direção a todos os lugares, porém, o que se encontra muitas vezes é um processo de resistência dos lugares ou ainda, uma sobrevivência das particularidades de cada local.

Neste contexto, as relações entre o habitante e a cidade passam cada vez mais, por novas determinações, posto que o movimento incessante de transformação por que passa a sociedade atual reproduz um espaço e um tempo com a mesma velocidade. Com isso produz-se, contraditoriamente, dois fenômenos a partir da relação cidadão-metrópole: de um lado o estranhamento – como produto da perda dos referenciais da vida e da criação de novos padrões universais – e de outro o reconhecimento – como produto da constituição de identidades espaciais que se gestam no plano do vivido. Isto é, coloca-se como fundamental que nos interstícios, no plano da vida, nem tudo foi completamente modalizado, cooptado, homogeneizado. (CARLOS 1996, p. 66)

Então, para finalizar essa discussão acerca do conceito de lugar, se pode dizer que a influência da globalização não torna os lugares homogêneos. Mas ao contrário, com a sua interferência os lugares manifestam e destacam suas peculiaridades que fazem com que ele se mantenha na condição de lugar e que não se transforme unicamente em um espaço de produção e reprodução Global.

Tal afirmação se concretiza nos escritos da autora Ana Fani Alessandri Carlos (1996, p. 70).

..sobre os “guetos urbanos”, desenvolvemos a ideia de que o processo de reprodução do espaço comporta, em sua dimensão local, a constituição de um processo que se realiza na relação cidadão – cidade baseada na construção da identidade, no sentido de “pertencer ao lugar”, posto que a vida humana se realiza no plano do lugar.

3.4 A espacialização da sociedade: o rizoma enquanto forma

O conceito de rizoma surge a partir da chegada da hipermodernidade. Tem sua base fomentada no conceito botânico, indica que o mesmo tem uma formação parecida com a de uma árvore. Ou seja, ele possui um caule, uma base principal e posteriormente gera alguns brotos que se ligam a esse caule.

Esta é uma configuração que se efetiva com a fase pós e hipermoderna, durante a modernidade esse sistema rizomático não é evidenciado e caracterizado. No entanto, sabemos que alguns reflexos da modernidade estão presentes em determinados hábitos e ações da sociedade atual que sofre grande influência da hipermodernidade, como ressalta Ferreira (2008, p. 30 e 31)

A crença de que a segmentarização produziria maior objetividade às análises fez com que a ciência fosse altamente valorizada na modernidade, por se crer em sua neutralidade, gerando uma crença correlata em seu descompromisso político. A purificação do mundo foi um empreendimento da modernidade que até hoje tem reflexos em nossos corpos e nossas vidas. Da modernidade herdamos a fé de que somos independentes das coisas que produzimos e que os juízos científicos são realmente verdadeiros, pois sua objetividade faz com que um fato venha à tona. A maioria dos métodos de pesquisas, nessa época, tem um caráter quantitativo que visava justamente à classificação (e a hierarquização), a conceituação (logo a busca da identidade), reforçando a crença de que o pesquisador pode ser neutro em relação ao estudo que realiza. Podemos, como exemplo, nos remeter a algumas abordagens no campo da antropologia, que, ao começarem a explorar as culturas tidas como primitivas, acabaram por classificá-las e ordená-las de acordo com a visão Ocidental, reduzindo e modificando as formas de agenciamento destes povos. Segundo Guattari, na tentativa de acabar com o etnocentrismo cultural, tal concepção estabeleceu noções como as de “personalidade de base” nas sociedades primitivas; neste mesmo movimento, contudo, introduziu-se o conceito de cultura dentro destas sociedades multiplicando-se o etnocentrismo através de um policentrismo cultural. Cada sociedade passou a ter sua cultura coletiva.

Este conceito tem uma forte ligação com o sistema expresso em redes, tal processo ocorre em grandes cidades, ou seja, metrópoles que se caracterizam por agregar uma multiplicidade de lugares e identidades diferentes. A ideia principal de trabalhar com o rizoma expressa a necessidade de levar em conta a multiplicidade presente no ambiente urbano. Essa multiplicidade se manifesta na criação de lugares com identidades diversas.

A sociedade hipermoderna é produzida e reproduzida dessa maneira, diferentes lugares são criados a partir de signos. A cidade atual possui uma ordem simbólica que tem no consumo uma de suas características principais, as cidades são multiplicadas, reproduzidas, mas não como uma cópia fiel, este processo com vigor gera um emaranhado de vias e nós que ligam os pontos e os locais de uma cidade. Por isso esse processo é identificado como rizoma porque conecta e relaciona diferentes lugares de uma cidade, de uma metrópole.

O rizoma seria uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. Para os autores, a própria maneira de se nomear as diferenças como *O Múltiplo* já subordinaria a pluralidade a uma forma unitária. O artigo definido “o” acaba reduzindo a multiplicidade a uma identidade definida, o que de forma alguma pode ser uma expressão das diferenças, já que, desta maneira, acaba-se remetendo as singularidades às identidades, limitando-as. Com o termo *multiplicidades*, escapa-se do esquema binário de Uno-Múltiplo, que dão lugar agora aos jogos de forças, vetores que se ligam uns aos outros, simulando novas misturas. As singularidades não podem ser pensadas a partir do artigo definido, mas sim pelo artigo indefinido, pois este não fecha novas possibilidades de agenciamentos. Definir o que está sempre em movimento seria estagná-lo, retirar do acontecimento o que ele tem de mais rico: o devir. Assim, ao invés de submeter a multiplicidade à unidade, deve-se extrair o conceito de uno da multiplicidade, isto é deve-se escrever a *n-1*. Além do artigo definido, o verbo Ser também não é apropriado para expressarmos o movimento, já que ele também remete a uma identidade pré-fixada. (FERREIRA 2008, p. 34 e 35)

Ainda sobre a geração de um rizoma, cabe ressaltar que existem alguns princípios básicos, algumas diretrizes para que o mesmo aconteça efetivamente. Em tese ele deve demonstrar algumas ações que geram e produzem acontecimentos e fatos reais, não tem uma estrutura bem definida. Uma estrutura rizomática se modifica, se ressignifica a cada momento. Segundo Ferreira (2008, p.36) um rizoma pode ser identificado quando:

Se o rizoma deve expressar os agenciamentos que se produzem nos acontecimentos, ele não pode ter uma estrutura definida, pois assim aconteceria um aprisionamento, como na árvore. Ele se constitui de novas formas a todo instante, escapando de configurações prévias. Deleuze e Guattari dão algumas pistas sobre a produção de um

rizoma e fazem isso elaborando seis princípios, que visam justamente reafirmar a falta de uma configuração prévia.

Inicialmente um rizoma pode ser identificado pelo sistema de conexão entre pontos distintos, estes pontos não precisam ter relações específicas, ou relações em comum, ou seja, no rizoma não existe oposição ou pontos que não podem ser ligados. Assim podemos dizer que o rizoma não possui uma genética própria, é preciso levar em conta as multiplicidades e deixar de lado as definições fechadas, na verdade o que está presente é uma conectividade entre diferentes pontos e lugares que se alteram com o tempo e com os novos acontecimentos que envolvem a sociedade. O rizoma não tem uma ordem de entrada, ele é um fenômeno desconcentrado e que adere diferentes formas e direções.

Um rizoma também pode ser caracterizado por sua heterogeneidade, ou seja, ele não se reduz a uma linguagem. Esta é apenas uma de suas facetas, tem o poder de fazer conexões relacionadas aos ambientes políticos, culturais, econômicos, entre outros. Nenhum dos fatores são postos uns acima dos outros, o que existe é uma conectividade entre aspectos heterogêneos numa mesma situação.

Outro princípio fundamental para a caracterização de um rizoma está relacionado à multiplicidade citada anteriormente. Usar a análise da multiplicidade implica conscientemente em uma anulação da unidade, nesse sentido, não podemos falar especificamente de sujeito e objeto. Sendo que estes crescem consideravelmente de acordo com agenciamentos que estão relacionados com a expansão das dimensões que alteram a natureza de acordo com as conexões que se fazem necessária.

Portanto a multiplicidade se caracteriza como uma linha, ou linhas que não possuem pontos fixos, mas sim móveis e com diversos fluxos. Ainda sobre a multiplicidade cabe ressaltar:

Além disso, só existe uma unidade ou identidade na multiplicidade quando se produz, ou processos de subjetivação, ou processos de significação (desta maneira, dissimulam-se essências). Assim, se de um lado a unidade cria uma sobrecodificação da multiplicidade, produzindo uma dimensão vazia de sentido; de outro o rizoma criaria um plano de consistência que está sempre em expansão e movimento, o que não permite que ele seja capturado pela sobrecodificação. (FERREIRA 2008, p. 35)

Ainda fazendo referencia a multiplicidade é importante destacar que esta possui duas formas diferentes, como ressalta Ferreira (2008, p. 35)

a multiplicidade intensiva, que se liga a fruição de forças, e a multiplicidade extensiva, que se configura quando as multiplicidades intensivas sofrem um recorte conceitual/lingüístico, tornando-se espaço/temporais, hierárquicas, sucessivas e homogêneas. Este segundo movimento aqui descrito se caracteriza pelo mundo lógico da matéria, forma e conceito. Ela é quantitativa, na medida em que, aqui, multiplicidade é sinônimo de uma pluralidade de coisas que têm em comum serem iguais. Neste caso, a divisão da multiplicidade em nada altera sua identidade. Contudo, no caso da multiplicidade intensiva, dividir implica em um novo plano que se produz no momento em que este é recortado. Esta ruptura no fluxo das intensidades é que vai produzir as identidades, já que ao dividir as multiplicidades intensivas produz-se uma redução das mesmas a um conceito, a uma linguagem, à relação causa e efeito e a uma sucessividade tanto temporal quanto espacial.

Outra questão presente é a ruptura de processos que acontece em um rizoma. Estas rupturas estão relacionadas com a quebra e também com a fuga de sistemas hierarquizados. O conceito de rizoma se configura por muitas associações diferentes, porque a sociedade e sua configuração espacial sofrem constantes e múltiplas modificações.

Por isso, os autores que trabalham com o conceito de rizoma enfatizam que o mesmo possui uma forte relação com a cartografia. Considerando que o mesmo está em constante alteração e conseqüentemente influenciando na confecção de elementos cartográficos que representem a realidade.

Por fim cabe destacar que essa cidade hipermoderna, ou pelo menos com influências hipermodernas de hoje, tem uma fundamentação das atividades simbólicas e imaginárias. Esses fatores possibilitam que as cidades tenham uma estrutura que se parece com o modelo de rizoma justamente porque busca fazer a ligação desses pontos simbólicos e imaginários criados por identidades dentro da estrutura urbana.

A cidade hipermoderna está relacionada com a intensificação do consumo, a mesma é produzida e reproduzida nessa lógica simbólica. A sociedade ultrapassa a hierarquia presente no consumo de massas da modernidade, se torna uma sociedade orientada pelo espetáculo e pela representação. Com a hipermodernidade a cidade se transforma cada vez mais em mercadoria, onde existe uma alta produção e transformação de produtos, a cidade é um produto.

Além dessa lógica pautada pelo consumo se tem também agregada a hipermodernidade o processo de individualização das pessoas. Este fenômeno se torna cada vez mais evidente e presente na sociedade hipermoderna, isso representa que os consumidores buscam uma satisfação individual. Tais consumidores não buscam apenas produtos para suprir suas necessidades básicas, mas também para realização de seus sonhos, desejos que envolvem uma vida pautada em uma série de simbolismos, e representações criadas pelo imaginário que busca e orienta o consumo.

A partir disso se define a forma da cidade e da estrutura urbana, um desenho característico da modernidade e outro que representa a fase anterior da estrutura urbana, ou seja, da modernidade. O rizoma é o desenho da estrutura da cidade hipermoderna de acordo com a planta de uma estrutura hipermoderna verifica-se a sua desconexão. Na cidade moderna realiza-se o mesmo processo de avaliação e assim é possível verificar sua organização por zoneamentos, onde cada lugar dessa estrutura possui uma função específica.

Assim que o desenho urbano da hipermodernidade e da modernidade são diferentes. Por isso também se destaca para a configuração de um rizoma a importância da cartografia, porque esse recurso permite visualizar as diferentes formas de espacialização presentes na cidade moderna e na cidade hipermoderna. Sendo assim, cabe ressaltar que estes processos são resultados físicos da estrutura onde a sociedade está inserida.

Com relação à cidade de Pelotas pode-se dizer que esse fenômeno do rizoma e da cidade hipermoderna ainda não é visível em sua espacialização e na sua forma física. Mas é inegável o envolvimento das populações com as práticas e com as atividades relacionadas à hipermodernidade e seus hábitos.

No capítulo seguinte são discutidos os resultados da pesquisa, também o conceito de bairro e a caracterização das regiões administrativas pesquisadas. Inicialmente é apresentado o conceito de bairro, na sequência as denominadas regiões administrativas criadas pelo último plano da cidade de Pelotas.

Posteriormente realiza-se uma caracterização mais aprofundada sobre as regiões do São Gonçalo e Fragata, que fazem parte do recorte espacial que define a pesquisa. Por fim são apresentados os resultados encontrados nos

trabalhos de campo relacionando-os com os conceitos trabalhados no decorrer da pesquisa.

4 O BAIRRO E A IDENTIDADE URBANA: Um estudo sobre as regiões administrativas de Pelotas

Este último capítulo tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa de campo que foi realizada nas regiões administrativas São Gonçalo e Fragata na cidade de Pelotas. Neste contexto é apresentado um histórico dessas regiões administrativas e também realizada uma comparação entre a configuração dos bairros de acordo com a influência da modernização da sociedade e a formação de identidades locais. Lembrando que essas identidades muitas vezes limitam e moldam a influência dos processos de modernização da sociedade que atualmente se encontra numa fase com características hipermodernas.

Para chegar aos resultados da pesquisa foram realizadas pesquisas de campo com o objetivo de entrevistar moradores que participaram do processo de formação ou que possuem conhecimento significativo sobre os bairros. Além disso, ainda nesse capítulo é realizada uma breve discussão sobre o conceito de bairro que define a dimensão especial trabalhada na pesquisa.

4.1 O bairro

Inicialmente se pode dizer que bairro é uma subdivisão da cidade onde a produção e reprodução social acontece efetivamente transformando e modificando as formas e funções urbanas. O estudo de bairro está principalmente relacionado ao uso do espaço social que envolve a cidade como um todo.

Existem diversas definições para este conceito. Neste caso, o bairro será trabalhado principalmente como um espaço de produção social, ligado ao conceito de lugar. Segundo Carlos, (2001, p. 244)

Na escala de micro, o bairro – do ponto de vista da realização da vida configura-se como prática socioespacial. Nessa dimensão concreta, ocorre a produção de laços de solidariedade e união dos habitantes, criados nas relações de vizinhança, que colocam em evidência a prática da do habitante (espaço e tempo do lazer e da vida privada, bem como espaço e tempo do trabalho), iluminado usos, particularmente aquele que se estabelece fora do mundo do trabalho e da vida privada.

Frente a essa realidade existe uma definição administrativa imposta e regulada pela lei do Município que cria limites para os bairros, mas nem sempre esses limites são compatíveis com a delimitação dos moradores que vivem na mesma área. Alguns estudos apontam que o bairro pode ser definido por elementos diferentes, ligados à paisagem urbana, o conteúdo social e função.

O conteúdo social corresponde às relações que os moradores criam com o bairro, na convivência com os vizinhos, no uso que fazem de determinado local, ou seja, o modo e padrão de vida da população que habita tal bairro. E por fim, a função que determina a participação do bairro na dinâmica da cidade que pode ser residencial, comercial ou administrativa, ou seja, corresponde ao desenvolvimento de uma determinada atividade funcional.

O bairro tem um caráter popular, muito geográfico e rico porque se baseia principalmente no sentimento coletivo dos habitantes, diante do conhecimento global levando em consideração numa percepção que é fruto da coexistência de uma série de elementos que levam o mesmo a criar uma individualidade, ou seja, uma identidade. Por esses e outros elementos é que a definição de bairro deveria considerar principalmente o sentimento da população, bem como sua percepção.

Sendo assim, com a expansão das cidades e conseqüentemente o aumento da população, os bairros vão evoluindo, crescendo e se tornando cada vez mais complexos. Neste momento é que surgem as subdivisões através dos sub-bairros ou sub-unidades, assim as definições dos bairros se tornam mais complexas para os moradores que muitas vezes tem dúvidas com relação a expansão do bairro e seus novos limites.

Neste mesmo contexto, novos bairros surgem e vão se afirmando em seus limites ao longo do tempo. Por esses motivos é que os órgãos administrativos na maioria das vezes consulta a população para realizar uma definição mais coerente dos limites de cada bairro de uma cidade.

Com base na caracterização de bairro exposta até o momento se pode dizer que bairro está se transformando num conceito geográfico, caracterizado através do conhecimento dos moradores, mas pode ser definido também como

um conceito técnico, baseado também em setores censitários e outros tipos de bancos de dados.

As concepções apresentadas até o momento podem ser consideradas genéricas, na verdade são definições mais simplistas e iniciais para que a partir de agora se considere algumas definições mais claras e concretas. Portanto é importante lembrar que o bairro possui uma grande relevância na análise da dinâmica da cidade, no bairro é possível encontrar com clareza os dramas e conflitos sociais na escala local e a partir disso, é possível refletir sobre a reprodução social que se relaciona com as transformações da morfologia representada pelas funções urbanas.

O bairro pode ser visto também como algo funcional para quem administra a cidade, nessa perspectiva o bairro é considerado uma parte, uma divisão para possibilitar uma orientação mais precisa para pessoas e também facilita o controle administrativo dos serviços públicos. Existem muitos conceitos e definições para o bairro. Mas para o presente estudo as definições mais relevantes são aquelas relacionadas à questão da identidade do indivíduo, do morador com relação a tal unidade espacial.

O bairro pode ser analisado dentro de uma lógica territorial, mas na realidade ele se caracteriza por um elemento principal que pode ser chamado de sentimento de localidade, que se revela nos moradores locais, aonde a definição vai além da formação física, posição geográfica, mas considera a relação entre as famílias e pessoas que ali residem.

Ainda nessa lógica se pode afirmar que inicialmente o bairro é identificado como uma forma física, ou seja, uma parte do urbano que cresce para um determinado eixo e direção, sempre seguindo a lógica determinada pelo espaço-social. Sendo assim o bairro é ao mesmo tempo uma unidade morfológica espacial e social.

Portanto para a forma social o bairro é uma estrutura, que possui certa paisagem urbana própria com um conteúdo social e suas funções. Por isso, que se um desses elementos se altera, automaticamente os limites e dimensões do bairro se modificam também.

No entanto, essas mudanças que ocorrem no bairro não alteram somente seu conteúdo social, mas mexem também com a esfera do poder público, que é responsável pela ordem administrativa da cidade e da

sociedade. O poder público, as prefeituras, tornam-se muito simplistas quando tentam definir os bairros.

Em verdade a identificação de bairro, para os seus moradores, não tem relação com o limite imposto pelo plano diretor ou qualquer outra política de regulamentação. Para os moradores existe uma identificação ligada aos seus sentidos, sua percepção e apropriação com o próprio espaço. Assim é possível afirmar que essa institucionalização dos bairros não esclarece a vida social e o que realmente produz tal porção espacial.

Por esses motivos é que as delimitações oficiais de um bairro na maioria das vezes entram em choque com a realidade histórico-social que o mesmo possui. Ou seja, um bairro não pode ser entendido simplesmente por uma determinada área demarcada para uso de ordem administrativa, mas sim como uma organização social que representa a multiplicidade social de uma cidade.

Existe uma discrepância muito significativa entre os limites legais e os limites subjetivos, na maioria das vezes eles não são similares. É necessário considerar que os limites oficiais do bairro são importantes porque através deles o órgão administrativo vai dar assistência para o bairro. Assim como os limites subjetivos também são importantes para a coletividade manifestar sua própria forma de organização e interferência na área urbana.

Sendo assim, o bairro pode ser um referencial de base social de uma organização, composta por grupos de pessoas que podem ser de classes sociais diferentes com uma referência simbólica e também política que enfrenta uma influência direta do global em escala local. Ou seja, os bairros também são influenciados pelos bens de consumo, os problemas de ordem habitacional, segregação e também uma interferência política e urbanística autoritária que modificam o bairro e a qualidade de vida urbana.

O bairro possui uma forma concreta do tempo e do espaço na cidade, é um modelo social que relaciona o espaço físico com o espaço social, entre o quantificado e qualificado. Os bairros são múltiplos e diversificados, mas que obedecem as políticas administrativas. Uma mistura do espaço quantificado geometricamente e espaços qualificados socialmente produzidos.

Portanto o bairro traduz as múltiplas espacializações da vida social e é considerado pelo urbano com um ícone da busca de resultado na constituição histórica e social do espaço da cidade. A partir da escala de bairro torna-se

possível analisar com mais precisão as práticas sociais relacionadas com o espaço vivido, que representa o lugar da experiência, das trocas e da reprodução da sociedade.

Para Carlos (2001 p. 244):

O bairro como nível da prática socioespacial se revela no plano do vivido (envolvendo a categoria habitante), que mostra a condição da vida material, ganha sentido na vida cotidiana, expressando as condições da reprodução espacial no mundo moderno. É assim que se vão revelando os modos possíveis de apropriação que se realizam nos limites e interstícios da propriedade privada do solo urbano, não só pelo acesso à casa (definido e submetido pelo mercado imobiliário), mas determinando e orientando os termos do uso do espaço público. Se o bairro permite pensar nas mudanças, nas formas do uso que se revela no modo do habitar, aponta para mudanças provocadas pela deterioração das formas da vida urbana na metrópole.

4.2 As regiões administrativas de Pelotas: os bairros

As Regiões Administrativas foram criadas durante os estudos para a elaboração do III Plano Diretor de Pelotas. A cidade foi dividida em três níveis de planejamento representado por distintas escalas definidas como Macrorregiões, Mesorregiões e Microrregiões. As Macrorregiões Administrativas correspondem às divisões tradicionalmente reconhecidas como dos grandes bairros da cidade, como o Centro, o Fragata, a Barragem, as Três Vendas, o Areal, o São Gonçalo e o Laranjal.

Assim como afirma Ramos (2012, p. 31)

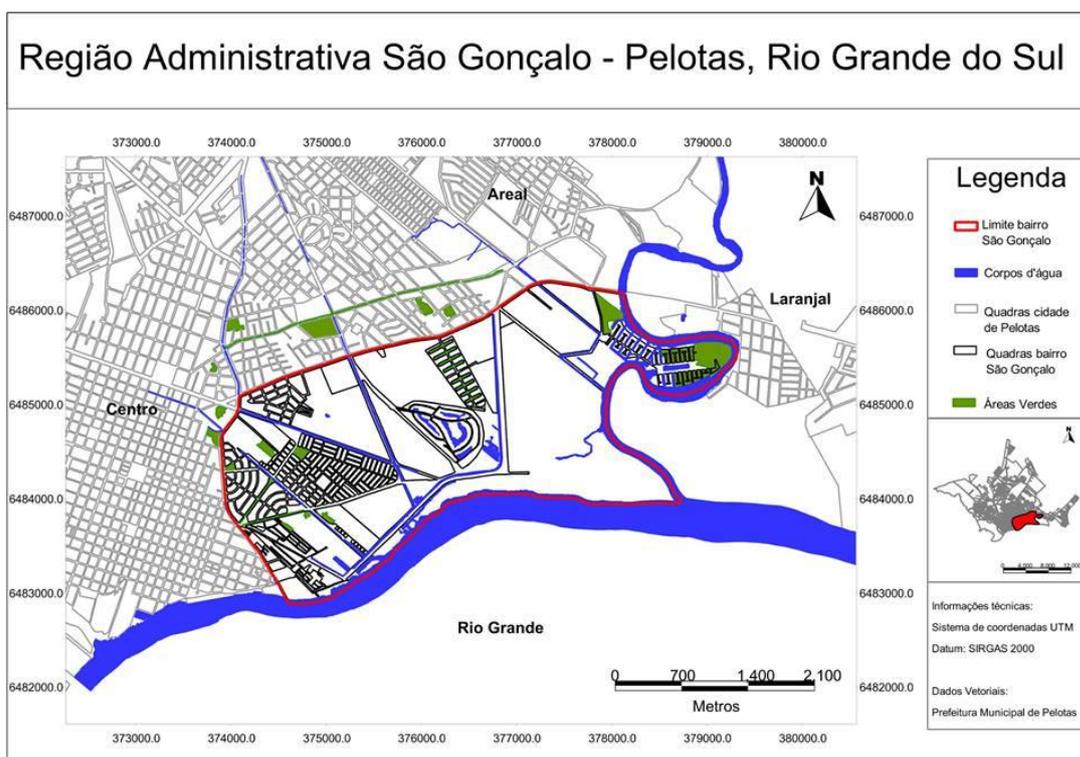
A administração pública municipal no ano de 2008 instituiu o III Plano Diretor Municipal de Pelotas, para a organização do município e o Plano Diretor é onde traz as disposições legais de acordo com o Estatuto da Cidade, a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul e a Lei Orgânica do Município. Sendo o plano diretor um instrumento básico de organização e planejamento municipal, no Capítulo III – URBANO, Artigo 47, organizou-se a área urbana do município da seguinte maneira: A área Urbana do Município é composta por sete regiões administrativas, sendo elas, sete Macrorregiões ou Regiões Administrativas, Centro, Fragata, Barragem, Três Vendas, Areal, São Gonçalo e Laranjal. (III – Plano Diretor 2008, p. 14)

No interior de cada Macrorregião foram identificadas áreas entendidas como Mesorregiões Administrativas. Para efeitos de planejamento, correspondem às parcelas das Macrorregiões, com identidade própria, muitas vezes identificada pela sociedade como verdadeiros bairros, mas que, por

região administrativa citada e também na região administrativa do Fragata na cidade de Pelotas. Sobre a região administrativa São Gonçalo é possível dizer que a mesma foi criada recentemente, através da Lei Nº 5.490, de 24 de Julho de 2008.

A novidade da Lei ficou por conta, justamente da criação da região administrativa São Gonçalo, que não existia. Ela foi identificada no processo de planejamento que levou ao terceiro plano diretor. Na época, foi possível perceber que os moradores daquele local não se identificavam nem com a região administrativa do centro, nem com a região administrativa Areal, aos quais faziam parte.

Figura 2: Mapa da Região Administrativa São Gonçalo.



Fonte: ARNDT, Artur Lacerda
Data: Agosto de 2014.

Além disso, o plano diretor tinha como uma das diretrizes do planejamento a valorização do Canal São Gonçalo, por ser uma área de potencial paisagístico e de lazer que, no entanto estava escondido. O nome do novo bairro, além de proporcionar uma nova identidade, também ressalta o

próprio Canal. Esta área hoje tem sido cobiçada pelos investidores. A construção de condomínios fechados são exemplos significativos.

O bairro São Gonçalo é demarcado a leste pelo Arroio Pelotas, oeste pelo canal do pepino na Rua Juscelino Kubitschek, sul pelo canal São Gonçalo e a norte pela Avenida Ferreira Viana. Suas principais vias de desenvolvimento além dos seus limites originais são a Rua São Francisco de Paula e Avenida Ferreira Vianna. A área era pouco urbanizada, mas se tornou uma opção de expansão urbana por conta de seus vazios.

Atualmente o bairro possui uma população de 28.582 habitantes de acordo com os dados do último censo realizado pelo IBGE, no ano de 2010. Ainda sobre as informações levantadas pelo IBGE, cabe destacar que 67,9% da população é branca, 18,7% negra, 0,4% amarela e 13% parda.

O bairro é essencialmente residencial, o que possibilitou principalmente a atração de outras ocupações residências mais recentes, os chamados condomínios fechados. Dentro desses condomínios fechados podemos citar o Par Princesa Sul, o Toscana, o Lagos de São Gonçalo e o Garden Club House.

Seguindo ainda nos principais empreendimentos destacados no local é possível citar o Hipermercado Big, que de certa forma movimentou e deu maior visibilidade para área, além do Shopping Pelotas, que atualmente é o principal destaque de desenvolvimento comercial nesta região administrativa da cidade.

As principais ocupações em destaque são Navegantes, Nossa Senhora de Fátima, Cruzeiro, os condomínios Village Center I, II e IV que se encontram na Rua Juscelino Kubitschek.

A Avenida Ferreira Vianna dá acesso ao residencial Umuharama, e existe também uma ocupação residencial no entorno da Rua São Francisco de Paula, que antes de 2008 era considerada pelos moradores parte do bairro Areal.

Dentre essas ocupações é possível destacar a formação do bairro Navegantes que surgiu na década de 80. Pessoas que vinham da zona rural em busca de trabalho foram ocupando a área e a proximidade com o centro da cidade foi um dos fatores que impulsionou a ocupação. Inicialmente a ocupação era considerada irregular, mas depois foi considerada pela Prefeitura Municipal da cidade que escriturou boa parte dos terrenos.

Com o passar dos anos a ocupação foi se expandindo, e isto, fez com que o bairro fosse fragmentado pelos próprios moradores e atualmente, existem o Navegantes I, II e III. A ocupação segue crescendo e hoje já se especula a formação do Navegantes IV.

O Navegantes conta com uma infraestrutura própria possui escola de educação infantil, escola de ensino médio, um centro de integração com atividades para todos os moradores. Além disso, possui também um posto de saúde 24h, saneamento básico, iluminação pública e outros fatores que comprovam a consolidação da ocupação dentro do bairro São Gonçalo.

Depois das ocupações anteriormente citadas, é possível destacar a instalação do Hipermercado Big como um atrativo de outros investimentos em direção ao vetor leste da cidade. Tal empreendimento está localizado na Rua Juscelino Kubitschek, que juntamente com o canal do pepino é o limite oeste do bairro além de ser uma via de circulação muito importante.

A instalação do Hipermercado Big certamente despertou o interesse dos investidores para o local. A partir disso, é importante ressaltar que os investimentos não possuíam apenas um cunho comercial, de empreendedorismo privado. A transferência da área jurídica da cidade de Pelotas para o bairro é uma prova de que existe uma preocupação da Prefeitura Municipal com relação à reprodução deste espaço e uma predisposição de desenvolvimento urbano para o local. Neste momento é importante salientar não só a mudança do Foro Municipal, mas também, do Ministério Público e Justiça eleitoral.

Tais transformações fizeram com que houvesse um aumento significativo no tráfego próximo ao local. Estas mudanças facilitaram o processo de duplicação da manta asfáltica da Ferreira Vianna, principal avenida em desenvolvimento, que concentra toda a área jurídica e a maior parte dos investimentos em destaque no bairro.

Figura 3: Fotografia do Foro da Comarca de Pelotas



Fonte: acervo da autora

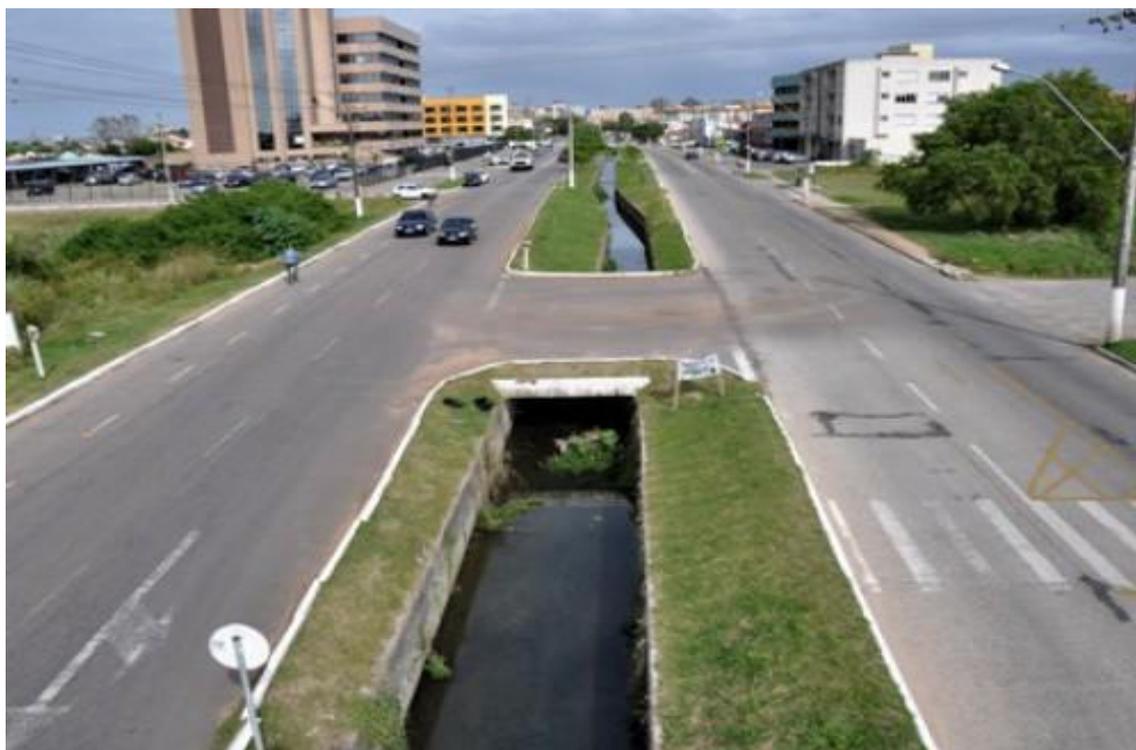
Data: 27-05-2012

A questão relacionada à duplicação da Avenida Ferreira Vianna é discutida há bastante tempo, mas só com os altos investimentos públicos e privados é que a obra se consolidou. A Avenida possuía desde meados dos anos 1980 uma mão única o que dificultava o acesso e fluxo do trânsito principalmente nos horários de pico.

A reclamação dos habitantes da cidade era constante, mas somente os novos investimentos públicos e privados é que chamaram a atenção da Prefeitura Municipal e possibilitaram a duplicação da Avenida Ferreira Vianna.

Mesmo com a incorporação do poder judiciário e com novos atrativos comerciais, é possível afirmar que o bairro não perdeu sua essência residencial e continua atraindo investimentos neste setor. Dentre estes investimentos estão os já citados os condomínios, Par Princesa Sul, Toscana, Lagos de São Gonçalo e Garden Club House, todos localizados na extensão da Avenida Ferreira Vianna.

Figura 4: Duplicação da Avenida Ferreira Vianna



Fonte : Diário Popular
Data: 23-06-2010

O Par Princesa do Sul, dos condomínios aqui citados, é o mais consolidado. Já possui moradores a mais ou menos sete anos. Todos os apartamentos foram vendidos e estão habitados. Atualmente já possui grandes transformações em sua parte interna, isso em virtude da apropriação dos moradores que buscam fazer as modificações necessárias para sua vida e satisfação pessoal.

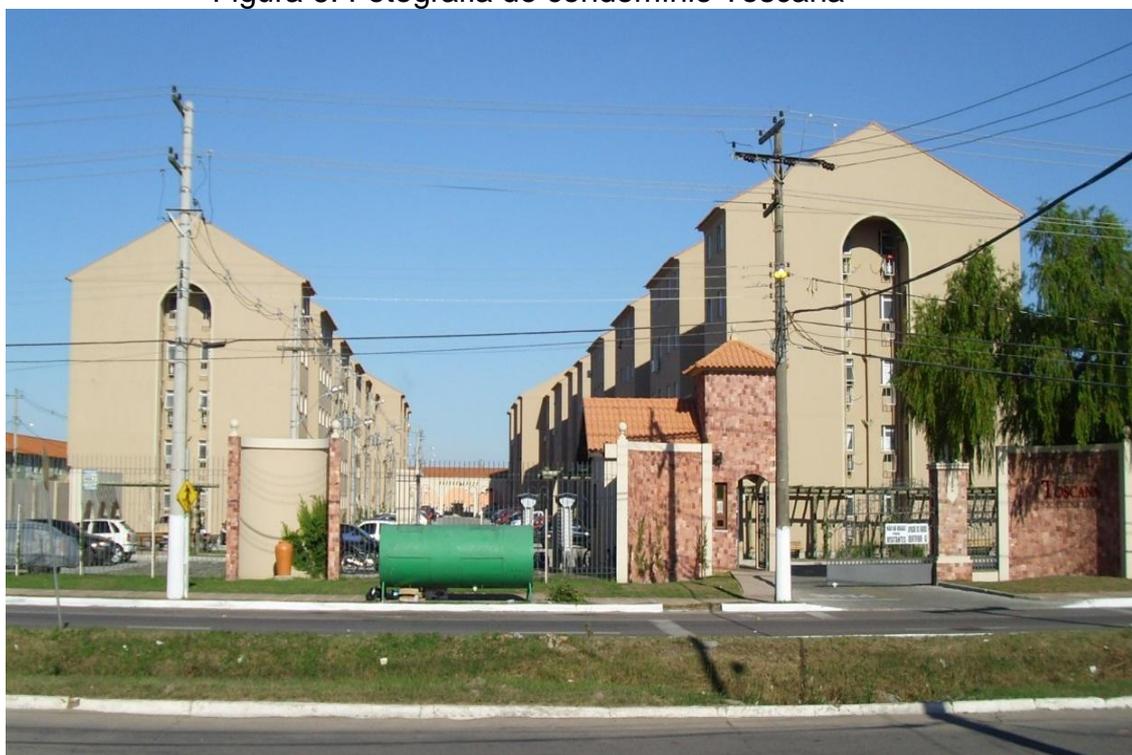
O Condomínio Lagos de São Gonçalo tem como principal objetivo aliar conforto e qualidade de vida e atualmente é o empreendimento imobiliário mais ousado dos últimos anos, em Pelotas. O condomínio dispõe de uma infraestrutura excelente, terá um clube próprio com a inclusão de piscinas e quadras para a prática de várias modalidades esportivas. Além disso, o empreendimento prioriza que o local seja tranquilo, de bom gosto para atrair moradores que buscam uma ótima qualidade de vida.

Figura 5: Fotografia da parte interna do condomínio Par Princesa do Sul.



Fonte: acervo da autora
Data: 20-05-2012

Figura 6: Fotografia do condomínio Toscana



Fonte: acervo da autora
Data: 27-05-2012

Tendo em vista as colocações feitas, é possível afirmar que inicialmente o volume de pessoas interessadas no empreendimento confirmou que a proposta de implantação do condomínio foi bem aceita, apesar de sua estrutura impactante. Como já foi citado anteriormente, o condomínio possui uma proposta ousada.

A Cádiz construções também é uma ocupante do novo bairro São Gonçalo. Mas, ao contrário dos demais empreendimentos, o condomínio Garden Club House ainda não ultrapassou o prazo de entrega de seus apartamentos.

O shopping Pelotas está localizado numa área visivelmente residencial, no cruzamento da Avenida Ferreira Vianna com a Avenida São Francisco de Paula, no bairro São Gonçalo. Atualmente, com o funcionamento desse centro de compras, torna-se possível identificar uma densidade muito maior de circulação de pessoas na área. Esse fator demonstra que o empreendimento tem alto poder de atração, e que existe um movimento significativo de circulação dos demais habitantes de Pelotas e também dos municípios da região Sul nesta área do bairro São Gonçalo.

Analisando imagens anteriores a década de 1970 observamos que a região administrativa não possuía sua área ocupada, podemos dizer que o bairro servia somente como passagem, os terrenos eram usados principalmente para questões relacionadas à pecuária, para passagem do gado.

As imagens que mostram a área do bairro São Gonçalo neste período evidenciam um local pouco urbanizado e que configurava um vazio. Este fator comprova que as ocupações no local se intensificaram a partir da década de 80 com o surgimento das primeiras ocupações residenciais. Antes das ocupações residenciais o bairro servia somente como um lugar de passagem que fazia a ligação do centro da cidade com o bairro Areal e Laranjal e facilitava também o acesso a outras localidades da cidade.

Na época não existia nesta área nenhuma via asfaltada, as primeiras ruas foram criadas para ligar o bairro Laranjal ao centro e ao bairro Areal, estas estradas eram de chão batido. As autoridades só começaram a se preocupar com esta área no final dos anos 70 e começo dos anos 80.

As fotografias mostram que a área do bairro São Gonçalo, era pouco urbanizada e configurava um vazio neste perímetro. Este fator comprova que as ocupações no local se intensificaram a partir da década de 80 com o surgimento das primeiras ocupações residenciais.

Como já citado anteriormente, antes das ocupações residenciais o bairro servia somente como um lugar de passagem que fazia a ligação do centro da cidade com o bairro Areal e Laranjal e facilitava também o acesso a outras localidades da cidade. Até o ano de 2008 o bairro fazia parte da região administrativa Areal. Desde o princípio a ocupação deste local foi eminentemente residencial.

Sobre as possibilidades de produção do espaço urbano do bairro São Gonçalo é importante ressaltar que sua ocupação tende a crescer ainda mais. Levando em consideração a configuração atual, é possível afirmar a sua consolidação como bairro.

O processo de produção espacial nesta área é facilmente identificado pelas mudanças na sua estrutura e também pela mudança na dinâmica do local. Pode-se afirmar que esta área em processo de produção e é uma nova opção para o capitalismo se reproduzir na cidade de Pelotas. Com a saturação do centro da cidade, as áreas próximas do centro, com terrenos disponíveis, se tornam uma boa opção para os agentes que buscam a intensificação da produção capitalista dentro do espaço urbano da cidade, neste caso Pelotas.

4.4 Região administrativa Fragata

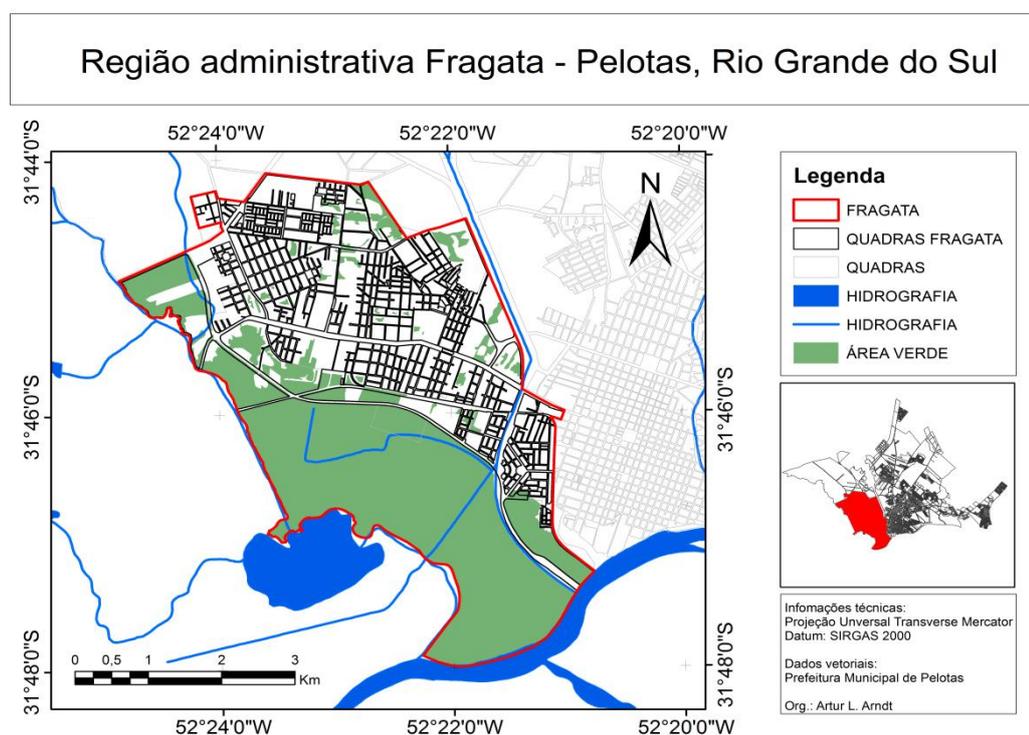
A região administrativa Fragata possui um histórico de formação e uma configuração diferente da região administrativa São Gonçalo, apresentada anteriormente. Essa região administrativa tem uma importância significativa junto à formação e extensão da cidade de Pelotas.

O Fragata está localizado na zona oeste da cidade de Pelotas, possui uma grande área de aproximadamente 47420688,50 m². Suas principais ruas e avenidas de acesso são a Avenida Duque de Caxias, Avenida Lisboa, Avenida Assis Brasil e Avenida Pinheiro Machado. O mesmo tem uma formação que possibilita o acesso a vários outros bairros da cidade e também possibilita o

acesso para as rodovias BR-392 que também se relaciona com a BR-116 umas das principais rodovias do país.

Esta região administrativa também chamada de bairro cidade tem uma população de 75.238 habitantes. O bairro não é chamado de bairro cidade por conta de sua densidade populacional, mas sim por conta de sua configuração que abriga diversas funções urbanas, dentre elas destaca-se a importância do comércio que se concentra principalmente na Avenida Duque de Caxias.

Figura 7: Mapa da Região administrativa do Fragata.



Fonte: ARNDT, Artur

Data: Junho de 2015

No decorrer desta avenida é possível identificar a presença do comércio em suas diversas formas, o comércio alimentício tem uma forte influência na configuração e na concentração de pessoas que possibilitam o movimento e o encontro nesse local. Ainda concentra supermercados e mercados menores que vendem produtos alimentícios industrializados. Possui também um Centro Comercial chamado Bairro cidade, além de floriculturas, lojas de eletrodomésticos, vestuário, artesanato, entre outros.

A Duque de Caxias possui uma ligação com a prestação de serviços que também faz parte do setor terciário fortemente presente na área do bairro. Entre os prestadores de serviços se pode destacar os taxistas, chaveiros, posto de gasolina e outros. Além disso, a avenida ainda recebe feiras livres que ocorrem em diferentes dias e horários semanais.

É notável a importância que o bairro possui para a cidade, além das funções já citadas, cabe mencionar também que o Fragata possui dois postos de saúde que atendem a população local. O Bairro ainda abriga três empresas de ônibus que circulam no município de Pelotas, a empresa TURF, Santa Silvana e também a Transportes Rainha.

Figura 8: Centro Comercial Bairro Cidade



Fonte: Acervo da autora

Data: 10-06-2012

Além disso, a região administrativa sedia também diversos lugares distintos que servem toda a população de Pelotas e não somente os moradores do bairro. Entre esses locais estão o Cemitério Ecumênico São Francisco de Paula, o quarte do Exército 9º BI e também a Rodoviária do Município. Na área da educação destaca-se a presença da Faculdade de Medicina e Obstetricia da Universidade Federal de Pelotas e de escolas conhecidas em toda a cidade

como, o Colégio Tiradentes da Brigada Militar, a E.E.E.G. Osmar Da Rocha Grafulha (CIEP), a E.T.E Prof. Sylvia Mello, entre outras.

A região administrativa possui diversos sub-bairros também chamados de meso e microrregiões que compõem sua área total, dentre estes sub-bairros podemos descar, Guabiroba, Vila Gotuzzo, Cohab-Fragata, Pasto do Salso, Cohab Pinheiro Machado, Farropilha, Santo Antônio de Pádua, Padre Réus e outros. Um sub-bairro que tem forte expressão e que está presente na área da região administrativa é o Simões Lopes, lugar histórico e de fundamental importância para a expansão urbana de Pelotas.

Sobre o histórico de formação cabe citar a construção do cemitério como um marco da expansão da cidade para a zona oeste de Pelotas. Por conta do aumento da população e conseqüentemente de demandas que envolvem a vida urbana a cidade foi crescendo em direção a suas zonas periféricas os primeiros locais de expansão e ocupação fora do centro da cidade foram chamados de Fragata (zona oeste) e Três Vendas (zona norte).

Assim como afirma Soares (2000, p. 50)

En 1856, debido a la epidemia del cólera morbo del año anterior, se construye el Cementerio de la Misericordia distante del centro de la ciudad, en el suburbio conocido como Fragata. Tal construcción estaba de acuerdo con los preceptos higiénicos para una ciudad que crecía: el alejamiento del centro urbano de los muertos y de los peligros de enfermedades.

Além do cemitério, outros elementos foram construindo e solidificando a ocupação do bairro Fragata. A ponte de Pedra sobre o Santa Bárbara é um elemento que enfatiza a importância do bairro para a cidade, além disso, podemos citar também a localização da Estação Férrea de Pelotas que possibilitou um crescimento populacional ainda mais expressivo em direção ao Fragata.

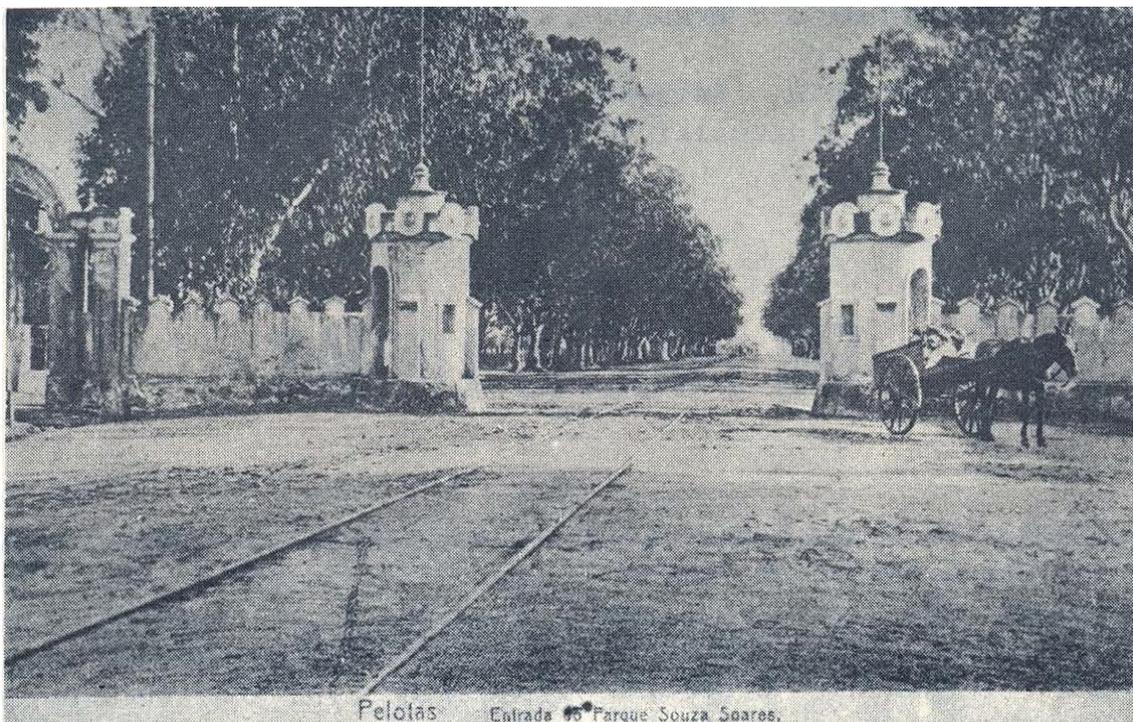
A mudança e a forte ocupação da área possibilitaram que muitos investimentos fossem para o local e também por isso, hoje o Fragata é considerado um bairro cidade, porque possui uma alta densidade populacional e de recursos urbanos que foram investidos desde os primeiros anos de ocupação urbana do município de Pelotas. Essa reflexão foi possível por conta de leituras e referências sobre o histórico de formação da cidade de Pelotas, Soares (2000, p. 50) diz que:

Los ferrocarriles llegaron en 1877 provocando el crecimiento de la ocupación en la bajada oeste en dirección al arroyo Santa Bárbara. La estación de ferrocarriles fue edificada en el encuentro de las calles D. Pedro II y Marcilio Dias, frente a amplio "largo". El Parque Souza Soares (después Parque Pelotense), fue inaugurado en 1883 en el barrio Fragata. En las décadas siguientes este barrio sería uno de los que presentaría mayor crecimiento a partir de la parcelación de sus fincas, pertenecientes a familias importantes de la ciudad. Tanto la estación de ferrocarriles, como el Parque Pelotense, impulsaran la creación de nuevas líneas de tranvías, como veremos adelante.

Por consequência dessa ocupação intensa foi possível o desenvolvimento e a afirmação da zona oeste de Pelotas que posteriormente se efetivou como bairro Fragata. O local possuía ligação com a cidade, com as ferrovias, ali também se comercializava alguns produtos que vinham da colônia, da zona rural e ainda produtos artesanais.

Alguns produtores rurais da época se instalaram na área do bairro para poder comercializar seus produtos, considerando a densidade populacional presente nesta área da cidade. Um fator que realmente contribuiu e impulsionou a afirmação da área como bairro e fez com que a população aumentasse ainda mais, foi à construção do já citado Parque Souza Soares, conhecido como Parque Pelotense.

Figura 10: Entrada do Parque Souza Soares



Fonte: Acervo Nelson Nobre
Data: 1989, fascículo I

Figura 11: Avenida 2 de Fevereiro que atravessava o Parque Souza Soares



Fonte: Acervo Nelson Nobre
Data: 1999, fascículo VI

Os elementos que são de utilidade para toda a população de Pelotas e não só para a população do bairro, como o cemitério, o exército surgem nessa época e são de fundamental importância para a expansão urbana da cidade de Pelotas. Outro fator que na época facilitou o crescimento populacional para essa área diz respeito à implantação de novas vias de circulação pela Companhia de Ferro e Caes de Pelotas como coloca Soares (2000, p. 66):

Tanto que la Compahia Ferro Carril e Caes de Pelotas extendió una línea de tranvías hasta la entrada del Parque. De esta forma, la compañía se anticipaba al próprio crecimiento de la ciudad que, a partir de una conjugación de operaciones urbanas (cementerio, cuartel, parque, ferrocarriles), tendía en dirección a esta área. La línea de ferrocarriles (Southern Brazilian Railway Co.) conectando Pelotas con la Campanha fue construida entre los años 1881 y 1884. La misma fue trazada al borde de la cota máxima de las crecidas del São Gonçalo y sus tributarios, limitando la expansión urbana del barrio Fragata por el sur. Al aproximarse al núcleo urbano, la línea de ferrocarriles acompañaba a distancia el curso del arroyo Santa Bárbara por su margen derecha (la ciudad se situaba en la margen izquierda). Sin embargo, la red del ferrocarril no desempeñó una función importante en el desarrollo de la ciudad, con excepción de la localización del barrio Simões Lopes, construído entorno a la estación.

Figura 12: Construção dos trilhos em Pelotas



Fonte: Acervo Nelson Nobre
Data: 1989, fascículo II

Depois da construção de todas essas vias de acesso ao bairro, sua configuração atrativa foi aumentando e reunindo mais pessoas no local, assim dentro do bairro Fragata surgiram as Vilas Prado e Gotuzzo. A Vila do Prado foi produzida principalmente por imigrantes espanhóis (irmãos Trápaga) que comercializaram uma grande quantidade de terras do local, aproximadamente 145 lotes com ênfase na construção de casas.

No entanto, a Vila Gotuzzo levou mais tempo para se efetivar e seus lotes não foram ocupados rapidamente, porque a vila não era tão próxima da cidade e das principais vias de acesso. A Vila Gotuzzo foi implantada pelo italiano Caetano Gotuzzo Giacomini que possuía muitas propriedades e era dono do Hotel Aliança, considerado muito importante na época.

Além de citar a implantação das Vilas do Prado e Gotuzzo, cabe ressaltar a importância do bairro Simões Lopes que foi o primeiro local a ser planejado na cidade Pelotas, ele foi construído próximo a Estação férrea entre os anos de 1914 e 1916, os terrenos que deram origem ao bairro pertenciam à família Vizconde da Graça. O bairro tinha uma fundamental importância na

época porque ficava perto do centro da cidade, das linhas ferroviárias principais e porque também apresentava uma estrutura que os demais lugares não possuíam.

Localizado cerca de la estación de ferrocarriles, fue una pionera promoción de tipo capitalista en la ciudad, que implicó a la vez promoción, parcelación y construcción. No se limitó a la simple parcelación de los terrenos: conjuntamente se construyeron casas baratas bajo los preceptos de las construcciones higiénicas y con alquileres reducidos para el proletariado. En este sentido es correcto afirmar que el barrio Simões Lopes representó una innovación importante en las formas de producción de la ciudad. (SOARES 2000, p. 73)

O bairro Simões Lopes servia como um lugar de moradia para muitos operários que trabalhavam na cidade de Pelotas e tinha em sua configuração que tinha forte ligação com a organização da vida cotidiana. O local possuía tanto espaços privados quanto públicos, no bairro se encontravam vendas com os produtos de primeira necessidade e os espaços públicos eram representados pela presença da igreja, da escola, da praça e outros elementos que fazem parte da estrutura urbana de uma cidade. Na época um local que apresentasse essa estrutura era considerado um lugar em desenvolvimento para a vida social dos trabalhadores.

Com o tempo o bairro foi tomando uma posição ainda mais expressiva dentro da cidade. Assim foram aumentando também a produção capitalista do local, estes e outros fatores impulsionaram a construção da principal avenida presente no bairro à denominada Avenida Assis Brasil. No decorrer dessa avenida era possível observar espaços públicos e arborizados que compunham o bairro, praças, jardins e outros. Toda essa estrutura foi intensificada para atrair também a população que tinha maior poder aquisitivo. Mas esse investimento não se efetivou, a população do bairro era composta por parte da massa trabalhadora de Pelotas.

Depois de idealizar e efetivar a implantação do bairro Simões Lopes, Augusto Simões Lopes continuou acreditando no ramo imobiliário. O investidor imobiliário aproveitou sua experiência com os negócios e investiu em outros lotes de terra na área do bairro Fragata com o apoio e colaboração do engenheiro Edmundo Gastal Sobrinho e com isso implantaram algumas vilas, chamadas de vilas proletárias porque estas eram destinadas a população baixa renda.

En 1923 promovió la parcelación de los 150 lotes de la Vila Proletaria São Francisco de Paula, situada entre la Avenida 20 de Setembro y la vía férrea. En 1924 la promoción realizada fue la de la Vila Proletaria Hilda con 148 lotes destinados a la construcción de casas. En 1928 Simões parceló los 74 lotes de la Vila Proletaria Elisabeth también localizada entre la vía férrea y la avenida principal del barrio Fragata. En la Vila Hilda se produjo la apertura de cuatro nuevas calles del barrio, siguiendo un modelo de crecimiento del tejido de la ciudad que sería el dominante a partir de entonces: la apertura de calles se produce por los particulares que van integrando sus propiedades a las avenidas y calles ya existentes en la ciudad. Estas parcelaciones, aunque fuesen del mismo propietario, nunca eran realizadas de manera continua, manteniendo grande cantidad de terrenos desocupados valorizándose y aguardando una nueva parcelación. (SOARES 2000, p. 78)

Nesse sentido cabe destacar que o bairro Fragata foi uma das primeiras ocupações urbanas registradas fora do centro da cidade. O bairro foi formado por pequenas vilas que foram loteadas com o passar do tempo e com o aumento da população urbana de Pelotas. Na época de sua organização o Fragata representava o subúrbio da cidade.

Com o tempo a ocupação urbana foi se solidificando e os responsáveis pela organização do espaço urbano começaram a se preocupar mais com a união e com a conexão do centro com o subúrbio da cidade. A ideia era gerar uma integração dos lugares e também de possibilitar melhorias para a população suburbana porque na época havia uma grande preocupação que a cidade fosse o mais homogênea possível.

Assim sendo, a cidade teria que possuir em toda sua extensão uma organização que contemplasse uma estrutura de praças, ruas arborizadas, pavimentação adequada e construções modernas. Mas esse projeto não se efetivou e não permaneceu na cidade de Pelotas.

A região administrativa do Fragata possui atualmente uma estrutura comercial e residencial bem expressiva. O bairro proporciona para seus moradores uma série de serviços que outros lugares e regiões administrativas de Pelotas não possuem. O Fragata possui praticamente todos os recursos e

serviços que a população necessita em seu cotidiano, porém em menor escala do que no centro da cidade.

Mesmo com toda a estrutura que apresenta sua população ainda utiliza muitos recursos da vida urbana fora do seu perímetro, principalmente no centro da cidade. Como citado anteriormente, o bairro possui uma boa estrutura, no entanto apresenta algumas limitações quanto à variedade e assim a população busca por mais opções em outros lugares da cidade.

Esta região administrativa é histórica e acompanhou todo o desenvolvimento da cidade de Pelotas. O mesmo não acontece com a região administrativa São Gonçalo que também está presente nesta pesquisa. O São Gonçalo é um lugar mais jovem e que não possui uma significativa importância histórica para a cidade.

O Fragata representa com força a existência e a constituição dos bairros de Pelotas, está presente desde os primeiros momentos de organização e estruturação da cidade. Assim, é possível dizer que o local certamente permanecerá sendo de fundamental importância para Pelotas, sendo no que tange as questões históricas, atuais e até mesmo futuras.

4.5 Estudo Comparativo entre as Regiões Administrativas pesquisadas

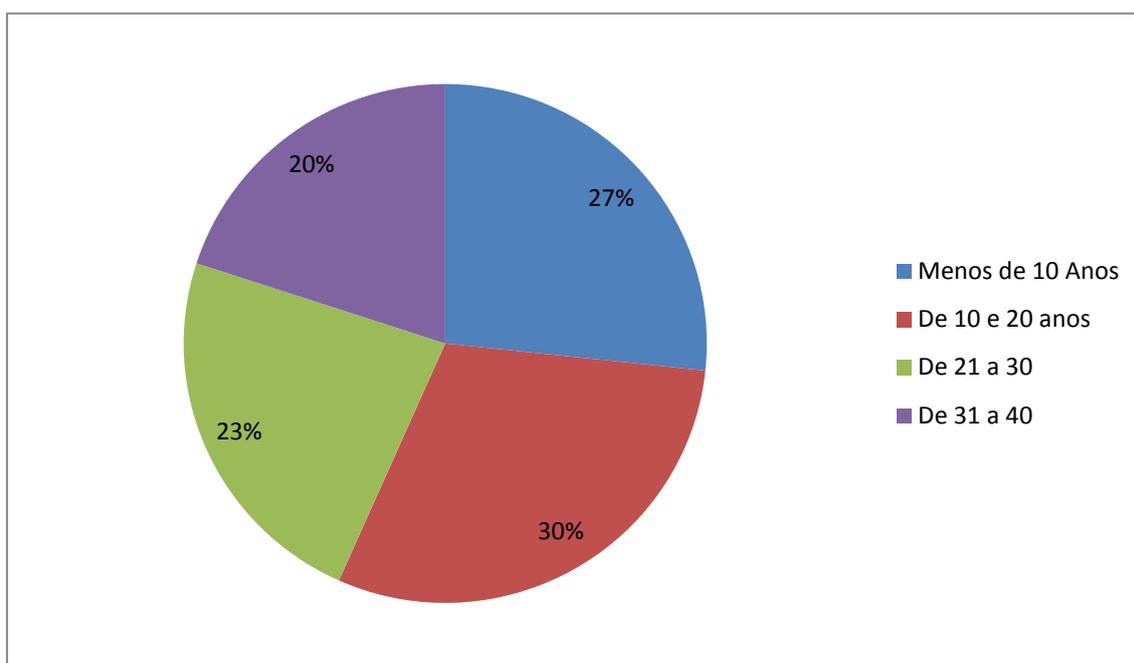
Neste momento é realizada uma análise dos resultados obtidos através da pesquisa de campo. A partir dos questionamentos, tenta-se responder aos objetivos do trabalho, e analisa-se como a vida cotidiana se efetiva na cidade de Pelotas. Depois de analisar as respostas dos moradores é apresentada uma discussão sobre a relação da hipermodernidade com a identidade que são encontradas nas falas dos moradores dessas duas regiões administrativas pesquisadas.

Ainda busca-se relacionar o processo de metapolização com a realidade vivida na cidade e, a partir disso, analisar se tal processo pode acontecer em cidades médias como Pelotas. Para responder esse objetivo, analisa-se com base nas entrevistas e nas respostas dos moradores, a configuração espacial da cidade. Procurando entender se Pelotas apresenta espacialmente uma configuração mais relacionada à modernidade ou a hipermodernidade.

Mas antes de entrar nessa discussão, são analisadas as respostas dos moradores para os questionamentos da pesquisa. Para algumas questões foram criados gráficos com objetivo de facilitar, visualizar e explicar melhor as respostas dos moradores. Porém para algumas perguntas não foi possível gerar esse recurso visual, considerando que as respostas são mais subjetivas e variadas.

Primeiramente são analisados os questionamentos realizados com os moradores da região administrativa São Gonçalo, posteriormente as respostas dos moradores da região administrativa do Fragata. Por fim analisam-se os resultados encontrados nas duas regiões administrativas para responder os principais objetivos do trabalho.

Figura 13: Representa o tempo de moradia e de relação com o local

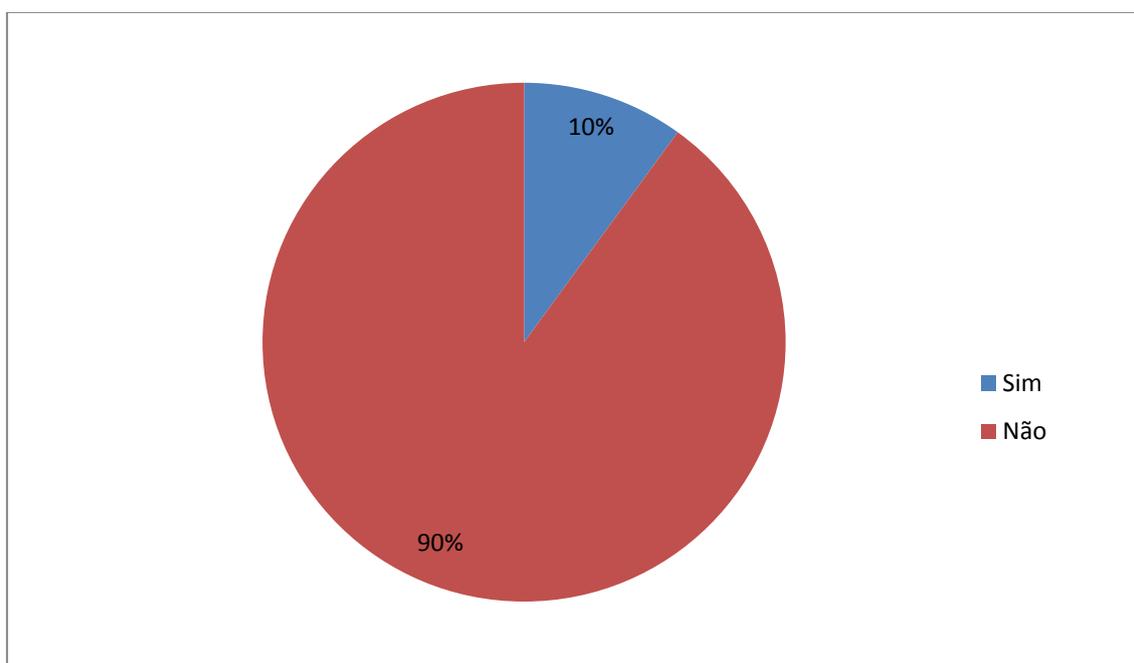


Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

A primeira pergunta diz respeito ao tempo em que o entrevistado mora no local para relacionar se o tempo de habitação influencia nas demais respostas obtidas com a pesquisa. Com relação a esse questionamento oito pessoas responderam que moram a menos de dez anos no bairro, nove pessoas moram entre dez e vinte anos, sete pessoas de vinte e um a trinta anos, seis pessoas de trinta e um a quarenta anos.

Os entrevistados que responderam morar a menos de dez anos no bairro, são na maioria estudantes e moradores de condomínios fechados. As pessoas que responderam morar no bairro até vinte anos são em sua maioria, pessoas que vieram de outras cidades e que moram do bairro por conta de sua proximidade com o centro. Os demais entrevistados disseram morar no bairro desde muito jovens e outros desde que nasceram.

Figura 14: Porcentagem de moradores que conhecem e desconhecem o histórico de formação da Região Administrativa



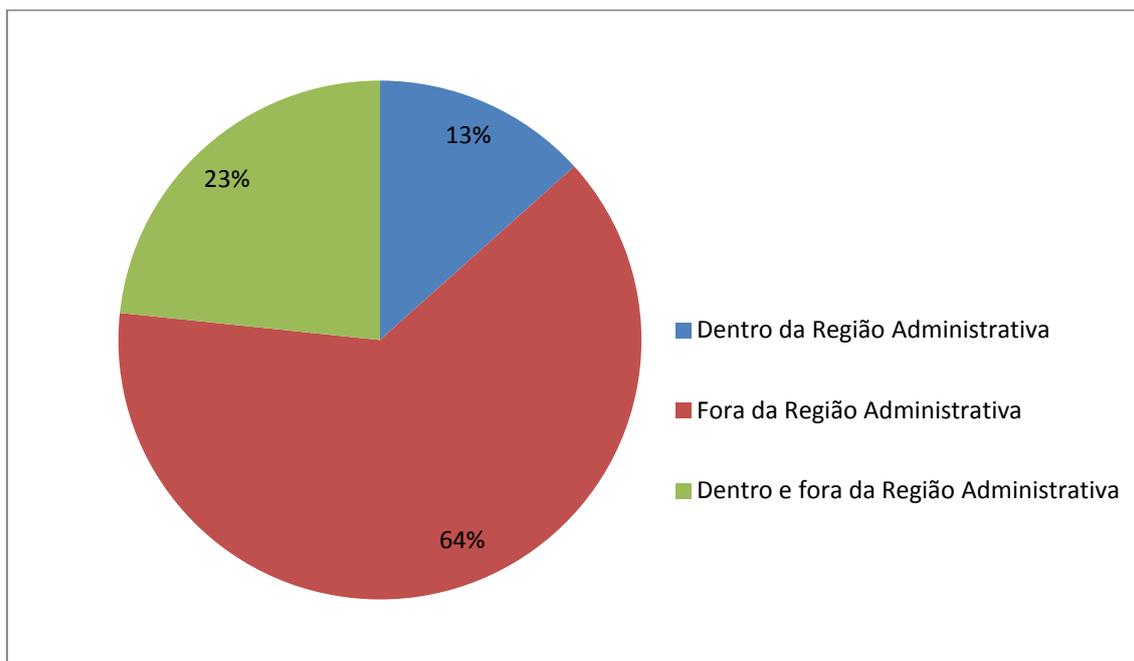
Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

Sobre as origens do bairro somente dez por cento dos entrevistados disse conhecer ou já ter ouvido falar sobre o histórico do local, e essa porcentagem representa três moradores dos trinta entrevistados na área do bairro. A maioria dos moradores disse não conhecer efetivamente os motivos que levaram o local a ser ocupado.

Os moradores que disseram conhecer o processo de ocupação do bairro não souberam explicar muito bem o que aconteceu. Um deles citou a proximidade com o centro e também com a zona portuária de Pelotas, dizendo que o local servia de moradia para pessoas que trabalhavam nesses dois locais da cidade. Outra pessoa disse que a área era bem vazia, que não possuía muitos moradores e que a população do lugar foi aumentando aos

poucos. Por fim, uma moradora citou que os lotes eram vendidos por uma família tradicional de Pelotas, mas não soube dizer o nome de tal família e também enfatizou que o local até hoje apresenta problemas com relação à estrutura básica para habitação como a falta do tratamento de esgoto e outros problemas.

Figura 15: Lugares onde consome os produtos do cotidiano



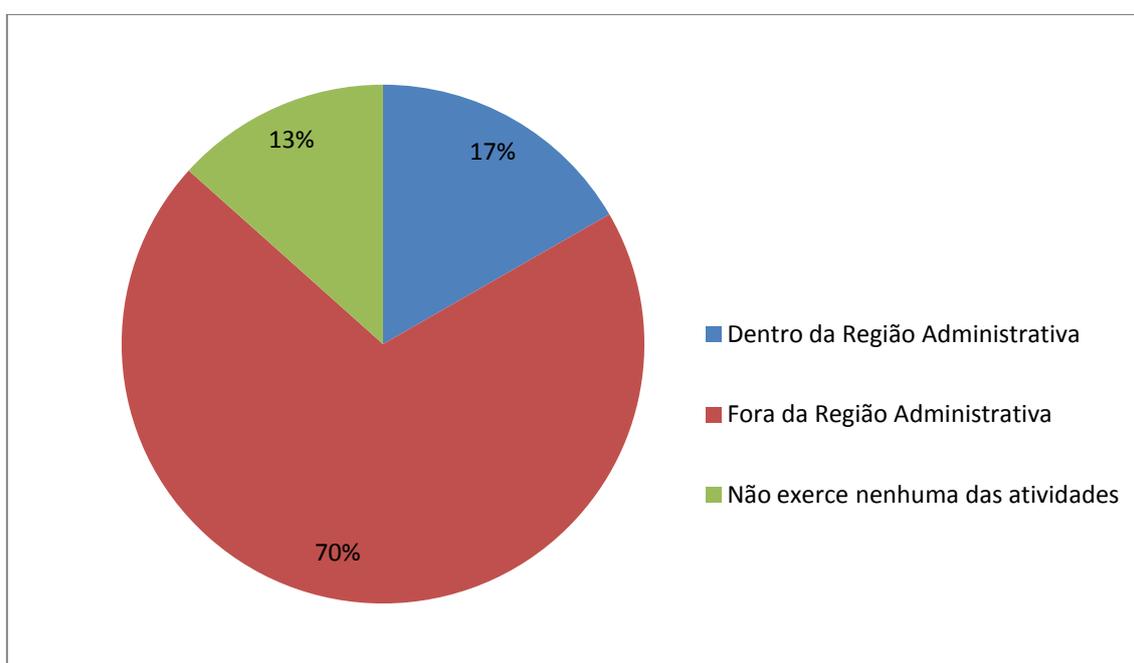
Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

Com relação aos lugares onde consome e compram os produtos de necessidade cotidiana quatro moradores responderam que consomem dentro da região administrativa, dezenove moradores disseram consumir fora da área do bairro. Foram contabilizadas também sete pessoas, que responderam dizendo que consomem dentro e fora do bairro.

As quatro pessoas que disseram consumir no bairro citaram o Hipermercado Big, o Shopping Pelotas e outros comércios menores que estão localizados na área da região administrativa. Os dezenove moradores que disseram consumir fora do bairro, citaram diversos locais, como supermercados e macroatacados que se localizam fora do bairro como o supermercado Guanabara, Krolow e outros. Isso porque, segundo os moradores, esses locais possuem mais variedade de produtos e melhores preços.

Os moradores que consomem dentro e fora do bairro citaram principalmente os comércios do bairro e também disseram que consomem muitos produtos que encontram em maior quantidade e qualidade no centro da cidade. A análise desse questionamento permite verificar que a maioria dos moradores circula por diversos locais da cidade, e que o fator consumo ainda mobiliza a população que não está totalmente isolada consumindo apenas produtos dentro do bairro.

Figura 16: Porcentagem de pessoas que estudam ou trabalham, dentro ou fora da Região Administrativa São Gonçalo



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

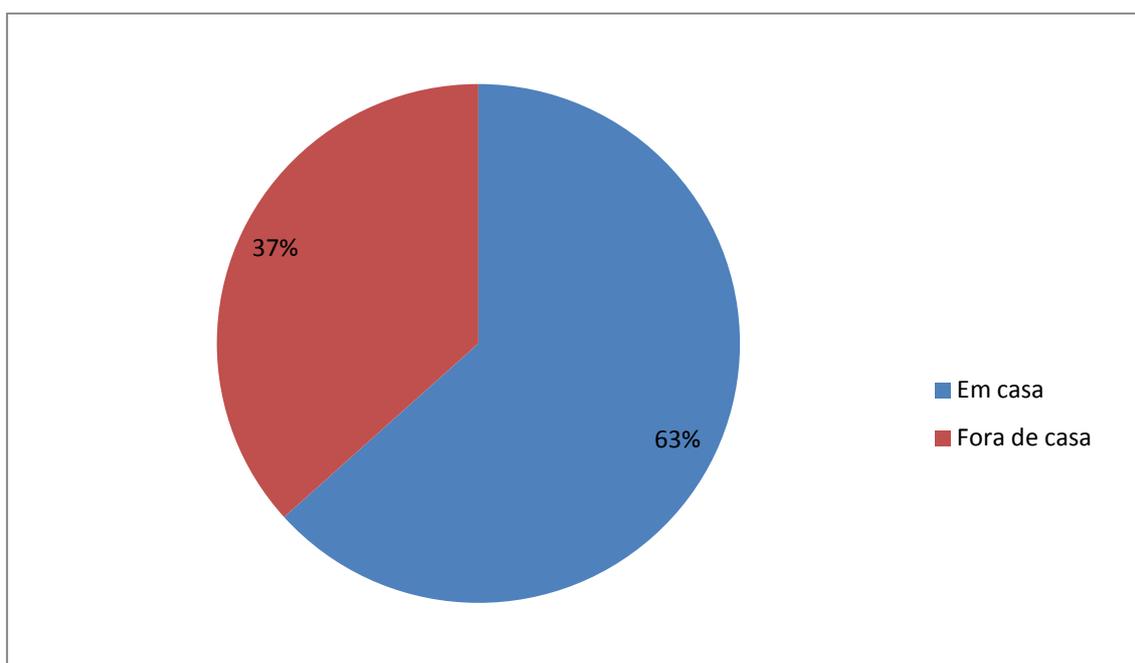
Entre os trinta entrevistados, cinco moradores disseram trabalhar dentro da região administrativa, vinte e um responderam que trabalham ou estudam fora do local e quatro pessoas disseram que atualmente não estudam e nem trabalham fora de casa. Podemos identificar que a maioria dos moradores entrevistados exercem suas atividades profissionais fora da área que pertence à região administrativa.

Dentre os cinco moradores que trabalham na área do bairro, dois deles trabalham em lojas do Shopping Pelotas, dois moradores trabalham com serviços domésticos em casas próximas a sua residência e uma moradora disse ser professora e disse que trabalha numa escola localizada no bairro. As

quatro pessoas que disseram que não estudam ou trabalham atualmente, duas são donas de casa, uma senhora está aposentada, e outra pessoa diz estar desempregada no momento.

Os vinte e um moradores que trabalham ou estudam fora do bairro desempenham diversas funções. Alguns trabalham na área de comércio e serviços, outros são concursados e apareceram também jovens que estudam em diferentes cursos da Universidade Federal de Pelotas e até mesmo de instituições privadas. Esses trabalhadores citaram a proximidade com o centro como um fator positivo do lugar e a maioria disse morar na área por esse motivo.

Figura 17: Porcentagem de moradores que fazem suas refeições em casa ou fora dela

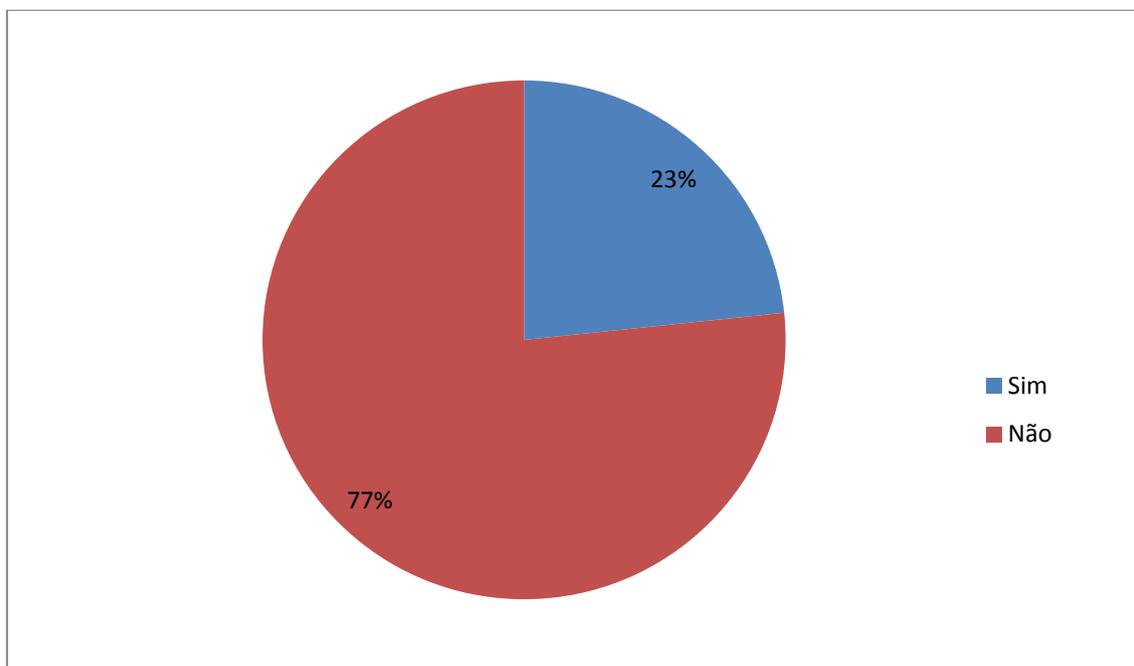


Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

A maioria dos entrevistados respondeu que faz suas principais refeições do dia em casa, dezenove pessoas falaram que almoçam e jantam em casa e onze pessoas disseram fazer as refeições fora de casa. Os moradores que disseram que fazem suas refeições em casa citaram principalmente a proximidade com o trabalho e também a economia como fatores motivadores para fazer as refeições em casa. Entre os moradores que fazem as refeições fora disseram que perderiam muito tempo do dia para irem até suas casas,

citaram que recebem auxílio para as refeições diárias, entre esses moradores apareceram trabalhadores e estudantes.

Figura 18: Porcentagem de pessoas que deixam de frequentar algum lugar que gostaria dentro da cidade

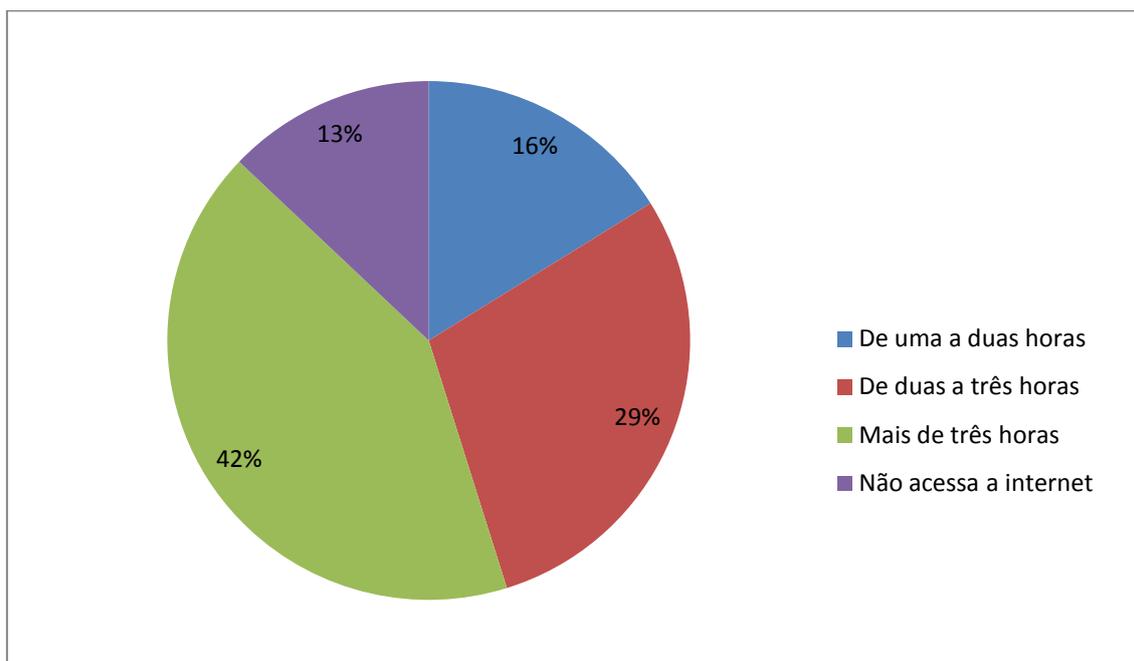


Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

Nessa pergunta os moradores foram questionados se deixavam de ir a algum lugar da cidade que gostariam de frequentar e por qual motivo isso acontece. Sete pessoas responderam que sim e vinte e três pessoas responderam que não, os motivos foram variados.

Algumas pessoas responderam que deixam de frequentar alguns lugares da cidade por falta de estrutura, como algumas praças e outros lugares. Citaram também a violência que vem crescendo em alguns locais da cidade, falaram que alguns lugares são distantes e que em alguns casos o transporte é precário. Os moradores que disseram que não deixam de ir a lugares da cidade que gostam de frequentar também citaram alguns problemas encontrados na área urbana de Pelotas, enfatizaram principalmente a violência e falta de policiamento e segurança na cidade.

Figura 19: Representa o tempo diário que os moradores utilizam conectados na internet



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro São Gonçalo
Data: Maio de 2015

A ideia deste questionamento surgiu com a necessidade de avaliar a relação e a influência da hipermodernidade e de suas manifestações na vida e no cotidiano dos moradores desta região administrativa. Dentre os entrevistados cinco responderam que passam até duas horas diárias conectados a internet, nove pessoas afirmaram que ficam de duas a três horas conectadas por dia, treze moradores disseram que ficam mais de três horas por dia navegando e utilizando a internet e três pessoas disseram não utilizar a internet com um meio de comunicação e distração.

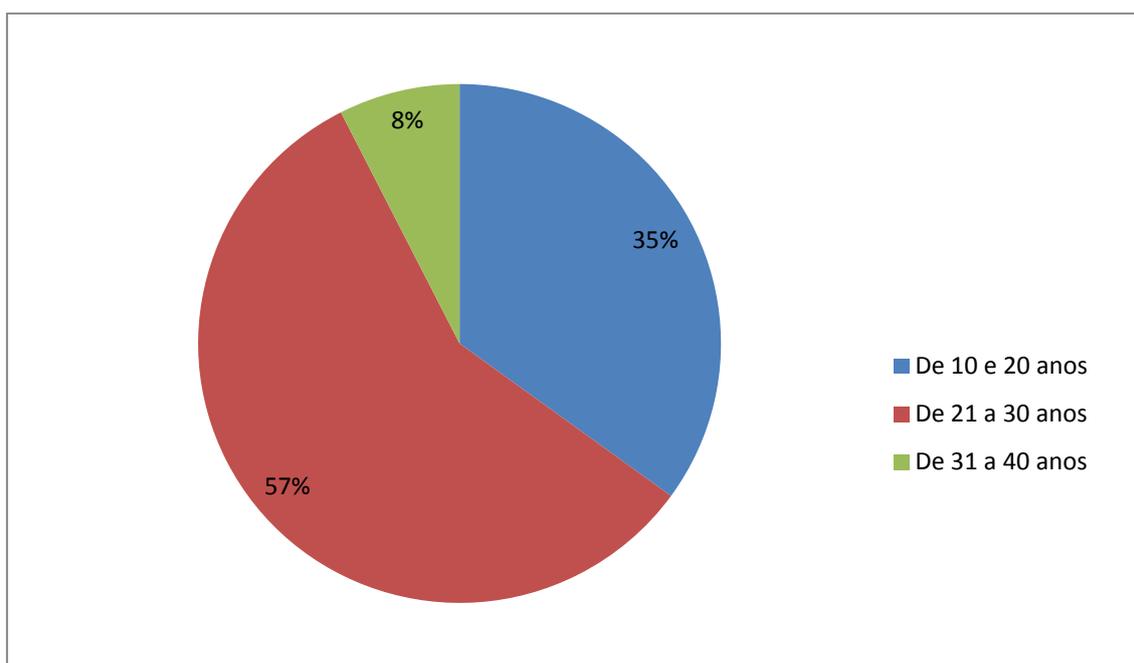
As vinte e sete pessoas que utilizam a internet disseram que utilizam essa ferramenta como um meio de comunicação e de ligação com os amigos, com os parentes e com o mundo de uma forma mais geral, afirmaram que utilizam cada vez menos as ligações por telefone ou celular. Disseram também que não precisam estar fisicamente próximas das pessoas para estarem perto delase e que para, além disso, utilizam a internet como um meio de diversão onde podem acessar qualquer coisa, a qualquer momento do dia.

Este fator enfatiza a presença e a influência da hipermodernidade na vida das pessoas, mesmo que elas não percebam, buscam ao mesmo tempo sua individualidade, mas também sua inserção na sociedade. Dessa forma

podemos dizer que mesmo que a hipermodernidade não se especialize de forma efetiva dentro do bairro com um alto grau de isolamento. A mesma já está presente e pode ser observada através dos comportamentos humanos de uma sociedade cada vez mais individualizada, mas que a todo instante busca estar conectada ao mundo.

Depois de discorrer sobre os resultados dos questionamentos realizados na região administrativa São Gonçalo, são analisados os resultados encontrados para a região administrativa do Fragata para posteriormente realizar uma análise comparativa entre dos dois. Os questionamentos feitos no Fragata foram os mesmos do São Gonçalo seguindo a discussão dos resultados encontrados.

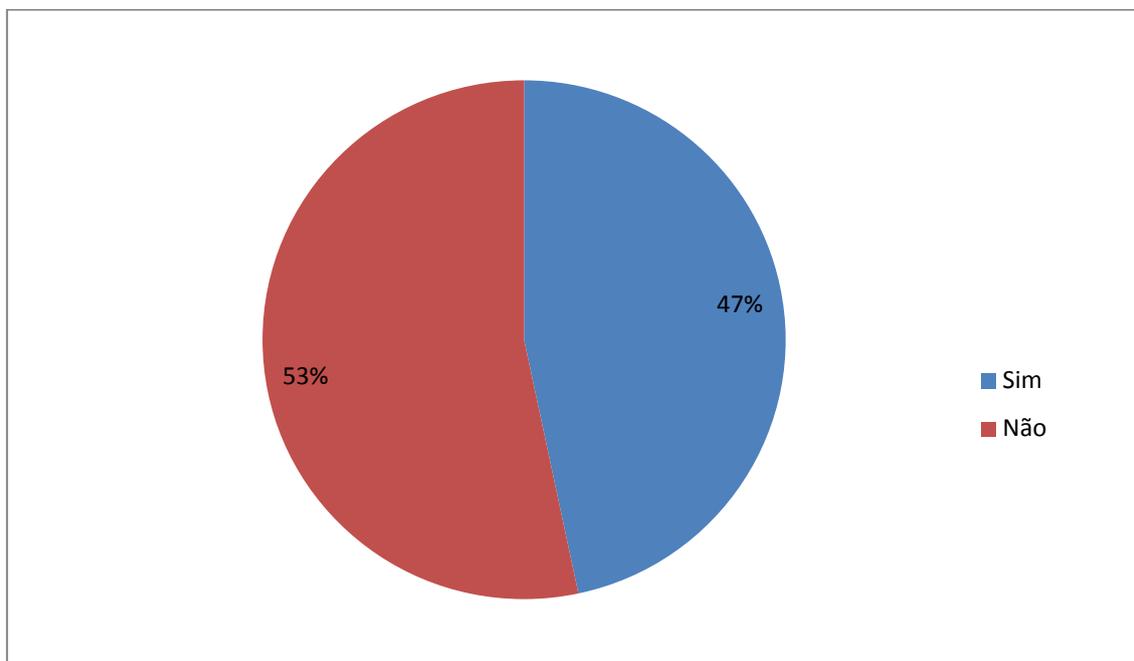
Figura 20: Representa o tempo de moradia e de relação com o local



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

Sobre a região administrativa do Fragata, é possível dizer que quatorze moradores entrevistados moram de dez a vinte anos no bairro, vinte e três pessoas moram de vinte e um a trinta anos no local e três moradores entrevistados moram de trinta e um a quarenta anos no Fragata. Esta região administrativa é um local histórico porque foi uma das ocupações que surgiu logo após a implantação da cidade de Pelotas, o Fragata representa uma das primeiras ocupações periféricas em relação ao centro da cidade.

Figura 21: Porcentagem de moradores que conhecem e desconhecem o histórico de formação da Região Administrativa Fragata



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

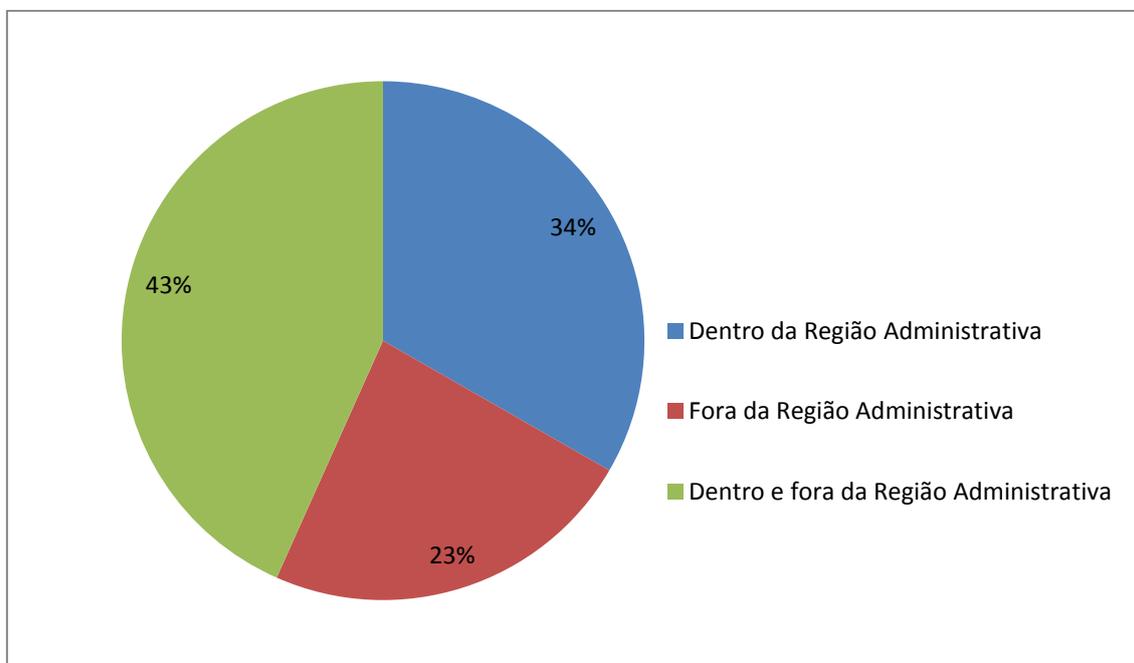
Quando questionados sobre o conhecimento sobre o histórico de formação dos bairros, uma parte significativa dos trinta entrevistados disse conhecer pelo menos parte do histórico de formação do bairro Fragata. Assim se pode dizer que quatorze dos moradores disseram conhecer o histórico do bairro Fragata e dezesseis pessoas disseram não saber muito sobre a formação do local.

Boa parte dos entrevistados que responderam positivamente dizendo que conheciam o histórico da região administrativa destacaram que a mesma é um dos bairros mais antigos da cidade e que abrigou a população que vinha para a cidade de Pelotas. Alguns citaram a presença de imigrantes e de pessoas que se interessavam em vender produtos na área do bairro. Outras pessoas citaram a formação da Vila do Prado e Gotuzzo como uma forma de abrigar a população mais pobre da cidade.

Parte dos moradores entrevistados destacaram também a presença do cemitério e até mesmo do exército como elementos que incentivaram e motivaram a formação do bairro. Muitos citaram também a importância do

bairro para a cidade enfatizando que o Fragata tem potencial para atender sua população e também para receber moradores de outras localidades da cidade.

Figura 22: Lugares onde consome produtos do cotidiano



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

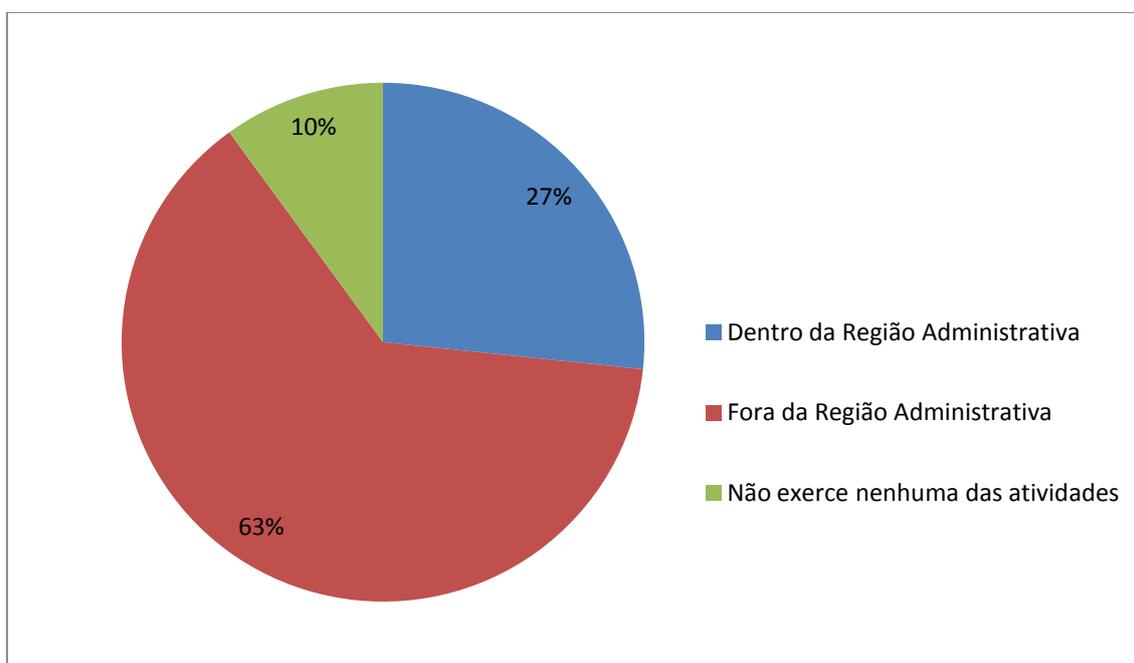
Sobre os questionamentos que envolvem os locais onde os moradores consomem e compram os produtos que consideram importantes para a seu cotidiano, os mesmos ficaram bastante divididos. Sendo assim, cabe destacar que dez entrevistados disseram consumir dentro da área ocupada pelo bairro, sete moradores destacaram que consomem fora do bairro e treze pessoas enfatizaram que compram dentro e fora da área ocupada pelo Fragata.

Os entrevistados que disseram consumir dentro da área do bairro disseram que o local possui todos os produtos necessários para a vida cotidiana, existem comércios de alimentos, de vestuário e outros serviços necessários para o dia a dia citam a presença de agências bancárias, lotéricas e outros. Os moradores que disseram que compram suas coisas fora do bairro ressaltaram que o fato de trabalharem e estudarem fora de casa facilita que os mesmos consumam fora do bairro.

As treze pessoas que disseram consumir dentro e fora do bairro, destacaram que o bairro Fragata, principalmente do decorrer da Avenida Duque de Caxias, apresenta todos os tipos de comércio e serviços necessários

para sua vida. Porém eles disseram que compram também fora da área do bairro por conta da variedade de produto e também de valores que existe em outras localidades da cidade. Mas mesmo consumindo no centro ou em outros bairros da cidade alguns moradores citaram que o Fragata é de certa forma independente e que possui um comércio significativo principalmente no que tange o comércio alimentício que é bem expressivo.

Figura 23: Porcentagem de pessoas que trabalham ou estudam, dentro ou fora da Região administrativa do Fragata



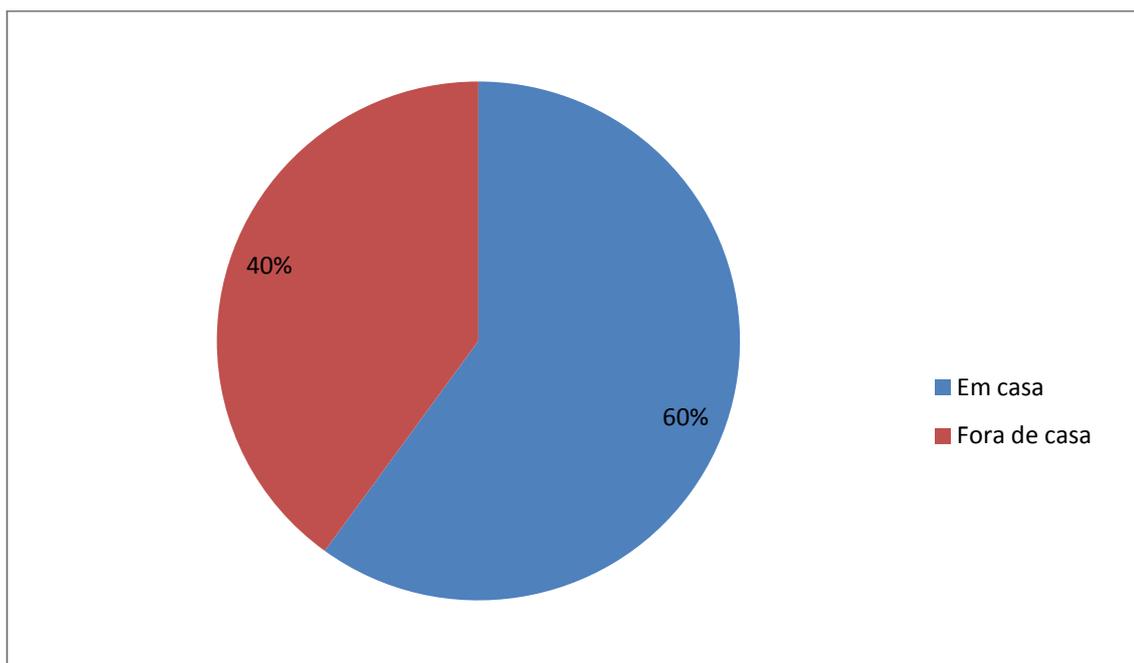
Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

Com relação às atividades exercidas pelos entrevistados destaca-se que oito trabalham dentro do bairro, dezenove pessoas disseram estudar ou trabalhar fora do local e três pessoas não exercem nenhuma dessas atividades no momento. Assim como no bairro São Gonçalo a maioria dos entrevistados não trabalham ou estudam fora da região administrativa em questão.

Os moradores que disseram trabalhar dentro do bairro destacaram que trabalham principalmente no comércio local, em lojas, em trailers, e outros exercem atividades autônomas dentro da área do bairro. Dentre as pessoas que disseram não exercer nenhuma atividade mencionada, foi possível identificar uma dona de casa e duas pessoas aposentadas.

Os moradores que estudam ou trabalham fora da região administrativa do Fragata assim como no caso do São Gonçalo, exercem atividades relacionadas ao comércio, à prestação de serviços, ao serviço público Estadual e Federal. Os estudantes entrevistados disseram estudar em cursos da Universidade Federal de Pelotas e também Universidade Católica.

Figura 24: Porcentagem de moradores que fazem suas refeições em casa ou fora dela



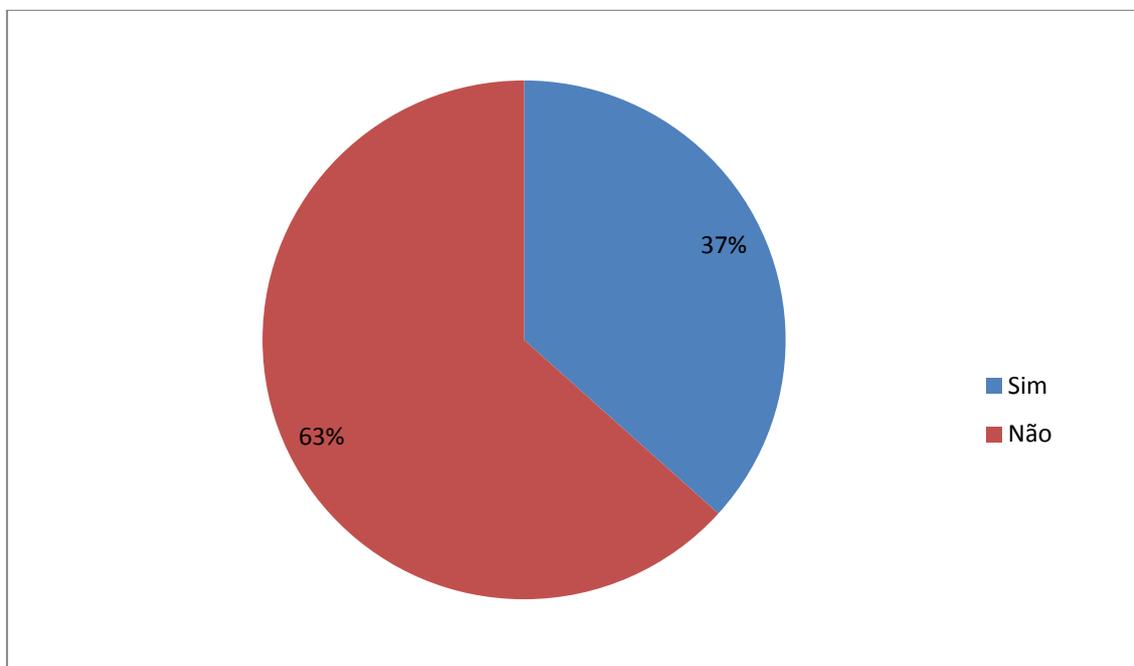
Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

No caso do bairro Fragata a maioria dos entrevistados também ressaltou que faz suas principais refeições em casa. Sendo assim podemos dizer que dezoito moradores do bairro afirmaram que fazem suas refeições em casa e doze dos entrevistados disseram que fazem suas refeições fora de casa.

Os motivos que levam os moradores a fazer suas refeições são os mesmos que apareceram no caso da região administrativa São Gonçalo. As pessoas que fazem as refeições em casa disseram que isso acontece porque em alguns casos as pessoas moram próximo ao trabalho e também por questões financeiras, esses entrevistados consideram que é mais econômico. E os moradores que comem fora de casa enfatizaram que é mais prático fazer as refeições fora ou porque moram sozinhos, ou por possuírem algum tipo de

auxílio refeição por conta do trabalho e até mesmo auxílio da Universidade, no caso específico dos estudantes.

Figura 25: Porcentagem de pessoas que deixam de frequentar algum lugar que gostaria dentro da cidade



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

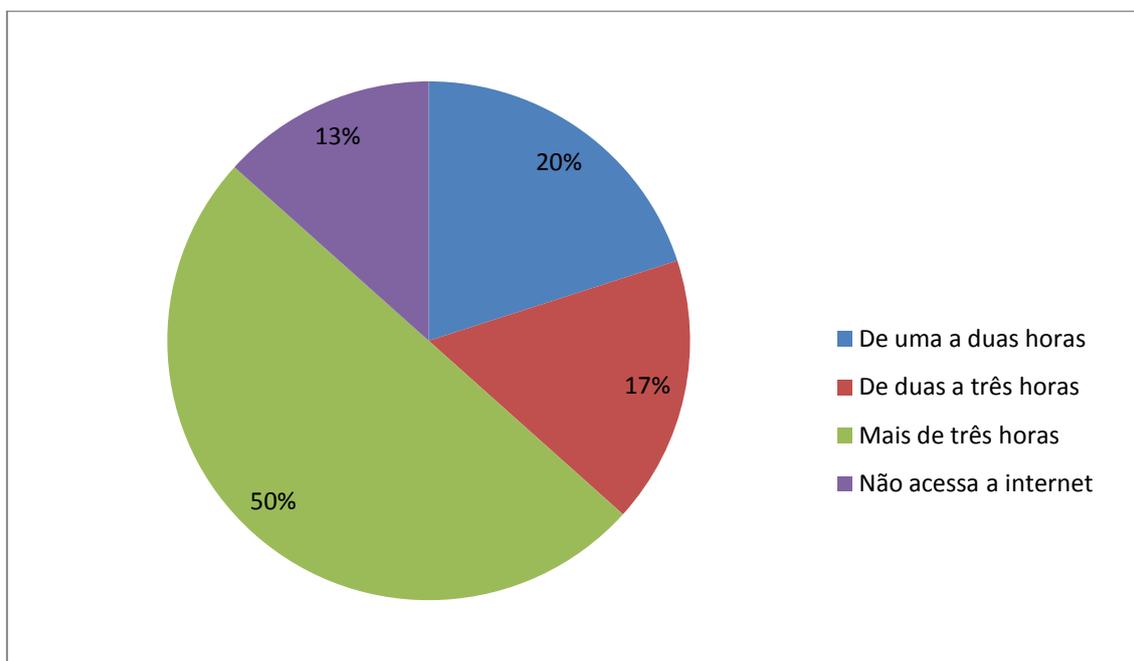
Nesta pergunta quando os moradores são questionados se deixam de ir a algum local da cidade que gostariam de frequentar, assim foi possível observar que a maioria responde que não. Mas a porcentagem de pessoas que deixam de ir aos lugares que gostariam de ir também é expressiva. Nesse caso, dezenove pessoas responderam que não deixam de frequentar os lugares e onze pessoas responderam que sim.

Quando questionadas sobre os motivos que as fazem deixar de frequentar algum local da cidade, as pessoas destacaram principalmente a questão da violência como já foi também citado pelos moradores do bairro São Gonçalo. Porém, os moradores do Fragata foram ainda mais enfáticos nessa questão e mencionaram lugares específicos da cidade onde julgam que esse fenômeno ocorre com mais intensidade e frequência, citaram o Quadrado, os bares do Porto e também o centro da cidade principalmente à noite.

Cabe destacar que os moradores que disseram que não deixam de frequentar os lugares que gostam também disseram que evitam estar em alguns

lugares em certos momentos do dia, principalmente pela questão da segurança. Ressaltaram que muitas vezes deixam os lugares antecipadamente por ficarem apreensivos com o ambiente.

Figura 26: Representa o tempo diário que os entrevistados ficam conectados a internet



Fonte: Entrevistas realizadas com os moradores do bairro Fragata
Data: Maio de 2015

O último questionamento das entrevistas perguntava aos moradores quanto tempo por dia eles ficam conectados ou navegando na internet como um elemento de distração e conexão com os demais membros da sociedade. Nas respostas seis pessoas disseram que ficam conectadas de uma a duas horas por dia, cinco pessoas disseram que ficam na internet de duas a três horas diárias, quinze pessoas responderam que ficam mais de três horas por dia acessando a internet seja no computador ou em outros aparelhos e quatro pessoas disseram que não acessam a internet.

Assim como no bairro São Gonçalo a questão da individualização e do isolamento total não acontece de forma expressiva no espaço. Mas é possível notar a influência de aparelhos ligados a hipermodernidade na vida das pessoas, por mais simples que elas sejam. A hipermodernidade está presente no ambiente e nas relações que se efetivam dentro da cidade, elas podem não ser visivelmente materializadas, mas estão presentes nas ações e nos

comportamentos das pessoas que são socialmente construídas e que também é resultado do modo de produção em que vivemos.

4.6 Pelotas e a permanência da Modernidade

Neste momento, são discutidos efetivamente os resultados da pesquisa relacionados aos objetivos e ao estudo de caso realizado. Inicialmente realiza-se uma breve discussão acerca dos resultados obtidos com as entrevistas, e agora se efetiva uma análise concreta sobre os resultados com relação aos objetivos, a problemática e a questão principal da pesquisa que envolve a configuração atual da cidade de Pelotas.

A problemática da pesquisa se preocupada em analisar a existência da relação entre a hipermodernidade na construção da identidade, considerando as regiões administrativas Fragata e São Gonçalo na cidade de Pelotas. Por isso, nas entrevistas foram investigadas questões relacionadas aos hábitos cotidianos das pessoas, para avaliar qual o envolvimento e identidade que as pessoas possuem com relação ao local. Além disso, com as entrevistas também foi possível identificar qual a influência da hipermodernidade no cotidiano dessas pessoas.

A questão central da pesquisa tem como objetivo verificar se o processo da hipermodernidade está relacionado com a formação da identidade em casos concretos. E ainda tem como objetivo utilizar o conceito de metápoles para tentar entender se o processo de metapolização ocorre na cidade de Pelotas.

Com as perguntas anteriormente citadas, verifica-se que as pessoas possuem um envolvimento significativo com os bairros pesquisados principalmente no Fragata, onde os moradores disseram encontrar os produtos que necessitam para a vida cotidiana. Mas ao mesmo tempo, a maioria disse ter uma relação frequente com o centro e também com outras áreas da cidade, o que configura uma permeabilidade entre os bairros e o centro de Pelotas.

Através da análise das questões da pesquisa, observa-se que a maioria dos moradores circula pela cidade ou pelo menos em parte dela. Esse fator possibilita afirmar que a cidade tem uma configuração espacial relacionada com a modernidade e pós-modernidade do que propriamente com a hipermodernidade. As identidades presentes não são totalmente

individualizadas e isoladas onde os bairros não se comunicam, mas na verdade, são identidades que reconhecem a importância do centro e de outros bairros.

Uma questão presente nas entrevistas realizadas com os moradores perguntava sobre os locais que eles utilizavam para lazer e em praticamente todos os casos, os moradores citaram locais dentro e fora das regiões administrativas a que pertencem. Este é outro fato que demonstra a permeabilidade e a mobilidade que as pessoas exercem por toda cidade, os principais locais citados foram o Laranjal, o Parque da Baronesa, os Bares do Porto, o Quadrado, o Shopping Pelotas e também o centro da cidade.

Em cidades onde o processo de metropolização ocorre, não existe uma comunicação intensa entre outros bairros, os lugares são independentes e possuem identidade e características isoladas. Com base na pesquisa de campo, podemos dizer que esse processo de total isolamento não ocorre em Pelotas. A cidade possui características de uma cidade de porte médio, onde os lugares se comunicam e criam uma dinâmica fragmentada que tem suas bases na modernidade e não na hipermodernidade.

Com relação à identidade das regiões administrativas pesquisadas, é possível dizer que os moradores da região administrativa do Fragata têm uma relação mais intensa com o local do que os moradores entrevistados na região administrativa São Gonçalo. Quando questionados sobre a formação do local, os moradores do Fragata demonstraram conhecer um pouco mais das origens do bairro. Os moradores do bairro São Gonçalo não souberam falar exatamente sobre a formação do bairro, não deram respostas afirmativas e a maioria respondeu que não conhecia as origens do bairro.

Ainda no caso específico do Fragata, os moradores demonstram interesse em falar um pouco mais sobre as características do bairro e também da afinidade que possuem com o local. No São Gonçalo, mesmo as pessoas que moram a mais de vinte anos no local, falaram pouco sobre as características do bairro, e não foram enfáticos em exaltar fatores positivos do bairro.

Seguindo na análise entre os dois bairros, no que diz respeito ao consumo, a maioria dos moradores do São Gonçalo enfatizaram que compram a maior parte dos produtos que utilizam fora da área ocupada pelo bairro.

Alguns citaram o Hipermercado Big e o Shopping Pelotas como locais de consumo dentro do bairro, mas disseram que procuram produtos para consumo fora do local, principalmente no centro.

Por outro lado, no caso do Fragata, os moradores enfatizaram que consomem dentro e fora do bairro, mas que o local possui os produtos que eles necessitam para viver. Os moradores do Fragata ressaltaram também que só consomem no centro e em outros locais por conta da variedade e diferença de preços entre os produtos.

Esta posição dos moradores é mais um elemento que justifica e demonstra a relação de identidade com o local, essas relações também podem ser mais intensas por conta da consolidação do local dentro da cidade de Pelotas. Como citado anteriormente, o bairro é um dos lugares mais antigos da cidade de Pelotas e também por isso possui uma consolidação e um reconhecimento tanto para os moradores, como para moradores de outros lugares da cidade.

No entanto, esse processo não ocorre com tanta intensidade na região administrativa do São Gonçalo, porque este lugar tem uma formação mais recente e que não foi amplamente consolidada. Este lugar ainda está passando por um processo de ocupação e de criação e formação de identidades.

O São Gonçalo tem uma configuração diferente do Fragata, esse bairro está sofrendo influências de características hipermodernas no seu processo de ocupação e consolidação que ocorre atualmente. O caso do Fragata é um pouco diferente, porque ele sofre influências da hipermodernidade, mas sua configuração espacial já está consolidada. O São Gonçalo possui em sua área empreendimentos com características hipermodernas e o Fragata é um bairro mais tradicional, com residências e comércios ligados as características da modernidade e pós-modernidade.

Ainda sobre os resultados das entrevistas, é possível dizer que os moradores do Fragata e do São Gonçalo, em sua maioria trabalham ou estudam fora destes lugares. As respostas dos moradores abrangem diversos locais dentro da cidade de Pelotas e até mesmo fora dela. Esta é outra característica que exemplifica a dependência e a ligação que os bairros possuem entre si, mas principalmente em relação ao centro da cidade que concentra as atividades empregatícias e também de formação acadêmica.

Os moradores, quando questionados sobre o lugar onde fazem suas refeições, outro elemento do cotidiano, responderam em sua maioria tanto no bairro São Gonçalo quanto no Fragata que fazem suas refeições em casa, e não em outros lugares da cidade. Para justificar essa atitude os moradores destacaram principalmente sua situação econômica, questões relacionadas ao financeiro e orçamento familiar.

Sendo assim, é possível destacar que mesmo as atividades cotidianas realizadas nos bairros não estão relacionadas efetivamente com o processo de individualização e isolamento das pessoas. Mas sim, com questões relacionadas com a limitação financeira existente entre os moradores entrevistados.

Outro fator que comprova que as características e influências hipermodernas ainda não se efetivaram espacialmente na cidade diz respeito à questão que indagava se o morador deixava de frequentar algum lugar da cidade que gostaria. Nesse sentido, a maioria das repostas foram negativas, ou seja, a maioria das pessoas não deixa de frequentar outros locais da cidade por motivos individualistas. Assim fica comprovado mais um elemento relacionado à cidade fragmentada e não totalmente influenciada pela hipermodernidade.

Com relação ao uso da internet a grande maioria dos entrevistados utiliza o recurso, não só para trabalho, mas também para entretenimento e relacionamentos sociais. Parte dos entrevistados disse ficar diariamente mais de três horas conectados, esse é um elemento que comprova e intensifica a presença da hipermodernidade na vida das pessoas.

Retomando a questão principal da pesquisa que tem como objetivo verificar em que medida esse processo da hipermodernidade está relacionado com a formação da identidade em casos concretos, cabe ressaltar que a questão da hipermodernidade influencia no cotidiano das pessoas, mas ela não aparece especializada. A autonomia gerada ainda não permite o surgimento dessas ilhas completamente independentes.

A cidade ainda é um lugar da modernidade, a realidade demonstra através do estudo de caso que Pelotas ainda é uma cidade fragmentada e não uma cidade metapolizada. A hipótese levantada de que Pelotas não tem os elementos desenvolvidos para produção espacial da metápoles se confirma.

Existem elementos constitutivos da sociedade que apontam para essa hipermodernidade e que também apontam para uma autonomização. Mas que na verdade a cidade ainda é muito conectada entre si e, portanto não há essa separação, isso caracteriza uma espacialidade moderna, pós-moderna e não hipermoderna.

Portanto o segundo objetivo que tem como ênfase utilizar o conceito de metápoles para tentar entender se o processo de metapolização ocorre na cidade de Pelotas, também podemos afirmar que não se efetiva. As metápoles são cidades independentes dentro de cidades e esse fenômeno também não ocorre espacialmente na cidade de Pelotas.

Ainda dentro dos resultados dessa análise final, é possível afirmar a que os habitantes da cidade de Pelotas apresentam em seu comportamento algumas influências da hipermodernidade, como o isolamento e ao mesmo tempo a inserção dos indivíduos na sociedade através do uso da internet e das redes sociais. Este é um processo cada dia mais intenso e presente na vida das pessoas independente de idade, classe e outros elementos que compõem a vida social.

Sobre as influências espaciais, podemos citar a chegada e o processo de implantação de condomínios fechados que possuem uma configuração independente e autônoma dentro das suas dependências. Esses empreendimentos estão em processo de implantação na cidade de Pelotas, o que comprova que as influências hipermodernas tendem a se especializar na cidade nos próximos anos.

Para finalizar, é importante enfatizar que as influências da hipermodernidade estão presentes nas regiões administrativas pesquisadas e conseqüentemente em toda a cidade de Pelotas. Cabe ressaltar que a hipermodernidade está presente no comportamento da sociedade atual e que no caso de Pelotas ela ainda não está presente no espaço, mas com o tempo esse processo vai se efetivar.

5. CONCLUSÃO

Inicialmente a pesquisa tinha como principal problema verificar em que medida o contexto da hipermodernidade está relacionado com a formação da identidade em casos concretos, que se efetivam espacialmente. Para atender essa problemática foi realizado um estudo de caso em duas regiões administrativas de Pelotas, a região administrativa do Fragata e do São Gonçalo.

A cidade de Pelotas possui sete regiões administrativas, mas somente dois lugares foram analisados, primeiramente o Fragata que é um bairro antigo e tradicional da cidade de Pelotas e o São Gonçalo que é um bairro de ocupação mais atual. Assim seria possível realizar uma verificação de lugares distintos dentro da cidade e também com formações distintas para analisar as diferenças existentes com relação a identidade dos moradores entre um bairro e outro.

A pesquisa ainda tinha como objetivo analisar o conceito de metápoles nesse contexto da hipermodernidade e também buscava entender se o processo de metapolização ocorre na cidade de Pelotas. A hipótese inicial da pesquisa se confirmou com a análise dos resultados dos trabalhos de campo, e assim percebe-se que esse fenômeno ainda não se efetivou espacialmente na cidade de Pelotas. Mas com base nas análises é possível destacar que existe uma possibilidade desse fenômeno ocorrer futuramente por conta de algumas mudanças que estão ocorrendo na cidade.

Os resultados da pesquisa vieram a partir da aplicação de uma metodologia qualitativa, com objetivo de entrevistar os moradores das regiões administrativas citadas anteriormente. Essa metodologia investigativa é muito utilizada nas pesquisas das ciências sociais e humanas onde a empiria é vista como um método de entender a sociedade. A pesquisa qualitativa busca entender os fenômenos que ocorrem na sociedade por isso ela foi utilizada.

A pesquisa realizou uma análise baseada nas entrevistas que possibilitou o entendimento da realidade atual dos dois bairros e também das possibilidades futuras de estruturação urbana na cidade de Pelotas. Além disso, a pesquisa utilizou como metodologia o protocolo de observação onde vários elementos que compõem a realidade dos dois bairros foram

identificados, fotografados e analisados. Ainda podemos citar como parte da metodologia, a pesquisa bibliográfica e os conceitos utilizados para a execução do trabalho.

No segundo capítulo a pesquisa traz uma discussão acerca do processo de modernização da sociedade com objetivo de contextualizar e explicar o caminho que a sociedade urbana traçou até chegar ao momento atual. Com base nesse contexto são explicados e fundamentados os objetivos da pesquisa.

Sendo assim, são trabalhados os conceitos de modernização numa perspectiva apresentada por Ascher (2002) que identifica as três revoluções urbanas decorrentes desse processo em que a sociedade está envolvida. E ainda, foram discutidos também o conceito de modernidade de acordo com Bauman (2001) que dá início a lógica de sociedade que se tem hoje, posteriormente foi trabalhado o conceito de pós-modernidade utilizando principalmente a obra de Harvey (1992).

No capítulo seguinte foram apresentadas discussões sobre os conceitos atuais que envolvem as cidades. Primeiramente é apresentado o conceito de hipermodernidade e na sequência o conceito de metápoles com objetivo de entender a sociedade atual e suas tendências no que diz respeito à identidade e a formação das regiões administrativas estudadas. Para explicar a hipermodernidade utiliza-se o conceito com base em Lipovetsky (2004), o conceito de metápoles foi trabalhado a partir de Ascher (1995) e outros pesquisadores como Naspoline (2009) e Rufí (2003).

Ainda no mesmo capítulo aparecem os conceitos de identidade urbana com base em Carlos (1996) e, por fim, o conceito de rizoma de acordo com Ferreira (2008), como um conceito que expressa o desenho da sociedade hipermoderna e sua relação com o desenho atual da cidade de Pelotas.

No último capítulo é trabalhado o conceito de bairro e também se discute sobre as regiões administrativas de Pelotas. Num segundo momento apresenta-se uma caracterização das duas regiões administrativas utilizadas para o estudo de caso. Primeiro da região administrativa São Gonçalo e posteriormente da região administrativa do Fragata.

Posteriormente são discutidos os resultados das entrevistas realizadas com os moradores de cada lugar analisando-os separadamente para ambos os

bairros. Depois disso, uma comparação dos resultados encontrados nos dois lugares e assim chega-se às respostas concretas encontradas para o estudo de caso em relação aos objetivos do trabalho. A análise desses resultados serão retomados e reforçados para a conclusão da pesquisa.

Dos resultados encontrados e já discutidos no capítulo anterior, cabe ressaltar a identidade das regiões administrativas pesquisadas, reforçando que o Fragata tem uma relação mais forte com seus moradores do que os moradores do São Gonçalo. Isso porque os moradores do Fragata demonstraram um pouco mais de afeição e conhecimento sobre o bairro, o mesmo não ocorreu de forma tão intensa e significativa com os moradores entrevistados no São Gonçalo.

Essas e outras manifestações dos moradores são elementos presentes nos questionamentos realizados e demonstram a relação da identidade com o lugar, no Fragata essas relações podem ser mais significativas por causa da consolidação do bairro na cidade. Esse bairro é um lugar muito importante para a cidade de Pelotas no contexto da sua formação também por isso o bairro é considerado importante não só para seus moradores, mas também para moradores de outras regiões administrativas de Pelotas.

Esse processo consolidado ainda não pode ser totalmente identificado no São Gonçalo, considerando que parte do lugar ainda está sendo ocupado. Na denominada região administrativa o processo de formação de identidade ainda está sendo construído. O São Gonçalo apresenta mais influências da hipermodernidade na sua formação porque esse processo de consolidação ainda está ocorrendo, diferentemente do que ocorre no Fragata que tem sua formação consolidada.

Com as entrevistas, é possível perceber que as influências hipermodernas, estão presentes no comportamento das pessoas, mas de fato elas não se efetivaram espacialmente. A maioria dos moradores entrevistados respondeu que não deixa de frequentar outros lugares que deseja fora da área ocupada pelo bairro que pertence, isso demonstra que as pessoas ainda circulam por várias partes da cidade, comprova que o isolamento e o processo de metropolização ainda não aconteceram na cidade de Pelotas.

Um dos fatores que comprovou que a população sofre influências de atividades e comportamentos ligados a hipermodernidade estão relacionados

ao uso da internet. As pessoas utilizam a internet não só para trabalhar, mas também para relações sociais, entretenimento entre outros. Um número significativo de pessoas disse ficar mais de três horas diárias em redes sociais e utilizando a internet como uma atividade de lazer, esse comportamento demonstra a presença dos hábitos hipermodernos no cotidiano dos indivíduos.

Para encaminhamentos finais, cabe retomar a questão principal da pesquisa que buscava verificar em que medida o processo da hipermodernidade está relacionado com a formação da identidade. Sobre este questionamento cabe destacar que a influência da hipermodernidade está presente nas atividades da sociedade, mas que no caso de Pelotas ela ainda não pode ser vista e materializada espacialmente.

Como citado no capítulo anterior, a cidade de Pelotas ainda está fortemente relacionada com as características presentes na cidade moderna. Assim cabe ressaltar que através dos resultados da pesquisa se pode afirmar que a cidade ainda possui elementos relacionados à fragmentação e não a metapolização, especialmente falando. Essa conclusão confirma a hipótese de que a cidade de Pelotas não tem uma configuração espacial metapolizada e hipermoderna.

Com a análise das entrevistas e do protocolo de observação destaca-se que existem elementos que apontam para uma sociedade hipermoderna e mais independente. Mas o que se pode observar através da análise espacial é que a cidade ainda é muito conectada entre si, existe uma dependência entre os lugares o que não efetiva uma separação expressa espacialmente. Portanto a cidade de Pelotas ainda é uma cidade moderna e pós-moderna.

O segundo objetivo do trabalho busca verificar se o processo de metapolização ocorre em Pelotas. Sendo assim, cabe afirmar que esse fenômeno não ocorre na respectiva cidade por conta principalmente dos elementos citados. Devemos lembrar que as metápoles são cidades independentes dentro de uma cidade maior, elas possuem identidade e características próprias, tal fenômeno não é perceptível na cidade de Pelotas.

Saindo um pouco da análise espacial se pode dizer que as influências hipermodernas estão presentes no comportamento dos habitantes da cidade, como por exemplo, o expressivo e crescente uso diário da internet que aumenta o isolamento que caracteriza uma sociedade cada vez mais

individualizada. Essas características são cada vez mais intensas e perceptíveis na vida das pessoas e compõem uma nova forma de se relacionar com outras pessoas.

Para concluir cabe ressaltar novamente as influências que a cidade de Pelotas vem sofrendo por conta da sociedade com comportamentos hipermodernos. Entre essas influências é possível citar a chegada de condomínios fechados que têm em sua formação inicial características independentes e autônomas na sua parte interna. Portanto empreendimentos com essas características já estão presentes na cidade e comprovam as tendências hipermodernas que Pelotas sofre e que se espacializarão nos próximos anos de desenvolvimento da cidade.

Ainda sobre a conclusão da pesquisa cabe destacar que os comportamentos hipermodernos estão presentes em todos os lugares da cidade. No entanto, no estudo de caso realizado na cidade de Pelotas esse fenômeno ainda não ocorreu efetivamente no espaço, mas a tendência é de que com o tempo a hipermodernidade seja também um elemento expresso espacialmente e não minimamente comportamental.

BIBLIOGRAFIA

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas – Gênese e Desenvolvimento Urbano (1779 – 1835)**. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

ASCHER, François. **Los Nuevos Principios Del Urbanismo**. Madri: Alianza, 2002

ASCHER, François. **Métapolis ou l'avenir des villes**. Paris: Editions Odile Jacob, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade**. Dourados-MS: UFGD, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLARK, DAVID. **Introdução à geografia urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CORREA, Roberto Lobato. **Espaço um conceito chave na Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo C. da Costa; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CRESWELL, John. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

ESTUDOS AVANÇADOS. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141992000100002&script=sci_artte> Acesso em 20 de Novembro de 2014.

FAORO, Raymundo. **A questão nacional: a modernização**. Estud. av. vol.6 no.14 São Paulo Jan./Apr. 1992.

FERREIRA, Flávia. **Rizoma: um método para redes**. Liinc em Revista, v.4, n.1, março 2008, Rio de Janeiro, p.28-40.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo, Edusp, 1993. IBGE. Censo Demográfico 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna: Uma Pesquisa Sobre a Modernidade**. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

LEFEBVRE, H. **La Revolución Urbana**. Madrid: Alianza. 1972.

LEFEBVRE, Henri, **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A Cidade do Capital**. Tradução Maria Helena Rauta Ramos e Marilena Jamour. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFEBVRE, Henri, **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Humanitas, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro: Um Estudo Sobre a História de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPEL/Livraria Mundial, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório **Os Passeios da Cidade Antiga. Guia Histórico das Ruas de Pelotas**. 2. Ed. revista. Pelotas, Armazém Literário, 2000.

MARX, Karl. **Para a Crítica da Economia Política**. Trad. Edgar Malagodi. Coleção Os Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, José de Souza (Org.) **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

NASPOLINI, Vicente. **Paradigmas do Urbanismo: A Contribuição de François Ascher**. Florianópolis, 2009.

OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. 2 Volumes. 3. Ed. revista. Organização e notas de Mário Osório Magalhães. Pelotas, Armazém Literário, 1997/1998.

PÊSSOA, Vera. **GEOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: um olhar sobre o processo investigativo**. Rio de Janeiro: Geo UERJ - Ano 14, nº. 23, v. semestre de 2012 p. 4-18

PREFEITURA MUNICIPAL E PELOTAS. III **Plano Diretor de Pelotas. Pelotas**: PMP, 2008.

RAMOS, S. M. P.; Conceição, Josuan Ávila de. **Espaço e Tempo na Formação Urbana de Pelotas - Rio Grande do Sul** - Brasil. In: 12º Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevideo. 12º Encontro de Geógrafos da América Latina. Uruguai: easyplanners, 2009. V.01.

RODRIGUES, Paulo Quintana; VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Geografia: Textos, Práticas e Reflexões**. Ed. UFPel, Pelotas, 2011.

RUFÍ, JOAN. **¿Nuevas palabras, nuevas ciudades?** REVISTA DE GEOGRAFIA vol. 2, 2003 / 79-103.

SANTOS, Milton. **Por uma nova Geografia**. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1978.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Ed. Hucitec. 1991.

SANTOS, Milton - **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora Hucitec. 1996.

SHIOTA, Ricardo Ramos. **Florestan Fernandes e a fundamentação empírica da sociologia no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **Paisagem e Memória: As diferentes Temporalidades do Presente**. In: GILL, Lorena Almeida; LONER, Ana Beatriz; MAGALHÃES, Mario Osório. **Horizontes Urbanos**. Pelotas: Armazém Literário, 2004.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A Fragmentação Social do Espaço Urbano: Uma Análise da (Re) Produção do Espaço Urbano em Pelotas, RS**. Porto Alegre, 1997.

VIEIRA, S. G. **O Centro Vive. O Espetáculo da Revalorização do Centro de São Paulo**. Tese de Doutorado. Rio Claro: Geografia, 2002.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. **A Cidade Fragmentada: o Planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2005.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO

Roteiro para Entrevistas:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Há quanto tempo mora no bairro?

Conhece o histórico de formação do bairro?

Onde compram, consomem (artigos de primeira e segunda necessidade)?

Onde estuda ou trabalha?

Onde faz suas refeições, em casa outros ?

Que lugares utiliza para lazer (onde passeia)?

Onde moram os amigos e familiares? Você os visita?

Deixa de ir a algum lugar da cidade que gostaria de frequentar? Qual o motivo?

Quanto tempo diário fica conectado(a) a internet?